



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO URBANO

MIRELA DAVI DE MELO

O PROJETO PAISAGÍSTICO E O BEM-ESTAR NA APROPRIAÇÃO DE PRAÇAS
EM JOÃO PESSOA, PARAÍBA

Recife
2019

MIRELA DAVI DE MELO

**O PROJETO PAISAGÍSTICO E O BEM-ESTAR NA APROPRIAÇÃO DE PRAÇAS
EM JOÃO PESSOA, PARAÍBA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Urbano.

Área de Concentração: Desenvolvimento Urbano

Orientadora: Prof^a. Dra. Ana Rita Sá Carneiro

Co-orientadora: Prof^a. Dra. Maria de Jesus Britto Leite

Recife

2019

Catálogo na fonte
Bibliotecária Andréa Carla Melo Marinho, CRB-4/1667

M528p	<p>Melo, Mirela Davi de</p> <p>O projeto paisagístico e o bem-estar na apropriação de praças em João Pessoa, Paraíba / Mirela Davi de Melo. – Recife, 2019. 152f.: il.</p> <p>Orientadora: Ana Rita Sá Carneiro. Coorientadora: Maria de Jesus Britto Leite. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, 2019.</p> <p>Inclui referências e apêndices.</p> <p>1. Paisagem. 2. Projeto paisagístico. 3. Bem-estar. 4. Praças. I. Carneiro, Ana Rita Sá (Orientadora). II. Leite, Maria de Jesus Britto (Coorientadora). III. Título.</p> <p>711.4 CDD (22. ed.)</p>	UFPE (CAC 2020-79)
-------	--	--------------------

MIRELA DAVI DE MELO

**O PROJETO PAISAGÍSTICO E O BEM-ESTAR NA APROPRIAÇÃO DE PRAÇAS
EM JOÃO PESSOA, PARAÍBA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Urbano.

Aprovada em: 16/08/2019.

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Ana Rita Sá Carneiro Ribeiro (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Professora Doutora Maria de Jesus de Britto Leite (Co-orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Professora Doutora Lúcia Maria de Siqueira Cavalcanti Veras (Examinadora
Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

Professora Doutora Luciana Andrade dos Passos (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Paraíba

Dedico aos meus pais, Neto e Dodora e ao meu irmão, Murilo.

AGRADECIMENTOS

Durante a realização desta pesquisa passei por diferentes acontecimentos, uns bons, outros ruins, mas todos, sem dúvida, contribuíram para o meu amadurecimento acadêmico e profissional. Sou grata a Deus e às pessoas que estiveram presentes durante essa jornada, as quais agradeço em separadamente:

A **Deus**, por todas as oportunidades que me foram dadas e por ser meu refúgio nos momentos mais difíceis, sendo sempre uma fonte inesgotável de força para prosseguir na caminhada.

À **Profa. Ana Rita Sá Carneiro**, que me recebeu gentilmente no Laboratório da Paisagem e me apresentou uma literatura da paisagem que me deixou encantada. Foi um norte nos momentos em que me senti perdida, sempre disponível e aberta ao diálogo. Sou grata pelas conversas que tivemos, pelos ensinamentos, pela compreensão e por me tirar da zona de conforto, me fazendo enxergar sob uma ótica que eu não estava habituada. A convivência ao longo desses dois anos e seis meses me fizeram nutrir admiração pela pessoa e professora que é. Gratidão!

À **Profa. Maria de Jesus Britto Leite**, por me apresentar os estudos da neurociência, pelas orientações, incentivo e pela delicadeza com que conduziu nossas conversas. Muito obrigada pelas contribuições!

Aos **meus pais**, pelo afeto, conselhos, cuidado e por se mostrarem sempre ao meu lado em todos os momentos. Ao meu pai por todas as vezes que me acompanhou nas viagens ao Recife, sem medir nenhum esforço, dividindo comigo conversas e sonhos, me dando todo o suporte que precisei. À minha mãe, por todas as palavras de apoio, pela dedicação, por me mostrar o quanto sou especial e por me lembrar da força e capacidade que tenho.

Ao meu irmão e melhor amigo, **Murilo**, por partilhar comigo as alegrias e aflições, sempre compreensivo e me incentivando a seguir em frente.

Às minhas amigas pelas conversas longas e por estarem sempre presentes, ouvindo e compartilhando experiências.

À amiga **Mirella Braga**, pelas caronas de João Pessoa ao Recife, pelas conversas que tornaram o trajeto mais agradável e pelos conselhos que muito sabiamente me deu.

Aos colegas do mestrado: **Andreza, Karla, Luísa e Vagner**, pela convivência agradável, pela troca de conhecimentos e por estarem sempre disponíveis para ajudar.

Às professoras **Julieta Maria de Vasconcelos Leite e Lúcia Maria de Siqueira Cavalcanti Veras**, pelas sugestões durante a defesa do projeto desta pesquisa.

A **Joelmir Marques da Silva**, pelas conversas no Laboratório da Paisagem, sempre com sugestões que contribuíram para realização desta pesquisa.

A todos os integrantes do Laboratório da Paisagem, pelas conversas, orientações e referências bibliográficas trocadas.

A todos os meus familiares por torcerem pelas minhas conquistas.

Aos funcionários do MDU, pelo suporte e paciência durante esses dois anos e seis meses.

À equipe da Secretaria de Infraestrutura da Prefeitura Municipal de Marí, pela compreensão nas ocasiões em que precisei me ausentar para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos colegas de trabalho da Faculdade Santa Maria, por dividirem momentos agradáveis e aprendizados.

A todos os professores do MDU pelas aulas e conhecimentos trocados e por serem uma fonte de inspiração na academia.

Aos membros da banca por aceitarem contribuir com esta pesquisa.

Aos funcionários da DIPLUR da Prefeitura Municipal de João Pessoa, pelos arquivos cedidos.

Por fim, a todos que contribuíram direta e indiretamente para realização desta pesquisa.

RESUMO

A praça é o espaço público predominante nas cidades brasileiras e seu uso pode variar de acordo com a localização, entre outros fatores, e, também, com o projeto. Na cidade de João Pessoa, as praças do bairro da Torre são bem utilizadas pela população, ou seja, apropriadas, porém mesmo tendo sido construídas a partir de um projeto, possuem diferenças nas formas de apropriação. E essa apropriação está de algum modo relacionada a um bem-estar, um certo prazer de desfrutar daquele espaço. Esta pesquisa tem como objetivo identificar aspectos do projeto paisagístico que podem proporcionar, ou não, o bem-estar paisagístico, à medida que as praças são apropriadas. Procurou-se tomar como referência, alguns projetos dos paisagistas Frederick Law Olmsted e Roberto Burle Marx buscando identificar dois princípios projetuais mais gerais e marcantes: o traçado e a representação da natureza. Por outro lado, sabendo que o bem-estar é um estado mental, os estudos neurocientíficos de Berthoz (1997) elencam três intenções: regularidade, surpresa e movimento, como necessidade fisiológica do cérebro humano para a formação do sentimento desse bem-estar. Essas intenções foram capturadas nos espaços por meio de observação, mapas comportamentais e entrevistas. Por fim, constatou-se que as praças apresentam em seus projetos paisagísticos, de forma limitada, a regularidade, a surpresa e o movimento e que as diferenças de apropriação acontecem devido à forma como essas intenções estão contempladas, ou não, no traçado, e na representação da natureza. As praças são apropriadas porque seus projetos contemplam, de forma satisfatória, a representação da natureza e, menos, o traçado. Nesse caso, a sensação de bem-estar está atrelada à presença significativa de espécies vegetais e, também, à oferta de atividades. Não se pode esquecer que a paisagem é muito mais do que está ali exposto e se expressa no laço afetivo com o lugar.

Palavras-chave: Paisagem. Projeto paisagístico. Bem-estar. Praças.

ABSTRACT

The square is the predominant public space in Brazilian cities and its use may vary according to location, among other factors, and with the project. In the city of João Pessoa, Torre neighborhood squares are well used by the population, that is, appropriate, but even having been built from a project, have differences in the forms of appropriation. This appropriation is somehow related to wellbeing, a certain pleasure to enjoy that space. The research aims to identify aspects of landscape design that may or may not provide landscape wellbeing as squares are appropriate. Some projects by landscape designers Frederick Law Olmsted and Roberto Burle Marx were taken as reference, seeking to identify two more general and striking design principles: layout and nature's representation. On the other hand, knowing that wellbeing is a mental state, Berthoz's (1997) neuroscientific studies list three intentions: regularity, surprise and movement as the physiological need of the human brain for the formation of the feeling of wellness. These intentions were captured in the spaces through observation, behavioral maps and interviews. Finally, it was found that the squares present in their landscape projects, in a limited way, the regularity, the surprise and the movement and the differences of appropriation happen due to the way these intentions are contemplated, or not, in the layout, and nature's representation. The squares are appropriate because their projects satisfactorily include nature's representation and less the layout. In this case, the sense of wellness is linked to the significant presence of plants species and the offer of activities. It must not be forgotten that the landscape is much more than what is exposed and it's expressed in the affective bond with the place.

Key words: Landscape. Landscape design. Well-being. Squares.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Mapa da cidade de João Pessoa com o bairro da torre em evidência.....	22
Figura 2 -	Plano de remodelação e extensão da cidade de João Pessoa elaborado por Nestor de Figueiredo.....	23
Figura 3 -	Delimitação do Bairro da Torre evidenciando seu traçado urbano.....	24
Figura 4 -	Arborização na Rua Clemente Rosas (A) e na Av. Corinta Rosas (B).....	25
Figura 5 -	Localização das praças e usos do entorno.....	26
Figura 6 -	Planta baixa da Praça São Gonçalo, adaptada do projeto disponibilizado pela PMJP.....	28
Figura 7 -	Vistas da Praça São Gonçalo.....	29
Figura 8 -	Vistas do entorno da Praça São Gonçalo.....	29
Figura 9 -	Planta baixa esquemática da Praça dos Ex Combatentes...	30
Figura 10 -	Vistas do entorno da Praça Ex Combatentes.....	31
Figura 11 -	Vistas da Praça Ex Combatentes.....	32
Figura 12 -	Planta baixa esquemática da Praça Ariosvaldo Silva.....	33
Figura 13 -	Vistas do entorno da Praça Ariosvaldo Silva.....	34
Figura 14 -	Vistas da Praça Ariosvaldo Silva.....	35
Figura 15 -	Planta baixa esquemática da Praça Pedro Gondim (projeto inicial)	36
Figura 16 -	Vista do entorno da Praça Pedro Gondim.....	37
Figura 17 -	Vista da Praça Pedro Gondim (projeto inicial)	38
Figura 18 -	Planta baixa esquemática da Praça Pedro Gondim (projeto atual)	39
Figura 19 -	Vista da Praça Pedro Gondim (projeto atual)	40
Figura 20 -	Síntese das cinco problemáticas paisagísticas de Besse....	48
Figura 21 -	Meios pelos quais o bem-comum paisagístico pode ser obtido.....	54

Figura 22 -	Fonte Anjo das Águas no Central Park.....	58
Figura 23 -	Mapa geral do Central Park com as divisões por áreas.....	59
Figura 24 -	A relação com os elementos naturais trabalhada no Central Park.....	61
Figura 25 -	Princípios do projeto paisagístico.....	62
Figura 26 -	Praça Euclides da Cunha desenhada por Burle Marx.....	68
Figura 27 -	Plana baixa da Praça Euclides da Cunha, elaborada pela EMLURB para a restauração do jardim.....	68
Figura 28 -	Perspectiva para o lago central da Praça de Casa Forte desenhada por Burle Marx.....	70
Figura 29 -	Planta da Praça de Casa Forte organizada por Burle Marx..	71
Figura 30 -	Ilustração para os três elementos para o bem-estar definidos por Berthoz.....	78
Figura 31 -	Síntese conceitual da pesquisa.....	80
Figura 32 -	Usos desenvolvidos nas praças.....	84
Figura 33 -	Quantidade de pessoas entrevistadas por praça.....	86
Figura 34 -	Síntese das etapas da pesquisa.....	87
Figura 35 -	Espaços de estar da Praça São Gonçalo.....	89
Figura 36 -	Fiteiro e bancos da Praça Ex Combatentes.....	90
Figura 37 -	Espaços de estar da Praça Ariosvaldo Silva.....	90
Figura 38 -	Espaços de estar da Praça Pedro Gondim (projeto atual) ...	91
Figura 39 -	Espaços esportivos da Praça São Gonçalo.....	92
Figura 40 -	Espaços esportivos da Praça Ariosvaldo Silva.....	93
Figura 41 -	Espaços esportivos da Praça Pedro Gondim.....	93
Figura 42 -	Bancos utilizados em cada praça.....	94
Figura 43 -	Mesas utilizadas em cada praça.....	95
Figura 44 -	Fiteiros e quiosque em cada praça.....	96
Figura 45 -	Plantas esquemáticas com destaque para os passeios, evidenciando os desenhos da Praça São Gonçalo e da Praça Ex Combatentes.....	96

Figura 46 - Plantas esquemáticas com destaque para os passeios, evidenciando os desenhos da Praça Ariosvaldo Silva e da Praça Pedro Gondim.....	97
Figura 47 - Canteiros em cada praça.....	99
Figura 48 - Intervenções nos canteiros na Praça Ariosvaldo Silva.....	99
Figura 49 - Esquema destacando os três elementos de Berthoz na Praça São Gonçalo.....	101
Figura 50 - Esquema destacando os três elementos de Berthoz na Praça Ex Combatentes.....	102
Figura 51 - Esquema destacando os três elementos de Berthoz na Praça Ariosvaldo Silva.....	103
Figura 52 - Esquema destacando os três elementos de Berthoz na Praça Ariosvaldo Silva.....	104
Figura 53 - Síntese das observações com destaque para as áreas mais apropriadas da Praça São Gonçalo.....	109
Figura 54 - Síntese das observações com destaque para as áreas mais apropriadas da Praça Ex Combatentes.....	111
Figura 55 - Síntese das observações com destaque para as áreas mais apropriadas da Praça Ariosvaldo Silva.....	114
Figura 56 - Síntese das observações com destaque para as áreas mais apropriadas da Praça Pedro Gondim.....	117
Figura 57 - Síntese das definições feitas pelos usuários das praças.....	119

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Síntese de como os três elementos estão contemplados nas praças.....	105
Tabela 2 - Síntese da quantidade de pessoas presentes em todas as observações realizadas na Praça São Gonçalo.....	108
Tabela 3 - Síntese da quantidade de pessoas presentes em todas as observações realizadas na Praça Ex Combatentes.....	110
Tabela 4 - Síntese da quantidade de pessoas presentes em todas as observações realizadas na Praça Ariosvaldo Silva.....	113
Tabela 5 - Síntese da quantidade de pessoas presentes em todas as observações realizadas na Praça Pedro Gondim.....	116
Tabela 6 - Síntese dos aspectos agradáveis e desagradáveis mais recorrentes nas respostas dos usuários.....	118

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	AS PRAÇAS DO BAIRRO DA TORRE.....	21
2.1	CARACTERIZAÇÃO GERAL DAS PRAÇAS.....	27
2.1.1	Praça São Gonçalo.....	27
2.1.2	Praça dos Ex Combatentes.....	30
2.1.3	Praça Ariosvaldo Silva.....	32
2.1.4	Praça Gov. Pedro Alberto de A. Coutinho Gondim.....	35
3	COMPREENDENDO A PAISAGEM.....	41
3.1	O PRINCÍPIO DO SENTIMENTO DE APREÇO PELA PAISAGEM.....	41
3.2	PAISAGEM: UMA NOÇÃO.....	44
3.3	JEAN-MARC BESSE E AS CINCO PROBLEMÁTICAS PAISAGÍSTICAS.....	47
4	O PROJETO PAISAGÍSTICO E O BEM-ESTAR: UMA EXPERIÊNCIA DE PAISAGEM.....	53
4.1	PRINCÍPIOS DO PROJETO PAISAGÍSTICO PARA O BEM-ESTAR.....	56
4.2	O BEM-ESTAR PAISAGÍSTICO: PRODUTO DA PAISAGEM ENQUANTO PROJETO.....	76
5	A BUSCA DO BEM-ESTAR NAS PRAÇAS.....	81
5.1	CONSTRUINDO CRITÉRIOS DE ANÁLISE DO PROJETO PAISAGÍSTICO PARA O BEM-ESTAR.....	81
5.2	PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS.....	83
5.2.1	Etapas da pesquisa de campo.....	83
6	EXPRESSÕES DO BEM-ESTAR PAISAGÍSTICO NAS PRAÇAS DO BAIRRO DA TORRE.....	88
6.1	ANÁLISE DO USO DAS PRAÇAS.....	88
6.2	AS PRAÇAS SOB A ÓTICA DOS USUÁRIOS.....	106
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121

REFERÊNCIAS.....	128
APÊNDICE A – OBSERVAÇÕES REALIZADAS EM CADA PRAÇA.....	133
APÊNDICE B – ENTREVISTA REALIZADA COM OS USUÁRIOS DAS PRAÇAS.....	134
APÊNDICE C – MAPAS COMPORTAMENTAIS.....	135

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo a noção de paisagem suplantou a ideia de meio ambiente natural e incorporou aspectos sociais, culturais e econômicos. Partindo da visão de um cenário natural, que existe de forma autônoma, o geógrafo e filósofo Augustin Berque (1994) compreende a paisagem como uma entidade relacional vinculada ao sujeito e que não é apenas vista, mas sim vivida.

Nesse sentido a Convenção Europeia da Paisagem a define como: “ [...] uma parte do território, tal como é apreendida pelas populações, cujo carácter resulta da ação e da interação de fatores naturais e ou humanos. ” (Artigo 1º da Convenção Europeia da Paisagem, 2005). A partir dessa perspectiva, depreende-se que a paisagem está no cotidiano dos indivíduos, não só no pensamento como nos lugares corriqueiros. A Carta da Paisagem das Américas (2018) expande essa discussão e afirma que a paisagem está vinculada às identidades e envolve aspectos culturais. É captada por uma experiência sensível e cognitiva com os sistemas vivos, naturais e culturais, que constituem uma totalidade resultante da interdependência entre eles.

Dentro desse contexto, é possível estudar a paisagem sob diversas óticas englobando campos disciplinares diferentes. Nesse sentido o historiador Jean-Marc Besse (2014) descreve cinco problemáticas para compreendê-la, sendo elas: uma representação cultural; um território formado pelas sociedades na história; um sistema que envolve natureza e cultura numa totalidade objetiva; como experiências sensitivas; e como um projeto. Essas abordagens permeiam desde a paisagem pictórica até a paisagem como uma experiência fenomenológica. O projeto paisagístico é uma dessas formas, principalmente por entender que a paisagem pode ser considerada um recurso para o urbanismo, com a capacidade de, nas mais diversas escalas, ordenar o espaço (BESSE, 2014).

Diante disso, o projeto paisagístico envolve aspectos tangíveis e intangíveis, pois por se tratar de um meio pelo qual a paisagem pode ser compreendida, comporta o meio físico e a subjetividade de quem o experimenta. Entende-se que por envolver esses aspectos a paisagem está vinculada ao lugar, conforme Norberg-Schulz (1976) o lugar é composto pelo meio físico (espaço) e pela imaterialidade (o caráter), o caráter é o que confere significado ao espaço. Nesse sentido, ao intervir em uma

paisagem, também está se intervindo em um lugar, ou seja, está diante de um meio físico impregnado de subjetividades.

Por isso, se pode questionar em que medida o projeto paisagístico interfere na vida das pessoas, já que a paisagem é vivida e não apenas assistida, conforme discutido por Berque (1994). Assim, a figura do paisagista mostra-se indispensável a essa discussão, uma vez que ele é o profissional responsável pela elaboração desses projetos.

Nesse contexto, ao observar praças de diferentes localidades na cidade de João Pessoa, principalmente as encontradas nos deslocamentos do cotidiano em direção ao centro, no Bairro da Torre, notou-se que, apesar de estarem em localizações similares e terem sido realizadas a partir de um projeto paisagístico, em algumas se percebe uma apropriação mais intensa por parte das pessoas e em outras não. Entende-se por **apropriação** o desfrute da praça por parte do indivíduo que constantemente desenvolve as mesmas atividades, frequenta o ambiente cotidianamente e há afetividade nessa relação. Já o **uso** é a utilização momentânea desprovida de vínculos afetivos.

A praça, de acordo com Burle Marx, existe desde a Antiguidade e na Grécia representava um espaço democrático, para debates, que provocava amenidades pela presença de árvores. Nas cidades medievais, consistiam em espaços pequenos, sem vegetação, mas que congregava a vida social e política. Foi mediante os problemas urbanísticos do século XIX, que a praça ajardinada se consolidou (TABACOW, 2004). Desde então, assumiu tal configuração e é definida por Sá Carneiro e Mesquita (2000) como um espaço com vegetação, ou não, que desempenha funções de circulação, lazer, recreação, composição paisagística e de equilíbrio ambiental.

A inquietação a respeito dessa temática iniciou-se pela admiração cultivada às praças, por parte da autora, e a constatação da carência de espaços como esses no bairro que sempre residiu, na cidade de João Pessoa. Durante sua infância viveu, juntamente com outros moradores do bairro, por volta de oito anos, almejando a construção de uma praça em um espaço vazio nas proximidades de sua residência, no entanto esse desejo coletivo não foi alcançado até o momento.

As praças foram construídas a partir de um projeto paisagístico e são apropriadas de formas distintas pela população e isso merece investigação. Dispõem de mobiliário, vegetação e outros atrativos, contudo, enquanto algumas delas são intensamente apropriadas, outras são menos. Tal realidade demonstra que o fato de ter projeto paisagístico não garante que a praça seja bem apropriada. A partir disso, se faz a seguinte indagação: **quais seriam as causas dessas disparidades, que fazem com que algumas praças projetadas sejam mais apropriadas que outras?**

De acordo com Sá Carneiro (2010), o projeto deve considerar os anseios sociais, além de outros aspectos como a relação com a paisagem. Sendo assim, a apropriação elucida a pertinência do projeto paisagístico. Nesse sentido, optou-se por ter como referência alguns projetos paisagísticos de Frederick Law Olmsted e de Roberto Burle Marx, que desenvolveram princípios projetuais nos quais a compreensão da paisagem e a apropriação são aspectos essenciais.

O engenheiro e geógrafo Pierre Donadieu (2013) com o intuito de responder a esse questionamento, frisa que o bem-estar humano pode resultar do trabalho do paisagista, desde que este saiba entender coerentemente a paisagem. O bem-estar, de acordo com o autor, é um sentimento mental individual que advém da satisfação interior e/ou exterior, podendo as pessoas ter ou não consciência dessa sensação e apenas se sentirem confortáveis no meio. Por estar vinculado à mente, o bem-estar é abordado com mais ênfase na psicologia, recebendo outras denominações, uma delas é a felicidade, como o indivíduo considera sua vida um conjunto de experiências positivas. (GIACOMONI, 2004)

Complementando esse pensamento, do ponto de vista da neurociência, salienta-se que o cérebro humano busca no ambiente estímulos para a manifestação do bem-estar em cada indivíduo. De acordo com Berthoz (1997), isso ocorre por meio da existência de três intenções: regularidade, surpresa e movimento, que podem ser encontrados de diversas formas nos mais variados ambientes. O autor destaca a necessidade de utilização dessas intenções pelo arquiteto, já que este é o profissional que projeta os espaços onde as pessoas vivem.

Nos projetos paisagísticos de Olmsted e Burle Marx essas intenções se fazem presentes no traçado e na representação da natureza, com a criação de áreas multifuncionais que viabilizam o contato social, a prática de atividades e a

contemplação. Seus projetos paisagísticos são pertinentes porque são guiados por princípios projetuais que além das dimensões artísticas, ecológicas e filosóficas, priorizam a apropriação e tornam a experiência mais prazerosa. Os paisagistas evidenciam a preocupação em propor ambientes que proporcionem o bem-estar. Isso pode acontecer por meio da troca entre o meio físico e a mente de cada um, logo, pensar em áreas com recursos que satisfaçam a essas necessidades dos usuários pode repercutir positivamente na vida humana, no sentido de que o indivíduo pode deleitar-se através das atividades oferecidas por esses espaços.

Entende-se, assim, que jardins, praças e parques podem oferecer meios para a manifestação do sentimento de bem-estar nas pessoas. Essa sensação de plenitude resulta das características físicas apresentadas por esses espaços, podendo ser maior ou menor de acordo com o projeto, a percepção e a apropriação dos usuários. O projeto pode tornar a experiência com o lugar agradável, por meio de soluções que façam com que o sujeito se sinta acolhido, seguro e, sobretudo, pertencente ao ambiente. Nesse caso é preciso seguir princípios compositivos, que por meio da regularidade, surpresa e do movimento, permitam que as pessoas se identifiquem como o meio. Essa relação acontece de forma muito pessoal em cada um e está vinculada a outros acontecimentos da vida.

Entretanto, a partir do aprofundamento da teoria, se sabe que o projeto que utiliza esses recursos procura atender as demandas subjetivas. A partir disso, enxerga-se um caminho para a compreensão da relação entre o projeto paisagístico e o bem-estar.

Portanto, este trabalho tem como objetivo **identificar quais aspectos do projeto paisagístico podem proporcionar, ou não, o bem-estar paisagístico, à medida que as praças são apropriadas**. Para isso adotou-se como objeto empírico as praças localizadas no bairro da Torre, em João Pessoa/PB. Ao total são quatro, de portes e contextos diferentes, sendo elas: Praça São Gonçalo; Praça dos Ex Combatentes; Praça Ariosvaldo Silva; e Praça Gov. Pedro Alberto de A. Coutinho Godim.

A Praça São Gonçalo, também conhecida como Praça Tiradentes, é a de maior porte, dispõe de áreas recreativas, bancos e canteiros com vegetação frondosa. Nesta se percebe uma apropriação mais intensa pela população. Já a Praça dos Ex

Combatentes é pequena e por isso apresenta apenas bancos, vegetação e um fiteiro com venda de lanches. Sua apropriação acontece em proporções menores.

A Praça Ariosvaldo Silva, conhecida por algumas pessoas como a Praça do Fruta-Pão, tem um projeto simples, com a disposição de atividades recreativas, bancos, canteiros com vegetação e um fiteiro. É apropriada também em menor proporção. Por último, a Praça Gov. Pedro Alberto de A. Coutinho Godim é caracterizada pela presença da vegetação e pela existência de um quiosque, sua apropriação é menor que a da Praça São Gonçalo.

A pesquisa se desenvolveu a partir de duas etapas: aporte conceitual e pesquisa de campo. Na primeira etapa o conhecimento dos estudos de autores como Besse e Donadieu foi essencial nesse processo de compreensão da problemática, assim como os princípios projetuais dos paisagistas Olmsted e Burle Marx e os estudos neurocientíficos de Berthoz (1997). A pesquisa de campo se deu por meio de uma análise visual com a identificação dos usos nas praças, assim como a elaboração de mapas comportamentais e entrevistas com os usuários.

Esta dissertação estrutura-se da seguinte forma: No primeiro capítulo, se faz um panorama geral sobre o objeto de estudo e sua contextualização na cidade de João Pessoa. Evidenciando as principais características que levaram à discussão que esta pesquisa se propõe.

No segundo capítulo, é feito uma explanação sobre como se inicia o sentimento de apreço pela paisagem, além disso, é abordado como ela pode ser uma fonte de bem-estar nas cidades e as diferentes formas pelas quais ela pode ser compreendida. Aqui, salienta-se a apreensão da paisagem como projeto e o bem-estar como produto dessa apreensão.

Seguindo para o terceiro capítulo, onde o embasamento teórico amplia os horizontes para a compreensão do que é constituído o projeto paisagístico capaz de provocar bem-estar nas pessoas. Nesse sentido, a busca por princípios projetuais é orientada a partir do estudo das obras dos paisagistas Frederick Law Olmsted e Roberto Burle Marx. Assim como, se recorre à neurociência para entender quais elementos existentes no projeto estão intimamente conectados ao cérebro humano, já que o bem-estar é um estado mental.

O quarto capítulo, traz a descrição da metodologia desenvolvida para análise das praças por meio de seus projetos paisagísticos. Neste capítulo encontram-se todos os procedimentos realizados nas duas etapas da pesquisa e as técnicas utilizadas para coleta e análise dos dados.

Por último, no quinto capítulo, são feitas as análises das praças que constituem o objeto empírico da pesquisa, seguindo o percurso metodológico desenvolvido anteriormente, a fim de identificar a presença dos princípios e elementos do projeto paisagístico para o bem-estar. A pesquisa de campo, juntamente com o embasamento teórico permitiram responder as perguntas realizadas inicialmente.

Ao término da pesquisa se pôde notar que procede a ideia de que as praças são apropriadas de formas distintas. Possuem localizações próximas e projetos paisagísticos que seguem princípios projetuais similares, todavia as pessoas fazem usos peculiares em cada uma. Isso acontece devido à forma como os elementos: regularidade, surpresa e movimento, são trabalhados, ou não, nos projetos paisagísticos das praças. Porém, se verificou que em alguns casos, o projeto paisagístico exerce pouca influência sobre o bem-estar sentido e a apropriação está mais atrelada à presença significativa das árvores que é o elemento natural predominante.

2 AS PRAÇAS DO BAIRRO DA TORRE

João Pessoa, capital do estado da Paraíba, é um município de porte médio com população de 723.515 habitantes e densidade demográfica de 3.421,28 hab/km² (censo 2010). De acordo com a PMJP¹, a cidade conta com oito espaços públicos de lazer de maior visibilidade, sendo eles: o Jardim Botânico Benjamim Maranhão, a Praça João Pessoa, a Praça Pedro Américo, a Praça André Vidal de Negreiros (Ponto do Cem Réis), a Praça Venâncio Neiva (Pavilhão do Chá), o Parque da Lagoa, o Parque Arruda Câmara e a Praça da Independência. Com exceção do Jardim Botânico, os demais parques e praças estão localizados na área central da cidade e apresentam-se conservados, têm forte ligação com o patrimônio arquitetônico e encontram-se dentro da poligonal de tombamento delimitada pelo IPHAEP².

Essa realidade demonstra a ligação da concentração desses espaços voltados ao lazer com a fundação da cidade. De acordo com Nogueira (2000), a cidade de João Pessoa tem sua fundação inicial entre uma colina e o vale do rio Sanhauá, posteriormente, ao longo dos anos, foi se expandindo acima da colina em direção ao sul. Anos depois cresce na direção leste, ocupando até as praias de Tambaú e Cabo Branco, que de forma lenta, mas contínua, adquiriu configuração urbana. Vale salientar que a área central não apresenta homogeneidade em sua ocupação e usos. A cidade baixa é menos valorizada que a alta, fato que pode ser percebido pelo valor do solo urbano e a implantação de equipamentos e comércios.

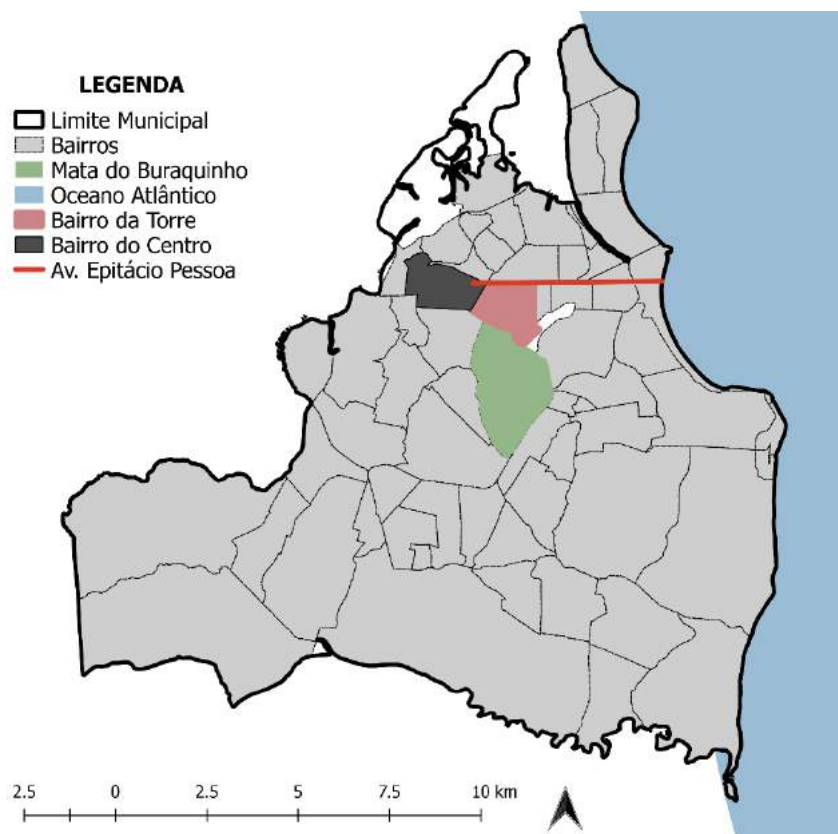
A partir da década de 1970, o Centro Antigo passou a não comportar os novos e modernos investimentos, ocasionando a expansão em direção aos bairros, principalmente os mais próximos ao centro. Um dos eixos de expansão da cidade foi a Avenida Epitácio Pessoa, sendo uma das principais de João Pessoa, corta cinco bairros: Torre, Bairro dos Estados, Expedicionários, Tambauzinho e Miramar. Nas décadas de 1970 e 1980, transformou-se em uma área supervalorizada com diversos comércios e prestação de serviços, em sua maioria, voltados para um segmento populacional de maior poder aquisitivo, segundo Nogueira (2000). Dessa forma, a autora ainda discorre que a Avenida Epitácio Pessoa desempenhou um papel

¹ Prefeitura Municipal de João Pessoa (2018)

² Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba

importante para a valorização do seu entorno e isso inclui o bairro da Torre que comporta as praças objeto desta pesquisa (Figura 1).

Figura 1 – Mapa da cidade de João Pessoa com o bairro da torre em evidência.



Fonte: Elaboração própria (2019).

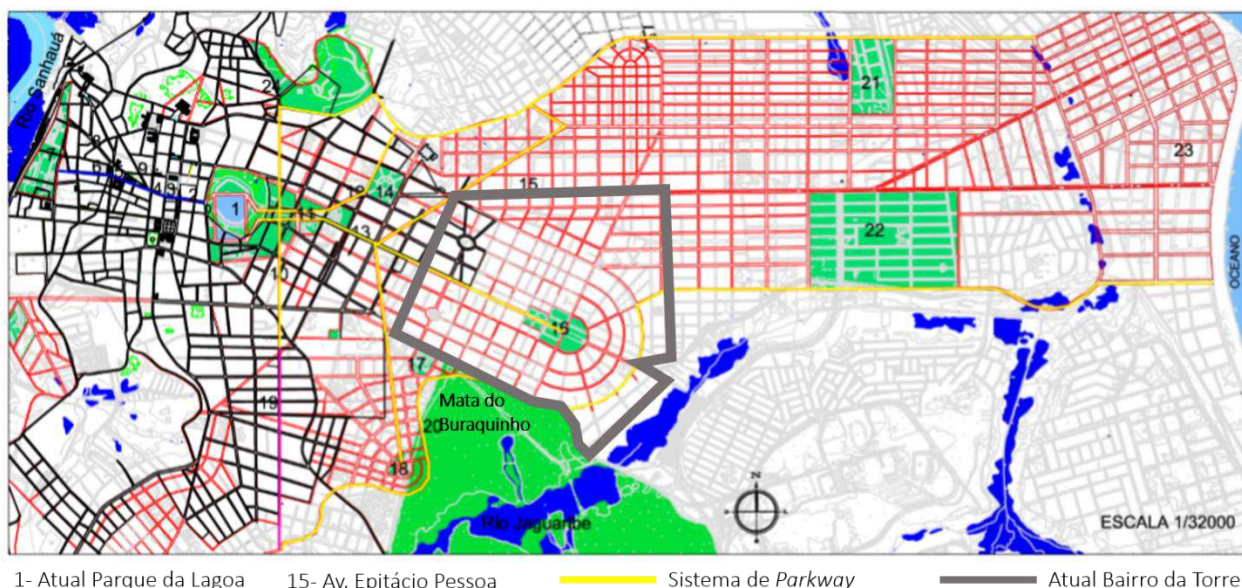
De acordo com Santos e Moura Filha (2009), o bairro foi planejado por Nestor Egydio de Figueiredo³, em 1932, e possui morfologia diferenciada dos demais setores da cidade, apresentando-se ora ortogonal e ora em forma de leque. Segundo Araújo (2007) Nestor De Figueiredo projetou um plano de remodelação e expansão para a capital paraibana, que tinha como característica um sistema viário marcante, denominado de *Parkway*. A abertura de novas vias visou conectar facilmente diferentes pontos na cidade, seguindo os aspectos da urbanística moderna. Como resultado disso, ruas, praças e parques passaram a compor o tecido urbano da cidade.

³ Engenheiro-Arquiteto natural de Pernambuco. Graduado pela Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro, onde trabalhou como Professor. Foi presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil na década de trinta.

O plano pretendia construir uma cidade jardim, com setorização de usos e funções, e sua expansão. Além disso, buscava-se uma articulação entre os bairros, a área central e a orla, principalmente por meio de vias e transportes. Houve implementação do verde no sistema viário, onde prezou-se pela arborização de ruas e praças, principalmente as que constituíam a *Parkway*. (ARAÚJO, 2007)

O bairro da Torre é delimitado pela Av. Epitácio Pessoa e a Mata do Buraquinho, sendo cortado por uma avenida significativa para a cidade, a Av. José Américo de Almeida, também conhecida popularmente como Beira-Rio, essa avenida constituía uma *Parkway* prevista no plano de Nestor de Figueiredo, conforme a figura 2.

Figura 2 – Plano de remodelação e extensão da cidade de João Pessoa elaborado por Nestor de Figueiredo.

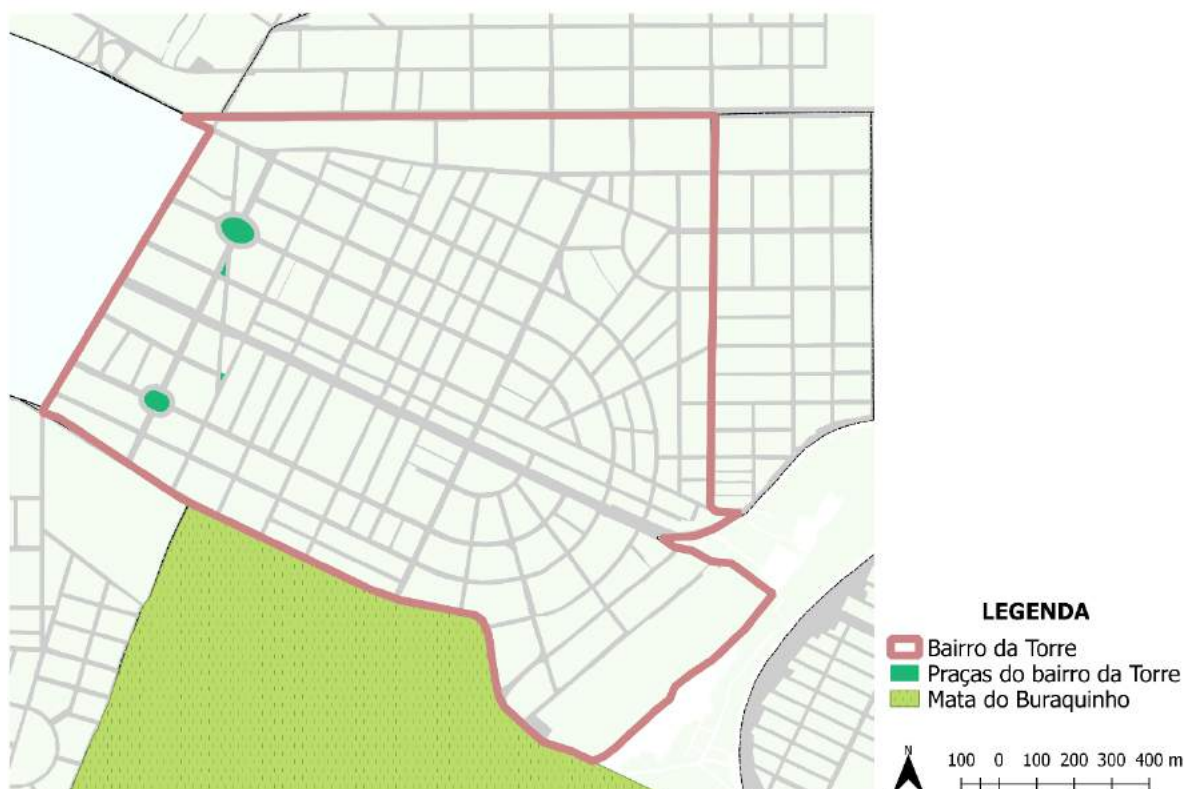


1- Atual Parque da Lagoa 15- Av. Epitácio Pessoa Sistema de Parkway Atual Bairro da Torre

Fonte: Adaptado de Araújo (2007).

Nesse sentido, Nogueira (2000, p.112) afirma que “[...] o bairro possui uma malha de vias ortogonais bem como um trecho que é radial e concêntrico – composição essa inexistente em qualquer outra parte da cidade.” Essa peculiaridade marca o tecido urbano de João Pessoa e torna-se uma característica marcante do bairro. (Figura 3)

Figura 3 – Delimitação do Bairro da Torre evidenciando seu traçado urbano.



Fonte: Elaboração própria (2019).

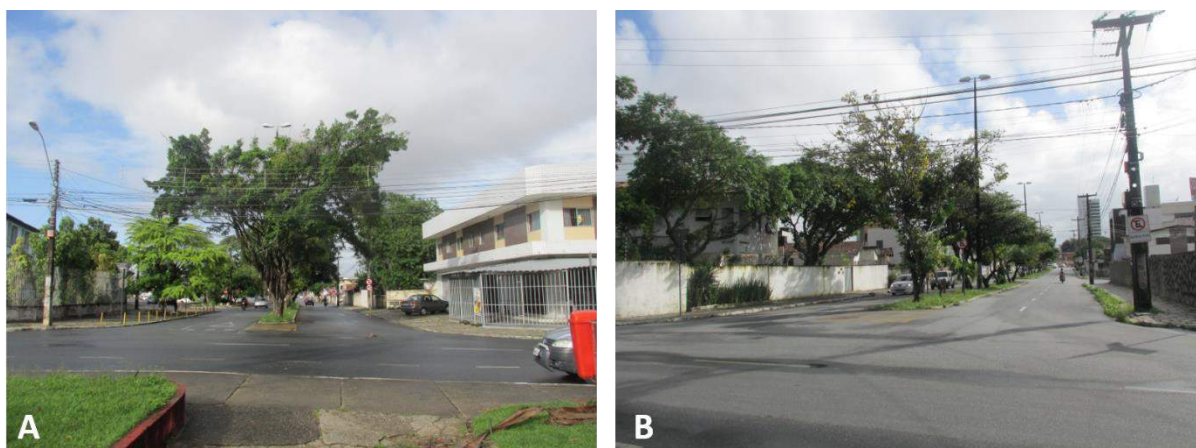
De forma mais evidente, nos anos de 1990 a Torre assumiu posição de destaque dentro do novo contexto urbano atraindo investimentos que repercutiram na construção de sua paisagem. Considerado, ainda, um bairro tradicional, tem como predominante o uso misto que reúne áreas residenciais, comerciais, institucionais e de oferta de serviços, portanto, com dinâmicas distintas, fato que possibilita diversos cenários urbanos em localidades próximas. Há a implantação de grandes equipamentos urbanos e de serviços voltados para a saúde, sendo outra característica emblemática do bairro. (NOGUEIRA, 2000)

A exemplo dessa variedade de usos enfatiza-se que:

[...] ao lado das avenidas centrais, com modernos equipamentos destinados ao comércio e à prestação de serviços, existem ruas tradicionais eminentemente residenciais, um significativo número de vilas habitadas por famílias de trabalhadores de baixa renda, além de casas de palha e mocambos espalhados pelo interior do bairro. Essa paisagem urbana, às vezes contrastante, é o testemunho vivo de uma resistência remanescente ao novo e ao moderno incorporados ao bairro em seu constante processo de mudança. (NOGUEIRA, 2000, p.113)

Com isso, se percebe que a Torre é um bairro importante para a cidade de João Pessoa, que apresenta relação com o Centro da cidade e que é alvo de interesse no âmbito municipal, devido à concentração de variadas atividades. Seu traçado permite o rápido acesso do centro à orla. A diversidade da paisagem urbana que abriga edificações contemporâneas e antigas residências é outra característica singular do bairro. Além da presença da Mata do Buraquinho na delimitação do bairro que marca a paisagem não só da Torre, mas da cidade. A presença de elementos vegetais no bairro é frequente, principalmente nos canteiros centrais de algumas ruas, fato que contribui para a formação de uma paisagem urbana com a representação da natureza, decorrente do plano de Nestor de Figueiredo para a cidade. E é nesse contexto que as praças estudadas se inserem (Figura 4).

Figura 4 – Arborização na Rua Clemente Rosas (A) e na Av. Corinta Rosas (B).

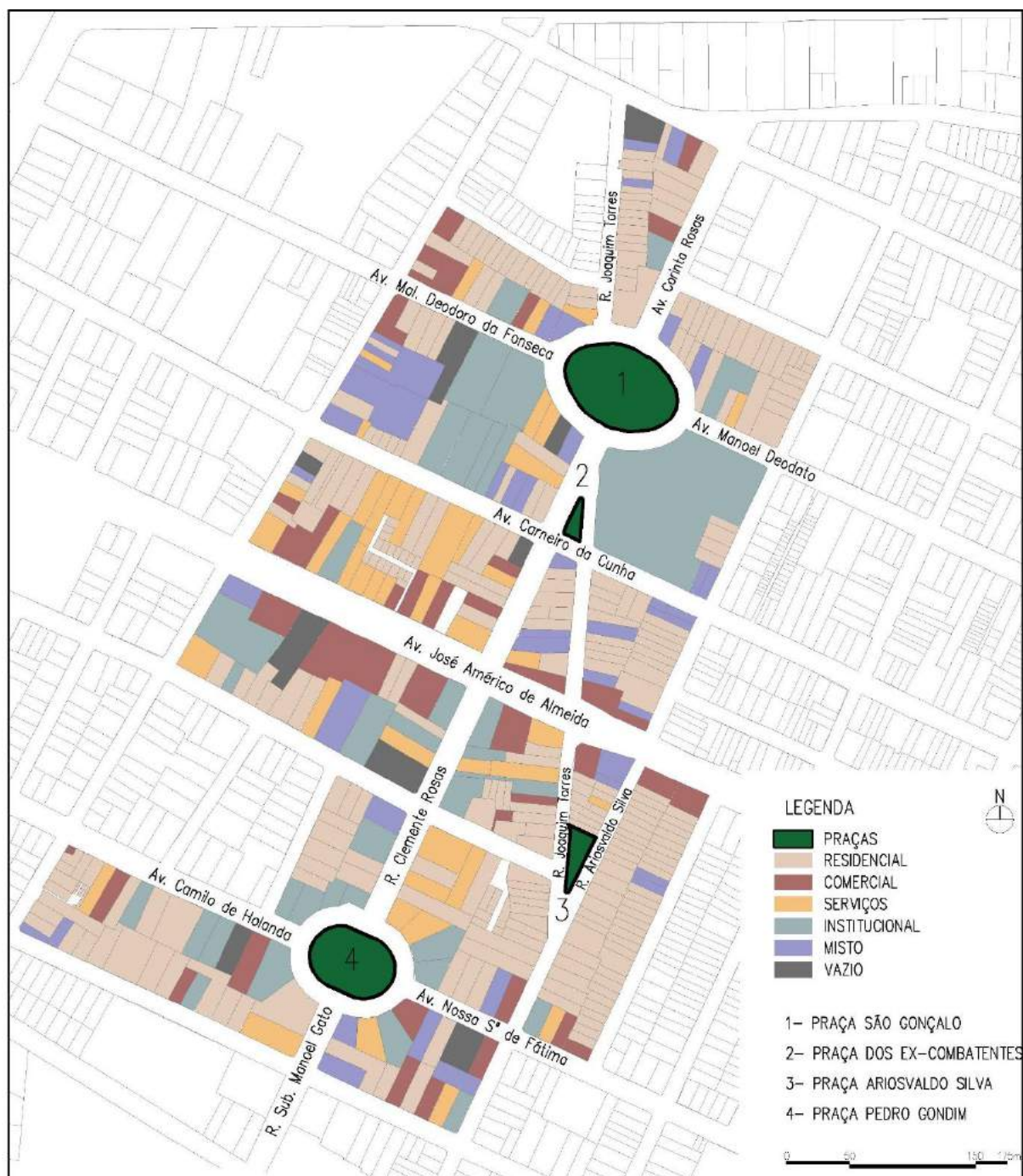


Fonte: Acervo pessoal (2019).

Como já dito anteriormente, o bairro da Torre na cidade de João Pessoa, dispõe de quatro praças: Praça S. Gonçalo (1), Praça dos Ex Combatentes (2), Praça Ariosvaldo Silva (3) e Praça Gov. Pedro Alberto de A. Coutinho Gondim (4). Para compreender melhor as inserções das praças, no bairro e na cidade, a seguir, na figura 5, podem ser observados os usos do entorno.

Observando o mapa de localização, pode-se perceber que as praças são conectadas, e formam um pequeno sistema de espaços públicos de lazer. Essa existência de um sistema de espaços livres não é comum em outras áreas da cidade de João Pessoa.

Figura 5 – Localização das praças e usos do entorno.



Fonte: Elaboração própria (2019).

Essa característica conduziu a atenção para essas praças, pois essas condições permitem que em localidades próximas se tenham contextos e apropriação diferentes. Os usos são diversificados e predominam peculiarmente em cada uma. Há duas praças maiores, com características de rotatórias, que estão situadas em eixos viários de fluxo mais intenso e simétricos em relação a Av. José Américo de Almeida,

umas das principais da cidade. As outras praças, também se assemelham entre si, constituem bifurcações de ruas locais, adquirindo formatos triangulares.

2.1 CARACTERIZAÇÃO GERAL DAS PRAÇAS

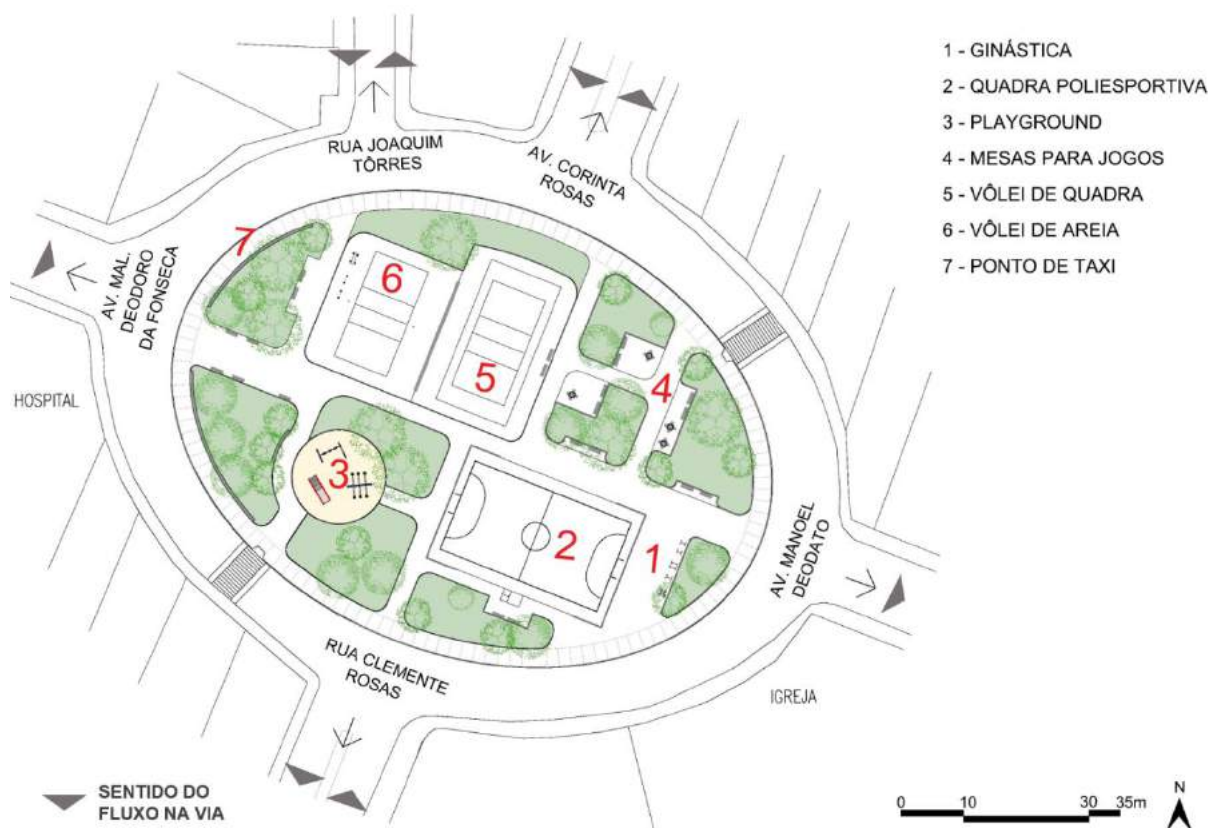
As praças do bairro da Torre apresentam, de modo geral, usos que variam de acordo com suas áreas. Onde a praça de maior porte congrega desde atividades esportivas até as contemplativas, e as de menor porte têm suas estruturas voltadas às áreas de permanência e convívio. Essa característica de reunir em um mesmo local várias opções de lazer é oriunda dos parques urbanos, que além de uma área com elementos vegetais destinadas à contemplação, dispõem de infraestrutura para a recreação ativa, assim como as atividades culturais. A existência de praça com essa característica se deve à busca por oportunidades de lazer e atividades corriqueiras sem a necessidade de um deslocamento até um parque público, mais distante das habitações. (SÁ CARNEIRO, 2010)

Esse tipo de praça é muito comum na cidade João Pessoa, pois a maioria dos espaços públicos de lazer projetados apresenta essa diversidade na oferta de atividades. Todas as praças do bairro foram projetadas pela equipe técnica da Prefeitura Municipal, por isso não se tem a autoria dos projetos destinada a um só paisagista. Mas só foi possível obter os projetos da Praça Pedro Gondim e da Praça São Gonçalo. Para analisar as demais, foram necessários fazer os levantamentos físicos. A seguir se iniciarão as análises das praças estudadas nesta dissertação.

2.1.1 Praça São Gonçalo

Por ser de formato circular, cinco ruas, de diferentes áreas da cidade, têm acesso direto à Praça São Gonçalo, sendo elas: R. Clemente Rosas, Av. Mal. Deodoro da Fonseca, Av. Joaquim Tôrres, Av. Corinta Rosas e Av. Manoel Deodato. A rua que a circunda é denominada de Praça Tiradentes, a praça também é conhecida por algumas pessoas por essa nomenclatura. Os fluxos das ruas circundantes acontecem em sentido único na Av. Mal Deodoro da Fonseca e na Av. Manoel Deodato, nas demais avenidas e rua o fluxo é duplo, conforme representado na Figura 6.

Figura 6 – Planta baixa da Praça São Gonçalo, adaptada do projeto disponibilizado pela PMJP.



Fonte: PMJP adaptada pela autora.

A praça apresenta acessibilidade com rampas e sem obstáculos intransponíveis por todo o espaço. A pavimentação em cimento encontra-se em bom estado e está presente tanto na calçada circundante como internamente nas áreas de recreação e convívio. Um estacionamento é disposto por todo o seu perímetro. A praça conta com uma área de aproximadamente 5.544m².

A atividade mais comum na praça e mais expressiva é a esportiva, por meio de quadra de futsal, vôlei de areia e de quadra. Além disso, apresenta áreas onde é possível a prática dos jogos de tabuleiros. Possui *playground* com brinquedos para as crianças e espaço com equipamentos de ginástica. A existência de calçadas pavimentadas possibilita a caminhada, como observado *in loco*. Tais descrições comprovam a diversidade de atividades e usos que o espaço proporciona, para diferentes faixas etárias. (Figura 7)

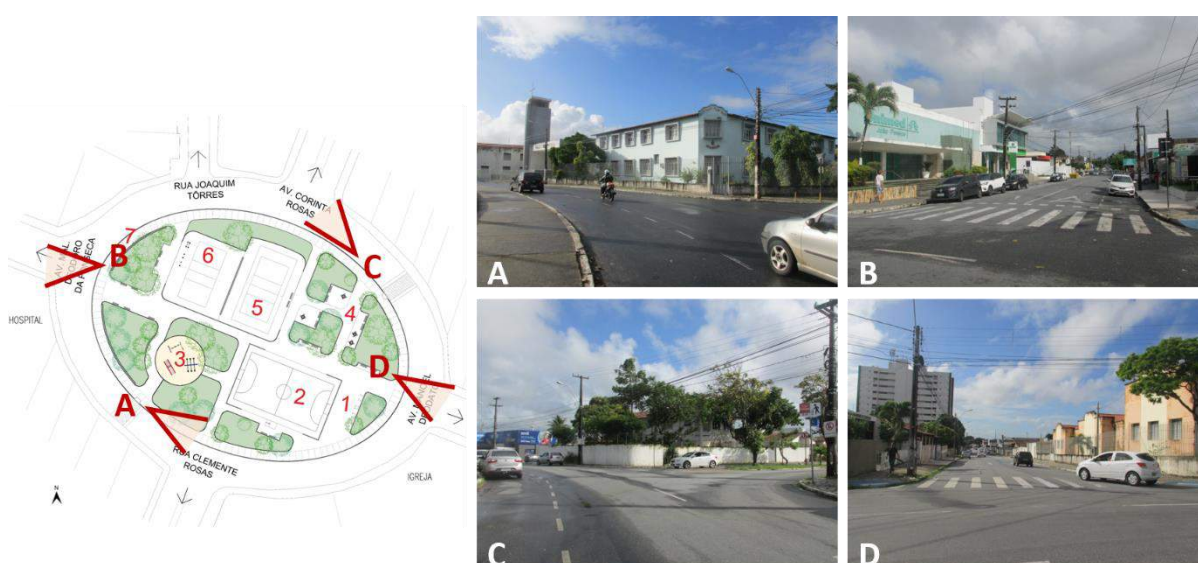
Figura 7 – Vistas da Praça São Gonçalo.



Fonte: Acervo pessoal (2017).

O seu entorno tem uso diversificado abrangendo o uso residencial, institucional, comércio e serviços. Há maior predominância do uso residencial seguido do institucional, esse último em contato mais direto com a praça, representado pela Igreja São Gonçalo e o Hospital Unimed (Figura 8).

Figura 8 – Vistas do entorno da Praça São Gonçalo.



Fonte: Acervo pessoal (2019).

Com relação ao traçado da praça, observa-se que as atividades listadas foram agrupadas de forma aleatória ao formato natural do sítio. A delimitação dos canteiros e as áreas de atividades resulta em uma setorização que não segue uma ordem criativa ligada às características formais pré-existentes. O desenho permite conexões de um lado ao outro, mas não harmoniza com o formato circular do terreno.

2.1.2 Praça dos Ex Combatentes

A praça está situada entre as ruas Clemente Rosas, Joaquim Torres, e a avenida Carneiro da Cunha. Possui formato triangular e apresenta-se como um espaço residual entre as referidas ruas. Os fluxos nas ruas circundantes variam de sentido único e duplo, conforme pode ser observado na figura 9. A praça não apresenta rampas acessíveis e seu piso é pavimentado com pedra.

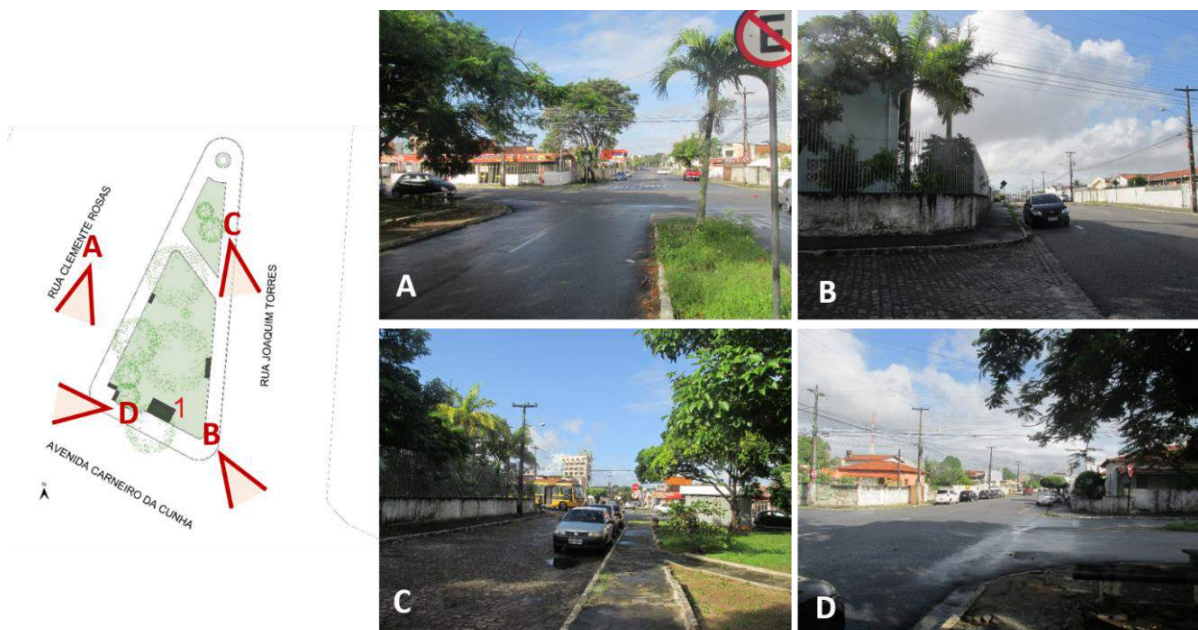
Figura 9 – Planta baixa esquemática da Praça dos Ex Combatentes.



Fonte: elaboração própria (2019).

O entorno é caracterizado pela predominância do uso institucional, marcado pela presença da igreja na rua Joaquim Torres. Além desse uso, há, em segundo plano, o uso residencial. (Figura 10)

Figura 10 – Vistas do entorno da Praça Ex Combatentes.

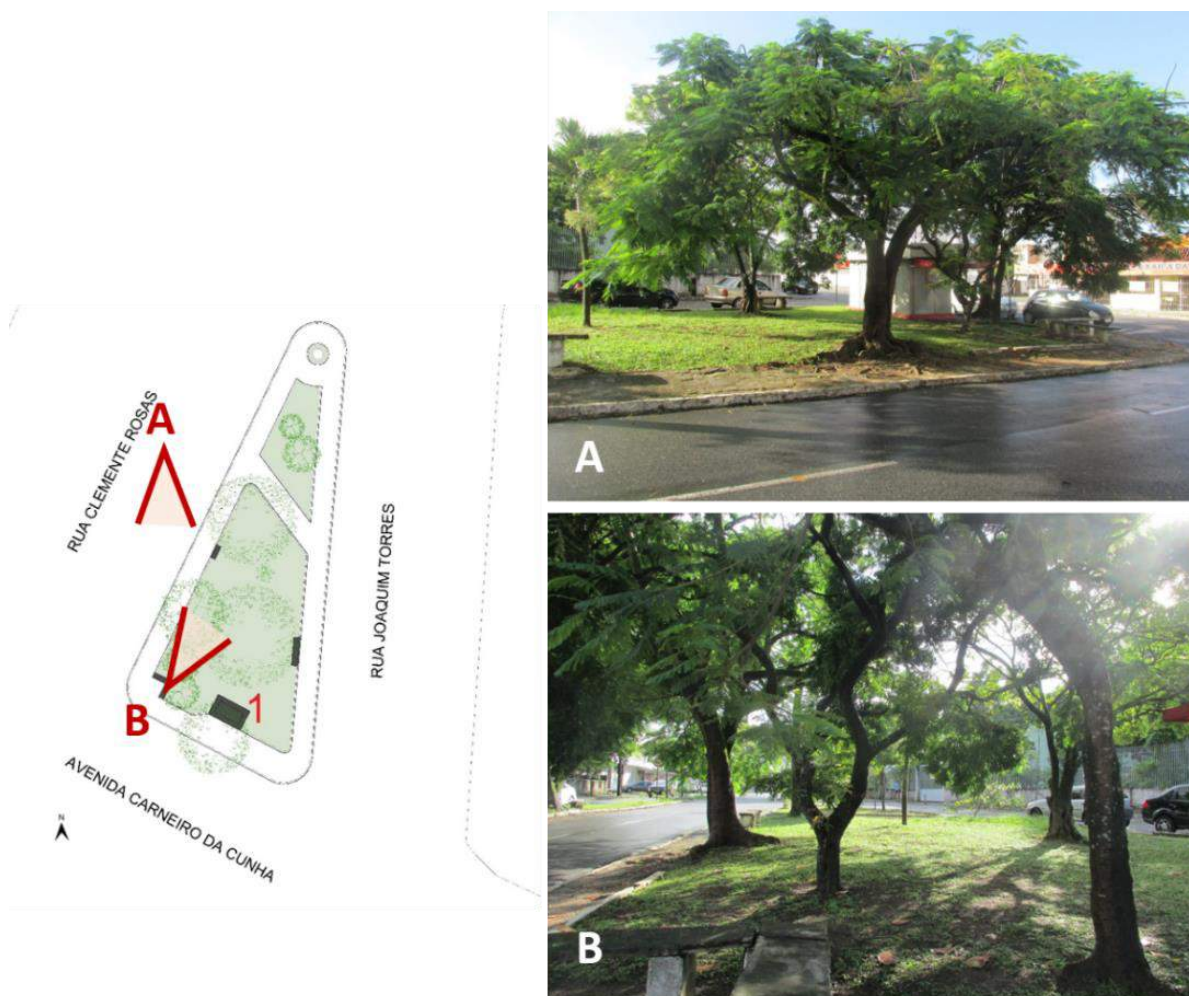


Fonte: Acervo pessoal (2019).

Apesar de não ter sido encontrado o projeto paisagístico da praça, nota-se que a prefeitura interviu na área e que de alguma forma o espaço foi pensado. Não é destinada ao desenvolvimento de atividades esportivas, pois se trata de um espaço pequeno, resultante entre vias. No entanto viabiliza a contemplação. A rua Joaquim Torres é utilizada como estacionamento, fato que contribui para atrelar esse uso à praça, essa rua, diferente das demais que delimitam a praça, possui tráfego lento.

Basicamente, o traçado propõe um canteiro central e calçada em todo o seu perímetro. Há um fiteiro com venda de comidas e bebidas, voltado para a Av. Carneiro da Cunha, que é onde as pessoas costumam se reunir. A praça é bem arborizada e proporciona grandes áreas sombreadas, porém o projeto não tira partido desses elementos naturais, há poucos bancos e estes encontram-se localizados ao longo da calçada de contorno da praça (Figura 11).

Figura 11 – Vistas da Praça Ex Combatentes.



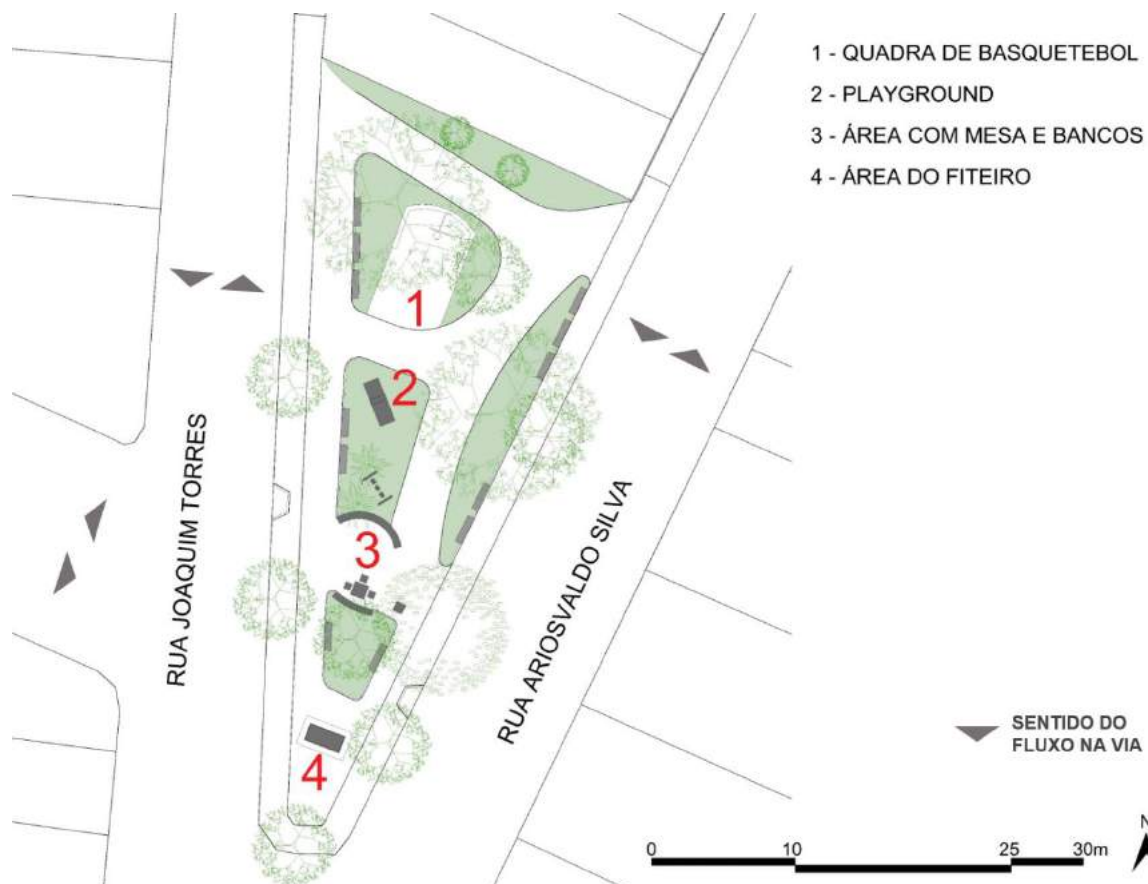
Fonte: Acervo pessoal (2019).

Se percebe que não houve o cuidado de pensar em um projeto mais elaborado para a praça, talvez pelo fato da mesma ser de pequeno porte, com apenas 272 m².

2.1.3 Praça Ariosvaldo Silva

A praça Ariosvaldo Silva apresenta forma triangular e está delimitada pelas ruas Joaquim Torres e Ariosvaldo Silva. O outro lado é adjacente à um lote, pois a praça encontra-se na extremidade de uma quadra. Os fluxos por essas ruas são de sentido duplo e dão acesso à Av. Ministro José Américo de Almeida e à Av. Nossa Sra. de Fátima, avenidas de grandes fluxos na cidade de João Pessoa. Também é conhecida pelos moradores como Praça do Fruta-Pão, devido a existência dessa árvore frutífera no local (Figura 12).

Figura 12 – Planta baixa esquemática da Praça Ariosvaldo Silva.

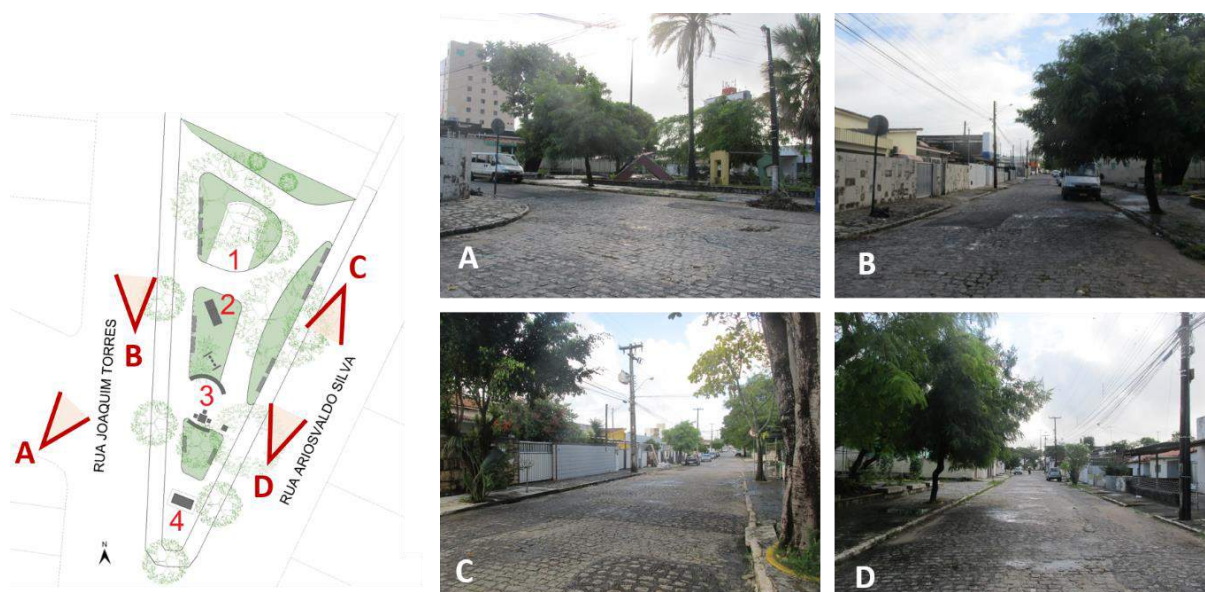


Fonte: elaboração própria.

Apesar de suas ruas circundantes estarem conectadas às duas avenidas de intenso tráfego, a praça é pouco visível dentro da malha urbana e desconhecida pela maioria da população da cidade. Há a preocupação com a acessibilidade, percebida pela instalação de rampas em alguns pontos. A pavimentação é feita em pedra por toda sua extensão.

O entorno imediato da praça é predominantemente residencial, apresenta pouca movimentação de pessoas e veículos. Essa característica, além das atividades e a área, diferencia esta praça das demais. Contudo, há a presença de pontos comerciais e de uso misto nas extremidades das quadras, em maior contato com as avenidas supracitadas. (Figura 13)

Figura 13 – Vistas do entorno da Praça Ariosvaldo Silva.

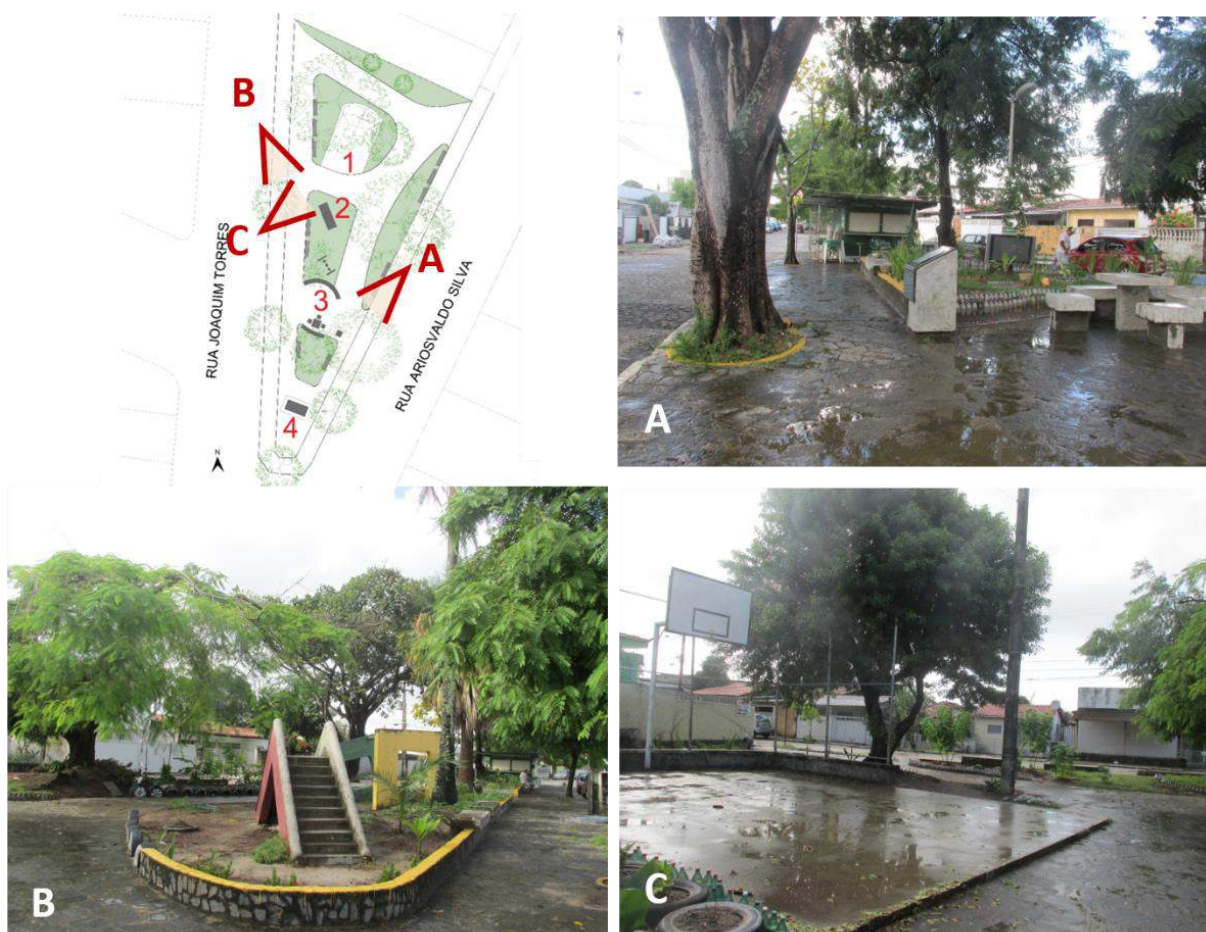


Fonte: Acervo pessoal (2019).

Por ser de pequeno porte, totalizando uma área de aproximadamente 642 m², a praça concentra menos usos que a Praça São Gonçalo. Embora não tenha sido encontrado seu projeto paisagístico junto a prefeitura, ao observá-la, é perceptível que o espaço foi planejado. No geral é voltada para a contemplação e para atividades lúdicas. Há a presença de uma estrutura voltada para a prática do basquetebol, no entanto está desativada por falta de manutenção, não apresenta a cesta. Um *playground* é disposto com escorrego e balanços, também danificados. Além disso, há mesas para jogos de tabuleiros.

O público-alvo é o infanto-juvenil e o idoso. As atividades estão delimitadas dentro de um desenho de piso que organiza a praça a partir de canteiros com formas orgânicas. Em algumas partes o desenho tenta seguir as formas da praça, mas no geral não apresenta relação com as linhas naturais do sítio. Assim, o agenciamento proposto não dialoga com as tendências naturais do local. (Figura 14)

Figura 14 – Vistas da Praça Ariosvaldo Silva.



Fonte: Acervo pessoal (2019).

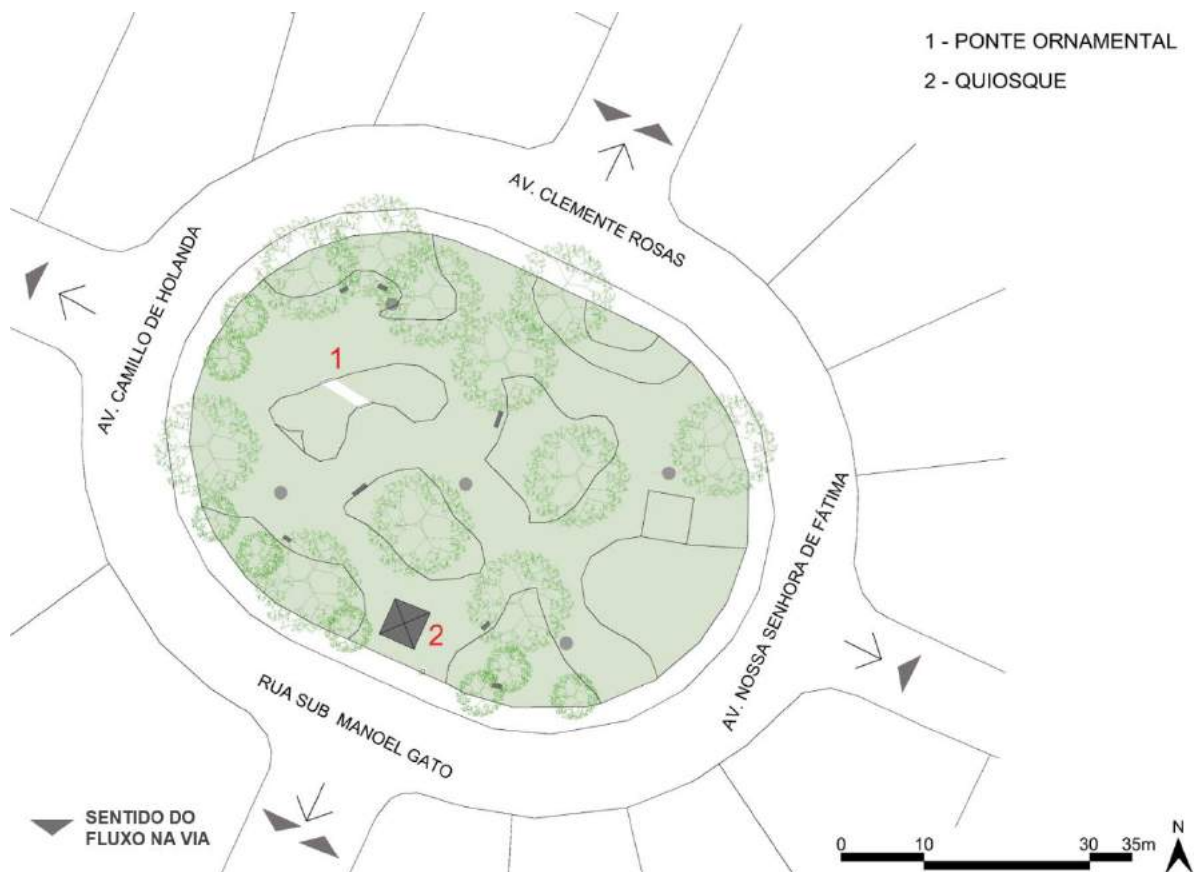
Percebe-se que a praça possui uma estrutura física que viabiliza o desenvolvimento de variadas atividades, no entanto a falta de manutenção dificulta o uso de algumas áreas como a da quadra de basquete. No geral, a praça é bem arborizada o que resulta em espaços sombreados e facilita a permanência.

2.1.4 Praça Gov. Pedro Alberto de A. Coutinho Gondim

Com forma que tende a um círculo, na convergência das avenidas Nossa Senhora de Fátima e Camilo de Holanda com as ruas Clemente Rosas e Subtenente Manoel Gato, a praça Gov. Pedro Gondim se localiza. O fluxo de veículos no local varia de acordo com a via, entre sentido único (Av. Nossa Senhora de Fátima e Av. Camillo de Holanda) e duplo (Rua Sub Manoel Gato e Av. Clemente Rosas), conforme pode ser visto na figura 15.

No final do ano de 2018 a praça começou a ser reformada e para isso demoliu-se toda a estrutura inicial (Figura 15), foi mantido apenas o quiosque e as árvores.

Figura 15 – Planta baixa esquemática da Praça Pedro Gondim (projeto inicial).

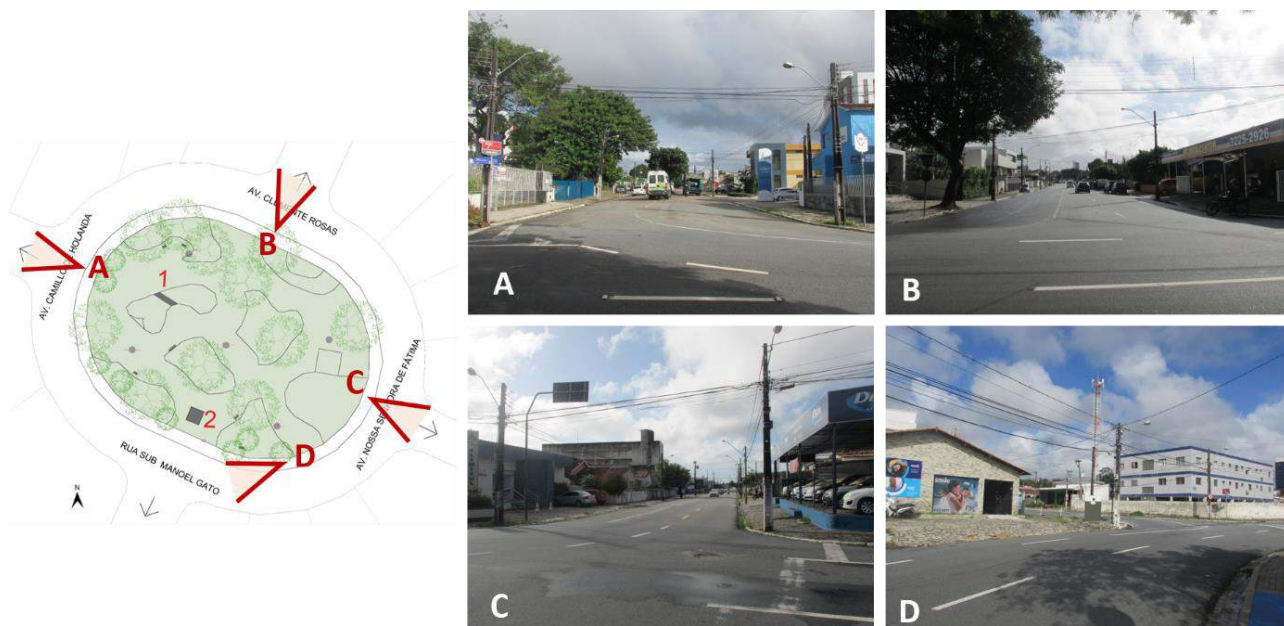


Fonte: PMJP adaptada pela autora.

No projeto Inicial não havia acessibilidade, verificada pela ausência de rampas e desníveis intransponíveis entre a praça e a rua. No piso, tinha-se a pavimentação com pedras em todo o seu perímetro e no seu interior a grama compunha a forração do piso. A praça consistia em uma grande área verde circunda por calçada.

O uso do entorno é caracterizado pela predominância de residências, mas a oferta de serviços é expressiva na área, principalmente, ao redor da praça. O fluxo é intenso, com movimento constante de veículos, pois a Av. Nossa Senhora de Fátima e Av. Camillo de Holanda conectam os bairros da zona sul ao centro da cidade, dessa forma a praça é vista por boa parte da população de João Pessoa. (Figura 16)

Figura 16 – Vista do entorno da Praça Pedro Gondim.



Fonte: Acervo pessoal (2019).

A atividade predominante no projeto inicial é a contemplação. Havia uma pequena ponte, que não tinha utilidade funcional, mas fazia parte da experiência estética pensada para o local. Essa atividade poderia ser usufruída no núcleo central da praça, já no seu perímetro era possível a caminhada. A área total da praça é de 3.466 m².

O desenho da praça apresenta formas orgânicas e busca pôr em evidência a vegetação do local. Dessa forma, nota-se que a intenção paisagística do projeto pré-existente era a de criar um espaço de contemplação, mais próximo do conceito de jardim, onde a representação da natureza é o principal intuito da proposta.

Pode-se dizer que a praça constituía uma área para respirar, um desafogo da rotina agitada existente no seu entorno. Apesar dessas amenidades, era pouco usada pela população e para quem passava rapidamente pelo local, parecia abandonada. A falta de manutenção contribuía para formação dessa imagem. (Figura 17)

Figura 17 – Vista da Praça Pedro Gondim (projeto inicial).

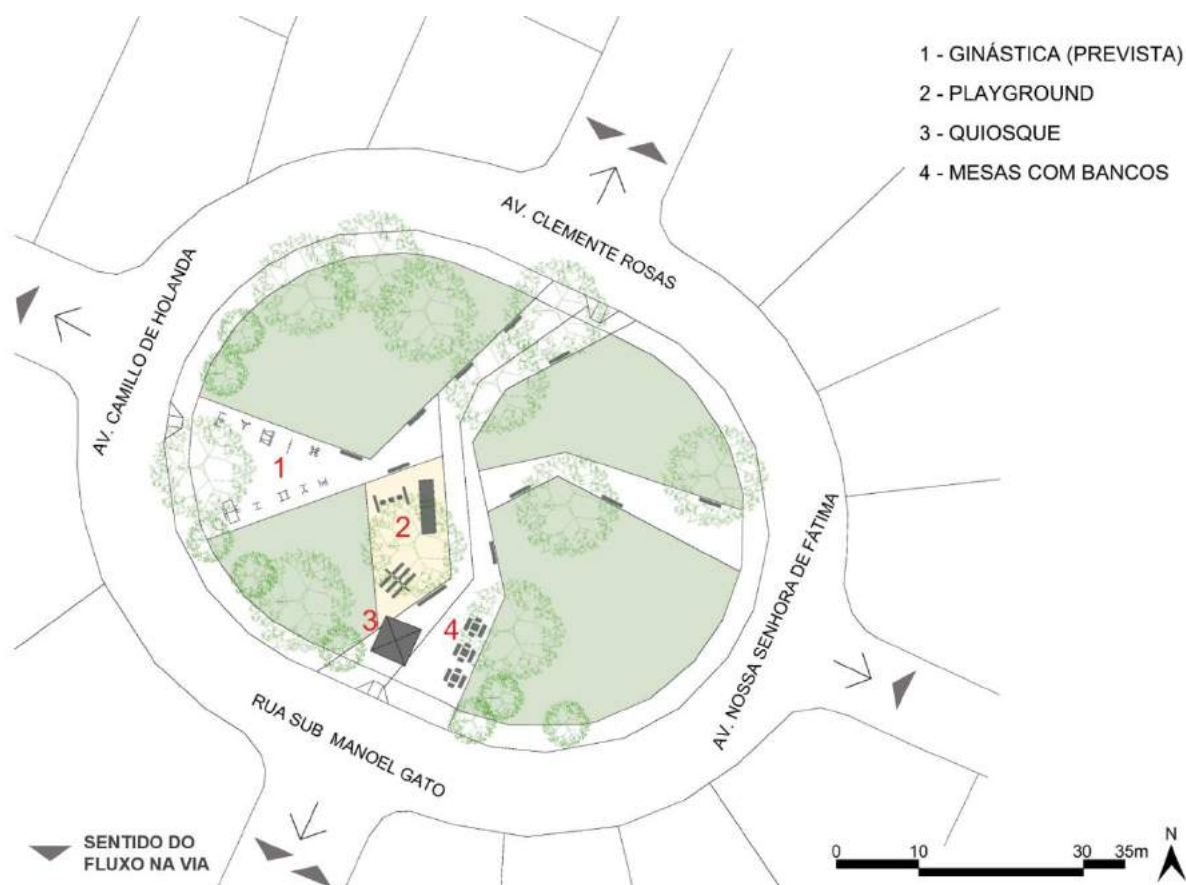


Fonte: Acervo pessoal (2018).

Após a reforma, a praça ganhou novas configurações espaciais. A composição inicial que remetia a um jardim foi desconsiderada e foi proposta uma área mais pavimentada e com inserção de novo mobiliário. Essas novas características projetuais se assemelham a das demais praças do bairro, assim como da cidade de João Pessoa de modo geral, com a disposição de elementos e materiais característicos da equipe técnica da gestão municipal.

Se observa que se optou por utilizar passeios lineares, com mudanças de direções, no interior da praça. Na planta baixa esquemática (Figura 18) nota-se que os passeios buscam conectar as quatro ruas que convergem na praça. Os bancos foram dispostos ao longo dos passeios internos e foram projetadas rampas acessíveis.

Figura 18 – Planta baixa esquemática da Praça Pedro Gondim (projeto atual).



Fonte: PMJP adaptada pela autora.

Foram mantidos o quiosque e as espécies arbóreas existentes, os canteiros foram remodelados de acordo com o novo desenho para a praça. Além disso, inseriu-se um *playground* destinado às crianças com a instalação de balanços, gangorra e escorrego. Aumentou-se a quantidade de bancos e se incluiu mesas para jogos de tabuleiros próximo ao quiosque. No projeto está prevista uma área com equipamentos de ginástica na porção oeste da praça, mas ainda não foi executada. Por ser recente a reforma, a praça encontra-se em bom estado de conservação.

A mudança do espaço é perceptível, a praça atual em nada se assemelha a anterior e todos que corriqueiramente passam pelo local consegue perceber a transformação da paisagem (Figura 19).

Figura 19 – Vista da Praça Pedro Gondim (projeto atual).



Fonte: Acervo pessoal (2019).

Diante dessas informações que caracterizam fisicamente o objeto de estudo, entende-se que é preciso aprofundar o conhecimento acerca do problema desta pesquisa, para analisar de forma qualitativa os projetos. É preciso reunir uma teoria que torne compreensível do ponto de vista científico essas diferenças da apropriação nas praças e que permita compreender os princípios do projeto paisagístico. Dessa forma, podem-se viabilizar as análises pautadas em teorias reconhecidas. Por isso é importante estudar os conceitos de paisagem, projeto paisagístico e bem-estar, ressaltando a interdependência entre eles e buscando situar as praças dentro desse contexto.

3 COMPREENDENDO A PAISAGEM

3.1 O PRINCÍPIO DO SENTIMENTO DE APREÇO PELA PAISAGEM

A noção de paisagem, sob os olhares de historiadores da arte, etnólogos, filósofos e outros estudiosos dos aspectos culturais, vinculada a ideia de que o homem se deleita na beleza da natureza, simplesmente pelo fato de ser bela, foi confrontada por Berque (1994), durante suas experiências junto à civilização japonesa. Para ele, de acordo com tal cultura, a apreensão da paisagem é uma condição externa, que independe da sua sensibilidade. De forma oposta, seus estudos mostram que o sentido de paisagem se relaciona diretamente com a cultura, ou seja, é adquirido à medida que se é possível ver, dizer, sentir.

Os estudos de Berque (1994), sobre a paisagem, encaminharam a elaboração de quatro critérios para diferenciar civilizações paisagísticas das que não são, sendo eles: **1.** uso de uma ou mais palavras para dizer “paisagem”; **2.** uma literatura (oral ou escrita) descrevendo paisagens ou cantando sua beleza; **3.** representações pictóricas de paisagens; **4.** jardins para deleitar-se. Nesse contexto, analisando a história da humanidade, apenas duas civilizações apresentaram os itens supracitados, sendo elas a China, a partir do século IV, e a Europa a partir do século XVI.

É sabido, histórica, linguística e antropologicamente, que nem desde sempre existiu a noção de paisagem e que esta não se manifestou em todos os lugares. Ou seja, houve sociedades não paisagísticas “[...] que não se sabia o que é a paisagem: não havia palavras para dizê-la, nem imagens para representá-la, nem práticas para testemunhar sua apreciação [...]” (BERQUE, 1994, p. 33)

Isso não significa dizer que não existia uma sensibilidade ao ambiente. Berque salienta que apesar de, outras sociedades, não responderem aos critérios estabelecidos, há esse estado anterior, uma condição anterior, em que é desenvolvida uma consciência em relação ao ambiente. A questão não é sobre a incapacidade em perceber a paisagem, já que a sensibilidade é praticamente a mesma em todos os seres humanos, o problema reside “[...] no nível da interpretação que as diversas culturas fazem de seus ambientes. ” (BERQUE, 1994, p. 34).

Com isso, entende-se que existe nos indivíduos uma sensibilidade intrínseca que é essencial para seu bem-estar, quando em um ambiente apropriado, havendo variações nas formas de apreciação e satisfação em cada um, pautadas na cultura. Cada sociedade possui uma maneira peculiar de interpretar seu ambiente decorrente da forma como ela o organiza e o mesmo ocorre no sentido contrário, o organiza conforme a interpretação que ela faz dele. De acordo com Berque (1994), isso permite dizer que para os japoneses é necessário ter arrozais para que eles apreciem o ambiente, assim como para os europeus a vista com bosques provoca amenidades.

Nesse sentido, Berque entende que todas as civilizações desenvolveram um sentimento de satisfação em relação ao ambiente, devido à presença de determinadas características vinculadas à cultura. Diante disso ele afirma que:

Propus chamar de proto-paisagem este denominador comum que, na apreciação que toda sociedade tem de seu ambiente, pode se referir à vista sem, por isso, implicar uma estética propriamente paisagística. Sobre este substrato, comum a toda humanidade, cada cultura elabora as formas de sua própria sensibilidade, suas próprias categorias, seus próprios conceitos. (BERQUE, 1994, p.34)

A partir do que foi citado, percebe-se que mesmo as civilizações consideradas não-paisagísticas possuem uma condição básica de sentir paisagem, a proto-paisagem. E essa relação com o ambiente pode proporcionar sentimentos agradáveis aos indivíduos.

Se tratando das sociedades tidas como paisagísticas, em que as formas de apreciação e reconhecimento da paisagem foram notórias, pode-se dizer que o princípio do sentimento de apreço pela paisagem ocorreu na China sob a dinastia Han⁴(206 a.C-220 d.C.), onde constatou-se uma vivência vinculada ao taoísmo⁵. De acordo com Linaje (2014), a civilização chinesa, com sua sabedoria e raízes mais profundas, apresentou aproximações com a natureza e a fenomenologia da paisagem exatamente como ela aparece ao sujeito, a experienciando por meio da subjetividade regida pelo taoísmo. A paisagem proporciona um estado de deleite, observação e

⁴ Dinastia que teve como principal característica o aprimoramento das artes e das ciências.

⁵ Religião que tem seus preceitos pautados no culto ao universo e a natureza.

vivência do meio natural que ultrapassa a formalidade plástica do visual. Nesse contexto afirma que:

[...] la cultura china há desarrollado desde tiempo sin memoriales una relación cercana en extremo con su medio ambiente, en el cual ha depositado sus visiones cosmológicas, ultra terrenas, éticas, estéticas y religiosas, más allá de lo físico – aún dada la enorme importancia de la unidad geográfica del país –, o de su intrínseca belleza. (LINAJE, 2014, p. 131)

A comparação com os critérios estabelecidos por Berque é percebida quando Linaje (2014) explicita que, para muitos chineses da antiguidade a relação com a natureza ocorria por meio da poesia, do jardim e da pintura da paisagem que viabilizavam a ligação entre o ser humano e o natural, resultando em uma micro representação do macrocosmo universal. A forma de apreensão da paisagem na China é uma experiência vital que envolve o homem tanto nos aspectos sentimentais do coração quanto da sua mente.

Dentro dos quatro critérios elencados por Berque, para caracterizar uma sociedade como paisagística, Linaje (2014) salienta que na antiga China se encontrou uma tríade artística, tida como significativa e que se enquadrava nesses critérios: poesia, caligrafia e pintura. Nesse sentido, exemplificando essa realidade, a partir das manifestações literárias com enfoque para a paisagem, tratando-se da poesia, o leitor pode se beneficiar pela experiência mística do poeta, à medida que lê seu poema e sente as sensações experienciadas por ele, por meio do que está escrito.

Adentrando aos aspectos pictóricos, cabe frisar que a paisagem pintada permite que as pessoas possam ir além da imagem para sentir a experiência simbólica vivenciada pelo pintor, ao reviver no seu espírito a percepção do *Tao*. A apreciação pictórica pode ser capaz de ativar essa emoção e elevar o espírito a esse estado sinérgico. Por fim, a última forma de sentimento da paisagem é o jardim que recria a natureza em um ambiente, para que assim, o homem possa comprazer-se. (LINAJE, 2014)

De forma oposta, a noção de paisagem na Europa está associada à modernidade, que representa, segundo Berque (1994), uma visão de mundo do século XVII que repercutiu, paulatinamente, nas práticas sociais dos dias atuais. A

representação da paisagem na pintura, assim como o desenvolvimento da perspectiva linear são fatos contemporâneos, uma vez que no século XV, a abordagem europeia do mundo era guiada por um olhar distante às coisas, onde se priorizava a objetividade do ambiente, apartado do sujeito.

Dessa forma, entende-se que é uma apreensão oposta à chinesa, desprendida do envolvimento individual. Nesse sentido, o autor complementa que essa diferença se dá:

[...] pelo fato delas representarem um ambiente apreendido como um objeto substancial, não em sua relação com o sujeito. É a forma exterior e completa deste ambiente objetivado que é pintada, e não, de modo alusivo e a largos traços, a “intenção” da paisagem. (BERQUE, 1994, p.38)

Assim, enfatiza-se ainda que a noção de paisagem na Europa se inicia com a modernidade que posteriormente é o próprio motivo para seu término. Isso aconteceu porque, apesar da civilização moderna ser carregada de valores paisagísticos, ela é também física. Ou seja, tinha seus preceitos centrados no objeto sem nenhuma relação com o lado subjetivo, como já mencionado anteriormente. (BERQUE, 1994)

3.2 PAISAGEM: UMA NOÇÃO

Como já introduzido anteriormente e ciente da relação íntima entre o sujeito e o meio que o cerca, Sonia Berjman enfatiza que a palavra paisagem apresenta múltiplos significados, de tal forma que pode designar realidades distintas, como um entorno físico, uma ideia ou um sentimento. Desde o seu surgimento, com um sentido mais amplo que ultrapassa o meio físico, na China no século IV, as interpretações acerca do que a paisagem pode assinalar foram crescendo de maneira exponencial, resultando em uma bibliografia repleta de tratados sobre o tema. (BERJMAN, 2008)

Serrão (2013) complementa essa reflexão quando afirma que, separação entre ciências da natureza e ciências do espírito, também, está presente no estudo das paisagens, apresentando um lado objetivo e material, sem envolver os sentimentos humanos, analisada sob a ótica externa. E um lado subjetivo e espiritual, construído a partir da interpretação individual do homem. Dessa forma, o estudo da paisagem

não fica restrito a uma forma única. O objeto de estudo é o mesmo, no entanto os enfoques podem ser múltiplos, resultando em “[...] objetos teóricos especializados segundo os métodos de cada ramo do saber.” (SERRÃO, 2013, p.15)

Desse modo, César Naselli (1978 apud BERJMAN, 2008, p.146), afirma que: paisagem é imagem. É o que cada indivíduo interpreta do meio físico, incluindo suas experiências, essa imagem formada também pode ser coletiva, se for compartilhada por um grupo. Assim, a teoria da paisagem é compreendida por meio de duas vertentes: “a imagem-paisagem”, onde os técnicos e os intelectuais da paisagem a tem como um campo ou objeto de conhecimento e “a imagem-vivência”, onde o ato de habitar configura o sentido de paisagem.

Diante desse contexto, Berque (1994) conclui que o meio físico está impregnado pela subjetividade de quem o observa e o vive. Então, a paisagem não é o ambiente, que se porta objetivamente em toda parte, mas sim uma entidade relacional que engloba a sensibilidade do sujeito, a sua experiência. A paisagem não existe fora do sujeito, que também não existe fora dela, assim, falar de paisagem traz consigo auto referência. São as paisagens que fazem com que as pessoas vivenciem no cotidiano esse sentimento de identidade. Nesse sentido, Berque entende que a relação do sujeito com ela acontece de maneira *trajetiva*, onde o sentimento de pertencimento viabiliza o indivíduo mergulhar na paisagem, de forma que sua essência se misture com ela. Diante disso, o autor afirma que:

Não é, de modo algum, tratar a Terra como sujeito de direito, o que ela só poderia ser às custas de uma deserção da condição humana; é compreender que ela não pode mais ser considerada como um objeto, a partir do momento em que ela só existe para nós na *trajetividade* do ecúmeno, onde não somente se funda nossa própria existência, mas que também envolve todo nosso ser. E isto, esta realidade que ultrapassa a utopia moderna, são as paisagens que nos fazem vivenciar no cotidiano. (BERQUE, 1994, p. 42)

De modo geral, Berjman (2008) relata que, as mais variadas cenas corriqueiras da atividade humana, como um entardecer no campo, um local de trabalho, um menino brincando na praça, constituem a paisagem com seus odores, sabores, climas, sons e ritmos. Sendo assim um conceito cultural, uma representação do

mundo através da visão do homem podendo se expressar na pintura, na fotografia, na literatura, na memória e no projeto. Afirma ainda:

Los espacios verdes urbanos, en cambio, se brindan a todos. Este carácter público de las plazas y parques urbanos los convierte en parte ineludible de nuestra vida diaria, y somos nosotros quienes les otorgamos significado. (BERJMAN, 2008, p. 148)

Nesse contexto, Serrão (2013) argumenta que a paisagem não é delimitada objetivamente, consiste em um modo de compreender o meio natural que está voltado para o espírito, ao invés de para as coisas. Por essa razão, é possível transformar todos os elementos que a compõe em um todo homogêneo, resultado dessa multiplicidade, mas que não pode ser reduzido, simplesmente, à sua soma.

A paisagem é percebida por cada indivíduo de forma singular como uma troca com o meio a partir de que se desenvolve a sensibilidade e a afetividade. Dessa forma, a paisagem sai do campo do objeto indiscutível para apresentar-se como “[...] um problema que deve ser esclarecido enquanto formação anímica e compreendido nas principais configurações em que histórica e culturalmente se incarnou.” (SERRÃO, 2013, p. 17). Ou seja, para estudar a paisagem é preciso desenvolver uma compreensão holística capaz de englobar aspectos históricos, culturais, sociais, econômicos, entre outros, almejando um entendimento mais aproximado de sua construção ao longo dos anos.

Portanto, por meio desse discurso, entende-se que há diversas formas de experiência de paisagem. Sendo assim, a paisagem é vivida de distintivamente por cada indivíduo e pode ser expressa de várias maneiras. É com essa consciência, que alguns autores investigam os campos paisagísticos em busca de uma compreensão de como essa realidade se apresenta a cada ser. Um deles é Jean-Marc Besse, por meio de cinco problemáticas procurou evidenciar formas pelas quais a paisagem pode ser experienciada, buscando nelas meios para compreensão da relação com o sujeito.

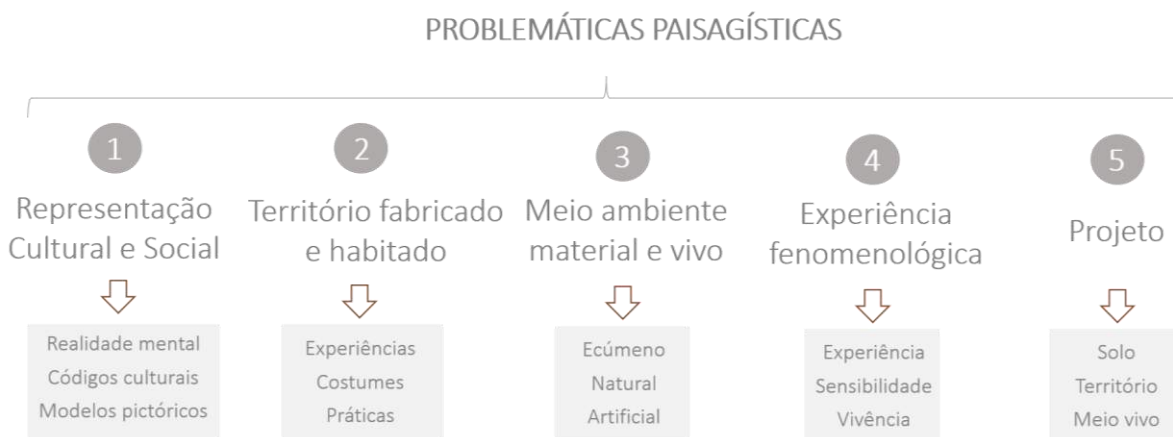
3.3 JEAN-MARC BESSE E AS CINCO PROBLEMÁTICAS PAISAGÍSTICAS

Com uma abordagem mais subjetiva, Besse (2014) traz em seu livro “O gosto do mundo. Exercícios de paisagem” reflexões sobre as formas de se perceber e experienciar a paisagem. Assim, ele destaca que a atenção dada a essa temática, atualmente, representa uma preocupação social e política sobre a qualidade de vida oferecida às pessoas, diante da governança dos territórios, da proteção da natureza e da relação identitária com os lugares.

Como já citado anteriormente por outros autores, ele reforça o caráter multidisciplinar da paisagem que requer uma investigação mais holística englobando “ [...] novas formas de experiência do espaço, da sociedade e da natureza e, no mínimo, a novas aspirações coletivas relativas ao meio ambiente. ” (BESSE, 2014, p.8). Essa afirmação demonstra o avanço na forma de pensar a paisagem, uma vez que, durante um longo tempo era considerada um cenário natural, visto de forma totalmente desvinculada ao sujeito. Essa forma de pensamento mostrou-se ineficaz diante de uma reflexão mais abrangente.

Portanto, a partir dessa noção, Jean-Marc Besse elenca em seu livro cinco formas de compreender a paisagem com base nas problemáticas paisagísticas contemporâneas. Destaca que tais problemáticas coexistem, mas não se superpõem no pensamento, de fato, podem ser articuladas entre si. Logo, problematizou a paisagem como **(1) uma representação cultural, (2) como um território formado pelas sociedades na história, (3) como um sistema que envolve natureza e cultura numa totalidade objetiva, (4) como experiências sensitivas e (5) como um projeto**. Cada uma das formas de tratar a paisagem mencionada está voltada para uma profissão, de acordo com as aproximações de cada área de estudo. A cultura paisagística contemporânea é formada por essas visões que demandam uma investigação rica e complexa, como observado a seguir. (Figura 20)

Figura 20 – Síntese das cinco problemáticas paisagísticas de Besse.



Fonte: Elaboração própria (2019).

A paisagem é uma representação cultural e social: o autor elucida que a paisagem se apresenta como uma realidade mental, um ponto de vista do ser humano. Nesse sentido, ela não existe de forma objetiva e está totalmente vinculada ao que o sujeito pensa, percebe e diz sobre ela. Dessa forma, o modo de ver a paisagem é subjetivo e está composto por códigos culturais, que podem ser representados por meio de modelos pictóricos. É por meio da pintura que a sensibilidade paisagística ganha forma, mas antes disso, ela precisa ser percebida, descrita e verbalizada, ou seja, precisa ser compreendida pelo indivíduo.

Cauquelin (2007) enfatiza essa abordagem quando cita que a pintura contribui para a visualização da imagem que foi percebida e dita. Por meio do “[...] desenho e cor, a paisagem que suscitava a emoção dos escritores adquire certa realidade. Ela existe. [...]” (CAUQUELIN, 2007, p.93). Aqui fica evidente a capacidade da representação pictórica da paisagem retratar as sensibilidades vivenciadas pelo sujeito, assim, é mais do que uma simples pintura. Como afirma Besse (20014) a paisagem pintada serve para atestar uma realidade e comporta as representações sociais, construídas por aspectos religiosos, econômicos, filosóficos, científicos, políticos, entre outros.

A paisagem é um território fabricado e habitado: nessa abordagem Jean-Marc Besse questiona a restrição do enfoque tomado anteriormente, atentando para a compreensão de que mais do que uma representação mental a paisagem é também um recorte do território, real e frequentado. Ou seja, a paisagem é um espaço

produzido e habitado pelas sociedades e engloba os aspectos culturais de cada um. Assim, a paisagem não se atrela unicamente à estética, mas pode ser melhor compreendida por meio do conjunto das experiências, costumes e práticas de uma população humana nesse lugar.

A estética, de acordo com Ritter (2011), se refere à natureza sensível, onde o sujeito capta o Espírito da Natureza, implícito na materialidade apresentada, e manifesta o deleite. Nesse sentido, uma experiência estética diz sobre como o indivíduo sente o meio em que está, independente de outros fatores, apenas enxergando no ambiente estimuladores para “[...] uma tal “contemplação do mundo”, que proporciona o “olhar sobre a natureza... independente do conhecimento dos efeitos das forças” [...]” (RITTER, 2011, p. 108). Nesse caso, a experiência acontece com estímulos atuando sobre todos os sentidos.

Reforçando esse pensamento, Cauquelin (2007) discorre que a paisagem representa uma realidade social, edificada por filtros simbólicos, de acordo com os valores construídos coletivamente. É importante saber que a paisagem de hoje é constituída de antigas heranças e que seu início é impreciso, mas que cada sociedade deixou nela sua contribuição.

Coerentemente ao que foi dito, Besse traz o pensamento de John Brinckerhoff Jackson⁶ (1909-1996) que está articulado principalmente a partir de dois enunciados: “[...] a paisagem é um espaço organizado, isto é, composto e desenhado pelos homens na superfície da Terra; a paisagem é uma obra coletiva das sociedades que transformam o substrato natural.” (BESSE, 2014, p. 29). Diante disso, a cultura, tratada do ponto de vista de Jackson, está voltada para os níveis material e espacial, onde o sensível aparece em segundo plano. Para ele a paisagem deve responder às necessidades existenciais humanas. Por fim, essa segunda problemática da paisagem, destaca a importância de perceber os modos de organização do espaço que retratam a sociedade que nele habita.

A paisagem é o meio ambiente material e vivo das sociedades humanas: como já explanado, a paisagem é pintura e pensamento, mas também um espaço

⁶ Fundador da revista *Landscape*, em 1951. Foi professor no departamento de arquitetura da paisagem em Harvard e Berkeley e sua obra é referência no âmbito anglo-saxônico.

vivido e habitado pelos indivíduos que pode sofrer mudanças constantes, por isso, Besse direciona a terceira abordagem do seu ensaio para o ecúmeno humano.

Diante disso, é possível dizer que a paisagem não pode ter seu valor em si mesmo, ela é um invólucro de tudo que nela habita. Logo, se entende que da mesma forma que os seres estão imersos na paisagem, todo o aparato necessário para sua sobrevivência também está. Assim, a paisagem não pode ser pensada apenas enquanto meio natural, mas também incluindo todas as condições artificiais necessárias para que as pessoas possam habitá-la. (CAUQUELIN, 2007)

Nesse sentido, Besse afirma que a paisagem se apresenta como uma articulação do meio natural da sociedade, o que ele chama de uma *realidade sintética*. Salienta a entidade relacional que ela constitui, sendo ao mesmo tempo natural e cultural, onde o homem se aproxima da natureza e onde a natureza se humaniza. Além dos aspectos naturais como a topografia, hidrografia, animais, vegetais, podem-se encontrar também nas paisagens prédios, ruas, ferrovias, indústrias, esses elementos relacionam-se constantemente.

Por fim, afirma-se que a paisagem é uma totalidade dinâmica, um ponto de convergência das decisões humanas e o conjunto das condições materiais, que vão desde a natureza até os aspectos sociais.

A paisagem é uma experiência fenomenológica: passando por todas as abordagens anteriores, na quarta problemática, Besse afirma que a paisagem existe de forma exterior ao ser humano e que essa realidade externa pode ser estudada por meio da ciência e da experiência. Destaca que “[...] a paisagem é primeiramente sensível, uma abertura às qualidades sensíveis do mundo.” (BESSE, 2014, p.45). Nessa concepção a paisagem representa o encontro entre o homem e o mundo que o cerca, como uma experiência, ou seja, o sujeito é atingido pelo mundo exterior o que faz com que a paisagem seja primeiramente vivenciada para posteriormente ser falada. Por fim, o autor destaca que o sujeito e a paisagem se tornam um só, à medida que há imersão do ser no meio em que se insere.

Berque (1994) complementa esse pensamento quando cita que a paisagem vai além de uma realidade exterior, ela engloba a sensibilidade de quem convive com ela. Nesse sentido, expressa uma troca sensível do sujeito com o ambiente. Ou seja,

nessa vertente, para a paisagem ser compreendida, discutida, representada, ela precisa ser experimentada.

A paisagem como projeto: nesta quinta e última problemática, Besse começa por descrever a caminhada como uma forma de experimentar o mundo e seus valores. Dessa forma, agrega-se novas qualidades e intensidades, à medida que determinado espaço é usufruído. É nesse contexto que surge a hipótese de que a noção de projeto constitui uma “[...] abordagem experimental da realidade paisagística.” (BESSE, 2014, p. 56). O autor destaca o paisagista como sendo o profissional responsável por carregar o local e suas tendências programáticas, salientando que suas intervenções devem estar orientadas segundo três fatores não excludentes: o solo, o território e o meio ambiente natural.

Projetar a paisagem é pensar soluções que viabilizem o encontro entre a cidade e a natureza. Assim, “Em outros termos, a problemática paisagística consiste em pensar a cidade a partir das suas relações e na sua integração com o solo, o território, o meio vivo.” (Besse, 2014, p.59), e por isso, o paisagista precisa levar em consideração esses elementos, “costurando-os”, para elaboração de uma proposta coerente com a realidade. Portanto, chega-se ao pensamento de que o projeto paisagístico deve ser a revelação de algo que já existe, no entanto, não é possível enxergar. Em outras palavras, a materialização das tendências invisíveis do lugar.

Após permear por todas as problemáticas paisagísticas elucidadas por Besse (2014) pode-se dizer que a paisagem é compreendida por diferentes meios voltados para específicos campos de conhecimentos. Em todas as abordagens o indivíduo é fundamental no processo de construção, reconhecimento e valorização da paisagem, o que leva à conclusão de que a paisagem não existe de forma autônoma, externamente às pessoas. Nesse processo, destaca-se a problemática da paisagem como projeto, no sentido de proporcionar bem-estar paisagístico na apropriação das praças.

Conforme descrito por Besse, alguns aspectos pesam na elaboração de projetos paisagísticos para que sejam pertinentes ao contexto em que se inserem e, sobretudo, que venham proporcionar às pessoas sentimentos agradáveis. Nesse contexto entende-se a importância da ação do paisagista, por ser o principal profissional envolvido nesse processo. Diante disso, conhecer as obras de paisagistas

que trabalham coerentemente a paisagem ajuda na delimitação de princípios projetuais. É sobre esses aspectos que o capítulo a seguir se desenvolve.

4 O PROJETO PAISAGÍSTICO E O BEM-ESTAR: UMA EXPERIÊNCIA DE PAISAGEM

Sabendo-se que o projeto paisagístico é uma das formas pela qual pode-se apreender a paisagem, como visto anteriormente nas discussões de Besse (2014), outros autores destacam aspectos decorrentes da elaboração de tais projetos.

Nesse contexto, Donadieu⁷ (2013) afirma que a produção de bens comuns paisagísticos é a principal atribuição dos arquitetos paisagistas e que a paisagem: “[...] é uma relação perceptiva com o espaço e a natureza, que assume valores variáveis com os olhares e julgamentos – olhares formados pela arte, informados pelas ciências e iniciados pelos saberes locais.” (p.58)

Para Donadieu, o bem-comum é “[...] a comunidade de bens materiais e imateriais que é criada pela troca entre membros de um colectivo. [...]” (DONADIEU, 2013, p. 57). Dessa forma, a saúde é o bem comum entre o médico e o paciente, a educação entre o professor e o estudante, ou a justiça entre o juiz e o julgado. Assim, o autor levanta a hipótese de que o bem-comum entre o paisagista e as pessoas é o bem-estar.

Diante disso, Donadieu (2013) aponta três grupos pelos quais o bem comum paisagístico pode ser obtido (Figura 21). O primeiro compreende a segurança e a saúde pública, a mesma facilidade de acesso ao emprego, à justiça, etc. “[...] valores que, em princípio, são garantidos pelo pelas leis. [...]” (p.58). Esse grupo tem a ver com o **direito que cada membro da sociedade possui**, relaciona-se com as necessidades básicas para o habitar na cidade e a autonomia individual.

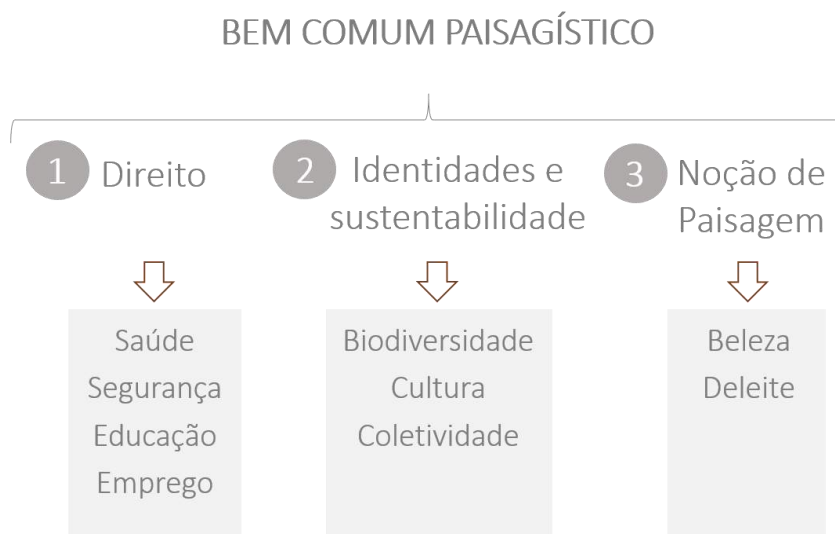
No segundo grupo têm-se a biodiversidade, reconhecimento das **identidades coletivas e individuais e a sustentabilidade do desenvolvimento econômico e social**. Aqui os aspectos culturais evidenciam-se. As manifestações sociais e a coletividade tendem a desencadear um estado de satisfação nos indivíduos. É

⁷ Pierre Donadieu é professor emérito de ciências da paisagem e pesquisador associado LAREP na Escola Nacional de Paisagem de Versailles-Marselha. Doutor em Geografia pela Universidade de Paris, Engenheiro em Agronomia (ENSSAA Dijon) e Engenheiro de horticultura (ENSH Versailles). Desenvolve seus estudos em torno das teorias e abordagens do projeto de paisagem, políticas públicas de paisagem, ge mediação de paisagem ou a diversificação de tráfegos paisagem.

importante o sentimento de pertencimento a um todo, onde o bem comum paisagístico pode advir juntamente ao fortalecimento de diferentes grupos sociais.

Por fim, no terceiro grupo pode-se elucidar o usufruto dos meios em que as pessoas vivem, o direito à beleza e ao prazer, sobretudo o direito à paisagem. É nesse terceiro grupo que se encontra o enfoque desta pesquisa, que parte da **noção de que a paisagem pode proporcionar bem-estar às pessoas**, e que uma forma de viabilizar esse sentimento, individual e coletivamente, é por meio do projeto paisagístico. Isso também pode ser percebido pelo discurso de Besse (2014), quando enfatiza que “[...] os sistemas técnicos contribuem para definir tanto objetos paisagísticos quanto afetos de um tipo peculiar.” (BESSE, 2014, p. 25). Nesse trecho, o autor esclarece que o paisagista, por meio dos seus conhecimentos técnicos, maneja a paisagem, e assim, os sentimentos de quem a vivencia.

Figura 21 – Meios pelos quais o bem-comum paisagístico pode ser obtido.



Fonte: elaboração própria (2019)

Em pensamento coerente a esse, a Carta Brasileira da Paisagem (2012) confere ao paisagismo contemporâneo a responsabilidade de promover a sintonia entre as condições sociais e ambientais, como forma de proporcionar bem-estar ao indivíduo, assim como, a preservação da paisagem. Mais recente, a Carta da Paisagem das Américas (2018) reconhece a necessidade de garantir o direito à

felicidade, como um bem de todos, por meio de instrumento de planejamento da paisagem. Então, é explícito o caráter social, cultural e ambiental que a paisagem envolve e a ciência de que ela é um patrimônio de todos, construída coletivamente.

Com isso, reforça-se o quão subjetiva e rica de valores é a paisagem e que essa subjetividade deve ser considerada nos projetos paisagísticos. Nesse sentido, Besse (2014) reforça que “[...] os valores e as normas paisagísticas são estéticos, sim, mas não unicamente. Têm também uma dimensão material e técnica. [...]” (p. 24), o que permite deduzir que a paisagem é composta por aspectos materiais e imateriais.

Enfatizando essa ideia, o autor destaca que o jardim, enquanto resultado de um projeto paisagístico, é um espaço planejado e cuidado, mas também compreende afetos e desejos, sendo considerado “[...] um veículo do imaginário [...]” (p. 27). Nesse sentido, ao projetar, o paisagista se depara com uma realidade existente, formada por aspectos culturais, um lugar composto por hábitos. Besse incrementa essa discussão refletindo acerca do pensamento de John Brinckerhoff Jackson, que diz que o lugar não é composto unicamente por aspectos objetivos, mas sim por características voltadas ao habitar, abarcando modos de vestir, cumprimentar, festividades, folclore, gestos, segredos, sabores, cheiros, enfim, elementos intrínsecos ao lugar.

Nesse contexto, as ocupações humanas se dão de acordo com as características do lugar. Norberg-Schulz (1979) relata que os significados do lugar são resultantes dos fenômenos naturais, humanos e espirituais. Dessa forma, cada lugar apresenta especificidades que se manifestam em todos os setores da sociedade, desde a arquitetura até as esferas políticas e administrativas. Logo, envolve o meio físico e a subjetividade da cultura, como a paisagem.

É importante esclarecer que o lugar, de acordo com Norberg-Schulz (1976), compreende dois aspectos interdependentes: o espaço e o caráter. O primeiro está relacionado à organização tridimensional dos elementos físicos que o compõe e o segundo, é mais abrangente, e representa a “atmosfera” geral. Nesse âmbito, pode-se dizer que o espaço seria o substantivo e o caráter, o adjetivo de um lugar, de forma que, todos os lugares portam um caráter, que é como ele é percebido pelos indivíduos.

Assim como o lugar, a paisagem congrega:

[...] a combinação do ambiente abiótico, biótico e sócio-cultural como componente material que está atrelado ao componente imaterial expresso pela capacidade da percepção humana que dá significado e sentido estético. (CARTA BRASILEIRA DA PAISAGEM, 2012, p.02)

A partir disso, afirma-se que projetar a paisagem consiste em fazer uma conexão entre essas partes, relacionando a materialidade com a subjetividade existente no lugar. Assim, pode-se dizer que considerar a paisagem implica em considerar o lugar. Essas propriedades descritas acima, devem ser incluídas no projeto paisagístico, tendo em vista que:

[...] Qualquer que seja o projeto que veicula, a paisagem é a expressão de uma indagação a respeito do bem-estar ou da “boa convivência” das comunidades humanas, encarna uma indagação sobre os valores que podem fundamentar essa “boa convivência”, bem como sobre o quadro espacial e material real dentro do qual essa “boa convivência” pode ser realizada. (BESSE, 2014, p. 35)

Portanto, chega-se ao pensamento de que o **projeto paisagístico**, que considera a paisagem⁸ - sendo o projeto um dos meios pelo qual a paisagem pode ser veiculada - assim também o faz com o **lugar**, com seus aspectos **materiais e imateriais**.

Diante disso, para estudar o projeto paisagístico toma-se como referência princípios projetuais do paisagista Frederick Law Olmsted e Roberto Burle Marx, tendo em vista a relevância do legado deles para o paisagismo, sendo possível identificar quais seriam as características do projeto paisagístico que teriam uma associação mais direta com o bem-estar. Ciente disso, complementa-se com os argumentos de outros autores que se dedicaram a estudar o projeto paisagístico e suas implicações nas vidas das pessoas que dele se apropria.

4.1 PRINCÍPIOS DO PROJETO PAISAGÍSTICO PARA O BEM-ESTAR

Na transição do século XIX para o século XX, a industrialização provocou mudanças técnicas e sociais na forma da vida urbana. Logo, em decorrência do veloz

⁸ Há projetos paisagísticos que não consideram a paisagem, por isso são não pertinentes.

crescimento das cidades, sem que estas apresentassem infraestrutura e moradias suficientes para comportar esse novo excedente populacional, se fez necessário a busca por um saneamento básico eficiente. Nesse sentido, as soluções que se almejavam não eram apenas de teor higienista, como ocorriam no início do século XIX, mas sim, ações que visassem o estabelecimento de um estatuto para cidade que distribuísse o bem-estar resultante do avanço técnico da época. (ANDRADE, 2010)

Porém, segundo Andrade (2010), as novas soluções representavam uma nova versão desse capitalismo do início do século XIX, onde o Estado se faz presente regulando a arte e legitimando a sua ideologia. Foi nesse contexto que a Carta de Atenas⁹ (1933) foi lançada, com postulados racionalistas “[...] de que urbanismo e arquitetura juntos são capazes de evitar a revolução.” (p. 105). Assim, a cidade passa a ser estudada de uma forma diferente por arquitetos, urbanistas e demais profissionais das ciências sociais que buscaram soluções que pudessem proporcionar uma vida satisfatória urbana, distinta do caos social resultante da revolução industrial.

Ainda de acordo com Andrade (2010), as mudanças na arquitetura aconteceram sob a ótica da negação do passado e do pitoresco, onde a beleza só poderia ser alcançada pela racionalidade. De forma oposta, o paisagismo moderno não anulou as influências do estilo anterior, o ecletismo. O jardim e o parque inglês permanecem até início do século XX, repercutindo em boa parte dos projetos de parques da época, em países americanos.

Nesse contexto, um importante nome é o de Frederick Law Olmsted, paisagista que trabalhou em prol da valorização dos parques públicos, com projetos no Estados Unidos entre os anos de 1851 a 1895. Ao longo de sua trajetória, propôs parques dentro da malha urbana evidenciando o potencial paisagístico, influenciando os demais paisagistas que viriam posteriormente. (ANDRADE, 2010)

Segundo Eisenman (2013), Olmsted desenvolveu trabalhos paisagísticos que apresentaram uma preocupação com os serviços ecossistêmicos e bem-estar humano, essa característica originou-se devido aos esforços investidos na ideologia do parque público como espaço verde público para a saúde e vitalidade das pessoas residentes na área urbana. Nesse sentido, em 1858 o Central Park foi projetado por

⁹Realizado em Atenas no ano de 1933, é um manifesto acerca do urbanismo que foi resultado do IV Congresso Internacional da Arquitetura Moderna (CIAM).

Olmsted e seu sócio Calvert Vaux na cidade de Nova Iorque. A proposta, apresentada por eles, logo ganhou destaque por dispor de um conceito de composição paisagística diferente do que era produzido até então, pois considerava o social e trabalhava a natureza em prol da mente humana. (Figura 22)

Figura 22 – Fonte Anjo das Águas no Central Park.



Fonte: Al Hikes (2007)

O projeto do Central Park data de 1857 e foi fruto de um concurso para a cidade de Nova Iorque, cuja sociedade desejava um grande parque urbano. A história encontrada no site oficial do parque relata que o terreno, onde foi instalado, era irregular com pântanos e ribanceiras. Apresentava áreas rochosas, o que deixava o solo infértil. Nesse sentido, sua construção demandou grandes investimentos para reformulação da topografia local e a criação de uma paisagem pastoril. Foi necessário explodir cumes rochosos e movimentar o solo para que mais de 270.000 árvores e arbustos fossem plantados. Além disso, foram criados lagos. Com isso nota-se a preocupação dos paisagistas em criar um espaço recreativo com a forte presença da natureza, apesar do terreno infértil e não favorável à criação de recintos naturais.

O parque foi dividido em áreas menores, para facilitar o planejamento delas. Além disso, as ruas transversais propostas, para demarcar as fronteiras entre as áreas, também servem para manter a conexão entre as ruas do entorno. Ao total são

seis áreas, que receberam nomes em função do elemento mais icônico existente nelas (Figura 23). O parque tem como fronteiras permanentes a Oitava Avenida a Oeste e a Quinta Avenida a Leste.

Figura 23 – Mapa geral do Central Park com as divisões por áreas.



Fonte: www.echonyc.com/~parks/maps/centralparknew.html. Acesso em 24/11/2019. Adaptado pela autora.

De acordo com Medeiros (2014) o Central Park foi o primeiro parque público, no sentido de um lugar destinado ao cidadão comum, uma vez que existiam apenas grandes parques privados sob domínio da aristocracia, que eram utilizados por convidados ou membros da nobreza. Diante do aumento da população da cidade de Nova Iorque, no início do século XIX, o Central Park é planejado como uma alternativa para amenizar os efeitos nocivos provocados pela alta densidade urbana, como a angústia psicológica, oriunda do excessivo contato social, gerando uma sensação de falta de privacidade.

Assim, de acordo com Andrade (2010), Olmsted sofreu influência dos parques ingleses, mas apesar disso, desenvolveu em si um pensamento particular de que os parques exercem, no planejamento urbano, uma função social, podendo ser utilizado como um meio de reforma social. Então, a funcionalidade era um dos objetivos de Olmsted para o Central Park, além disso a preocupação ambiental era evidente por meio da inserção de espécies nativas. Beveridge (2000) reforça que essa herança dos parques ingleses foi utilizada por Olmsted para aumentar as qualidades da natureza, de forma a atingir o psicológico dos indivíduos, indo além da apreciação da beleza superficial da cena.

Andrade (2010) destaca que ele aplicou uma metodologia de projeto paisagístico moderna, constituída de quatro etapas: inventários, análises, diagnóstico e intervenção. Portanto, nota-se aqui uma preocupação com as atividades preliminares à concepção do projeto, que levam em consideração aspectos do lugar.

É importante esclarecer que Olmsted se inspirou nos ensinamentos de Downing¹⁰ para o projeto do Central Park. De acordo com Andrade (2010), Downing deixou como legado a ideia de que o parque: “[...] deveria não só ser projetado para oferecer uma paisagem agradável aos seus frequentadores, mas como uma terapia para a doença, o caos, a sujeira e a violência da metrópole moderna.” (p. 106). A partir desse pensamento pode-se afirmar que o projeto paisagístico “Olmstediano” buscava proporcionar a sensação de satisfação aos seus usuários por meio do manejo dos elementos da natureza.

Nesse sentido, Peterson (1996) afirma que “[...] ele via a natureza como seu recurso primário. [...]” (p.39) e que Olmsted procurou intervir na área urbana sob a ótica de valores da natureza, saúde pública e o apreço pelo público, fato que demonstra a necessidade de oferecer meios para o contato social entre os habitantes da cidade. (PETERSON, 1996)

Assim, Olmsted (1865/1997 apud MEDEIROS, 2014, p.117). afirma que a apreciação de cenários com a presença de elementos naturais, alivia o estresse e mal-estar, originários das atividades rotineiras realizadas pelos indivíduos citadinos. Nesse contexto, os espaços públicos de lazer não são apenas locais onde se é possível praticar atividades, ter encontros sociais, respirar ar fresco, mas é, sobretudo, um local que pode alcançar a mente das pessoas, para abrandar sentimentos desagradáveis e assim agregar deleite e saúde ao habitar na cidade. (SCHEPER, 1989 apud MEDEIROS, 2014, p.117)

Nicholson (1989 apud MEDEIROS, 2014, p. 116) discorre que dois aspectos eram fundamentais nas decisões projetuais de Olmsted, um é a ideia de que a natureza desempenha uma força curativa que proporciona efeitos psicológicos

¹⁰ Paisagista, horticultor e escritor, considerado um dos fundadores da arquitetura paisagista americana.

restauradores nos sujeitos e outro está relacionado à capacidade de integração social por meio da natureza. (Figura 24)

Figura 24 – A relação com os elementos naturais trabalhada no Central Park.



Fonte: Juan Cregeen(2008)

Diante disso, Beveridge (2000) reforça que Olmsted acreditava que sua arte paisagística tinha como objetivo afetar as emoções, fato evidenciado pela criação de percursos que fazem com que o visitante fique imerso no ambiente, experienciando a ação restauradora advinda da paisagem. Esse processo é descrito por ele como um fenômeno inconsciente, onde os elementos dispostos no espaço têm o único propósito de tornar a experiência de paisagem mais profunda. Com isso, elucida-se que preexiste uma harmonia entre os componentes naturais e o coração e mente humana, onde o bem-estar individual e coletivo resulta dessa troca.

Por tudo isso, Beveridge (1986) elenca algumas características importantes nos projetos paisagísticos de Olmsted. A primeira é o **cenário**, que é trabalhado de forma a criar espaços onde o uso ativo possa acontecer, ou seja, até mesmo as pequenas áreas são planejadas de forma a propor espaços de permanência às pessoas. A segunda é a preocupação com o “**gênio do lugar**”, uma vez que os desenhos são em consonância com os aspectos naturais e topográficos do sítio. A terceira é o **estilo**, que também se associa com o lugar, criando estilos específicos de acordo com a finalidade de cada projeto. A quarta é a subordinação de todos os

elementos ao **design geral** visando o efeito que se pretende alcançar com o projeto. A quinta característica trata da separação de usos, uma **setorização**, a fim de que uma área não interfira na apropriação da outra e que todas juntas componham um conjunto harmonizado e social. Em sexto, se tem a noção de que por meio do projeto paisagístico pode-se promover a **saúde mental** dos usuários, proporcionando **espaços saneados** e com a presença de **elementos naturais**. Por último, a preocupação não só com os elementos ornamentais paisagísticos, mas elementos que supram uma **necessidade social e psicológica da população**.

Essas características relatadas demonstram a preocupação de Olmsted em proporcionar espaços atrativos às pessoas. Cada ação projetual descrita compreende elementos que juntos tornam a experiência de paisagem prazerosa. Daí observa-se, portanto, que esses princípios podem ser divididos em dois grupos, o primeiro é o **traçado** que abrange o desenho do parque, mobiliário, atividades, materiais, função e espaços de estar. O segundo é a **representação da natureza**, materializada pela presença de elementos naturais, que, como visto, são extremamente importantes ao bem-estar. (Figura 25)

Figura 25 – Princípios do projeto paisagístico.



Fonte: Elaboração própria (2019)

O Central Park, o projeto mais conhecido de Olmsted apresenta essas características e serviu de inspiração para outros paisagistas da época e para os que vieram posteriormente. Um deles foi Roberto Burle Marx, paisagista brasileiro e artista plástico, que priorizou a utilização da vegetação nativa nos projetos paisagísticos, proporcionando espaços multifuncionais na cidade.

Segundo Silva (2016), Burle Marx além de projetar os jardins, se dedicou também a outras artes como pintura, tapeçaria, mosaicos, joias, entre outras expressões artísticas. Essas características agregaram valor aos seus projetos levando-o a ser considerado o maior paisagista do século XX.

Burle Marx iniciou seus estudos na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, em 1928 viajou para Alemanha em busca de tratamento médico para a vista, mas aproveitou a ocasião para estudar música e pintura, onde permaneceu até 1929. Nessa experiência teve a oportunidade de conhecer o Jardim Botânico de Dahlen¹¹ que lhe proporcionou o contato com as plantas nativas brasileiras, que foram utilizadas como motivo de composição paisagística.

Silva (2016) relata que a formação artística e intelectual de Burle Marx se deve, também, a oportunidade que ele teve de conviver com os pintores Candido Portinari e Leo Putz, o escritor e poeta Mário de Andrade e o arquiteto e urbanista Lúcio Costa, ao longo de sua carreira. Fato que contribuiu para um paisagista completo que criou o conceito de jardim moderno brasileiro. Assim, a partir do estudo de sua trajetória e dos princípios paisagísticos utilizados por ele, pode-se elencar algumas posturas projetuais fundamentais ao processo de concepção do projeto paisagístico.

Nesse sentido, Ferreira (2012) afirma que Burle Marx coloca a interpretação do **espírito do lugar** como pré-requisito para sua composição paisagística, oferecendo a devida importância às particularidades de cada caso, como as **características físicas**, a **arquitetura circundante**, a **tradição local**, as **vivências** e as **funcionalidades do espaço**. Assim, proporcionando o encontro entre **meio ambiente e cultura**.

Essa preocupação é percebida quando o mesmo diz que:

A larga e muito ampla experiência de meu trabalho de paisagista, criando, realizando e conservando jardins, parques e grandes áreas urbanas, praticamente desde a terceira década deste século, permite-me agora formular a conceituação que faço do problema jardim, como sinônimo de adequação do meio ecológico para atender às exigências naturais da civilização. (TABACOW, 2004, p. 23)

¹¹ Jardim botânico situado em Berlim, na Alemanha. Possui 43 hectares e cerca de 22 mil espécies de plantas. É conhecido por ser um dos maiores e mais importantes da Europa.

Burle Marx afirma que falar sobre jardins é algo difícil e complexo, uma vez que cada projeto possui particularidades que obedecem a uma lógica e a certos princípios complicados de serem mensurados. Portanto, em cada processo criativo é necessário ter ciência das razões que darão sentido à proposta (TABACOW, 2004). Essa noção de que o projeto paisagístico está vinculado de maneira particular ao meio em que se insere e que sua materialização deve ser produto das necessidades desse meio, pode ser melhor compreendida quando ele relata que:

No princípio, quando comecei, na ânsia de me expressar, as idéias se sucediam, se sobrepunham, e o desejo era o de dizer tudo num mesmo jardim. Hoje, decorridos tantos anos, a gente vai passando por modificações sensíveis, sobretudo no que diz respeito à forma, ao ritmo, à cor, sempre submetidos ao conceito de utilização. (TABACOW, 2004, p. 207)

Inicialmente, percebe-se a atenção que Burle Marx empregou às características locais. Essa concepção pode ser reforçada por outros autores, como Besse (2014), quando considera o sítio em propostas paisagísticas por meio do esclarecimento de que o paisagista é o especialista que “[...] carrega o local e suas potências programáticas.” (BESSE, 2014, p. 56). Assim, cabe salientar que o local não se trata apenas do espaço físico, objeto de intervenção, mas carrega aspectos geográficos e históricos sobrepostos em camadas, construídas ao passar das gerações, que constituem a matéria do projeto. Nesse sentido o local é:

[...] misto dados **geográficos e históricos**, não é um contexto no qual deveria ser inserido um programa, mesmo sendo espaço público, mas constitui a própria **matéria do projeto**: é praticamente nele que deveria ser decifrado o programa da intervenção sobre o espaço (MAROT, 1995 apud BESSE, 2014, p.57, grifo nosso).

É por essa mesma linha de pensamento que Diedrich¹² (2013) canaliza suas discussões. Para ela, é preciso estudar a essência de um lugar, em constante

¹² Doutora em Arquitetura Paisagística pela Universidade de Copenhague. Professora no Departamento de Arquitetura Paisagística, Planejamento e Gestão, na Universidade Sueca de Ciências Agrárias.

mutação, de maneira holística, aprofundando o conhecimento da estrutura que o compõe.

Portanto, MEYER (2005 apud DIEDRICH, 2013, p.94) discorre que, para elaboração de propostas projetuais que venham a ser pertinentes ao meio em que irá se inserir, é indispensável a realização de leituras do lugar para uma compreensão real e rica das formas, dos aspectos materiais e imateriais, em outras palavras, abrangendo os espaços, a natureza e a história. O projeto tem como finalidade tornar visível e tátil esses dados. Nesse sentido, a imersão pessoal do paisagista no lugar é imprescindível para seu raciocínio e serve de princípio conceitual para a proposição do projeto. Logo, se pode afirmar que os lugares não podem ser vistos como telas em branco.

O entendimento do “[...] projeto como interpretação do lugar e lugar como programa, não como superfície para o programa.” (DIEDRICH, 2013, p.94) é, mais uma vez, reforçado por Besse (2014), quando afirma que o projeto de paisagem tem como intuito criar algo que já existe e ninguém vislumbra. Se diz que o paisagista, por meio de sua técnica e de maneira singular, inventa um território, pois como visto, o mesmo apresenta suas tendências naturais, uma realidade não vista que pode ser revelada pelo projeto:

[...] o projeto inventa um território ao representa-lo e ao descrevê-lo. Entretanto, essa **invenção é de natureza singular**: pois o que é inventado já está, ao mesmo tempo, presente no território, mas como não visto e não sabido até então. A invenção revela o que já estava aí, ela revela e desvenda um novo plano de realidade. **Mas não teríamos visto essa realidade se não tivesse sido desenhada e pensada.** [...] (BESSE, 2014, p.61-62, grifo nosso).

Um projeto que desconsidere esses fatores tende ao fracasso, por ser um produto fruto de uma insensibilidade que ignora o “espírito do lugar”, que é singular, irrepetível e enraizado em cada sítio, e necessita de um entendimento relacional para ser melhor captado. (DIEDRICH, 2013)

Essas tendências do lugar são aludidas na Declaração de Quebec¹³ que toma como ponto de partida o conceito de “*genius loci*”, ou “espírito do lugar”, de Norberg-Schulz¹⁴. E é moldada por vários atores sociais, que incluem arquitetos e gestores, na fase projetual, até os usuários que são os principais colaboradores para configuração do sentido do lugar, e assim, consolidam o espaço formal.

Cabe destacar que “A estrutura de um lugar não é fixa e eterna. É normal que os lugares mudem, às vezes muito rapidamente. Isso não significa, porém, que o *genius loci* necessariamente mude ou se extravie.” (NORBERG-SCHULZ, 1976, p.454). Com isso entende-se que um lugar que só se adequa a determinados fins muito facilmente se tornará inútil, visto que é possível interpretar um lugar sob diferentes perspectivas. Assim, conservar o espírito do lugar sugere materializar sua essência em novos contextos, ao longo dos anos.

Nesse sentido, Turner (1987 apud SÁ CARNEIRO, 2010, p.107) discorre que o paisagista deve elaborar projetos flexíveis, com capacidade de adaptar-se às necessidades dos usuários ao longo dos anos. Para isso, se deve partir da noção de que em essência o projeto paisagístico configura áreas que são por natureza potenciais.

Assim, o projeto paisagístico deve captar a essência do lugar e torná-la factível por meio de soluções que permitam atender às demandas sociais ao mudar das gerações. Essa relação entre o homem e o lugar é denominada por Norberg-Schulz de “habitar” e que, antes de tudo, quer dizer um sentimento de identidade que se traduz em uma relação “amistosa” com o ambiente, que é vivido como portador de significado.

Nesse sentido, representando as discussões acima, salienta-se que Burle Marx tinha a consciência da necessidade de considerar a forma de viver, a área de intervenção, as peculiaridades de cada paisagem, o uso e o clima na concepção de seus projetos paisagísticos, como já citado por Ferreira (2012). Lembrando, que ele reconhece que esses princípios norteiam a intervenção, mas não podem, jamais, ser

¹³ Declaração de princípios e recomendações para a preservação do *spiritu loci* através da proteção do patrimônio tangível e intangível, considerado uma forma inovadora e eficiente de assegurar o desenvolvimento sustentável e social no mundo inteiro. Realizada em Québec, no Canadá, em 2008.

¹⁴ Norueguês, Arquiteto, autor, educador e teórico da Arquitetura. Participou do Movimento Modernista na arquitetura e canalizou seus estudos para a fenomenologia arquitetônica.

entendidos como fórmulas. Nesse contexto, Oliveira (2000) discorre que “[...] o jardim de Burle Marx não se subordina à natureza, à arquitetura, ao lugar, à tradição, mas sua identidade existe em equilíbrio com eles; [...]”, nesse caso, é preciso compreendê-los para transformá-los.

Diante disso, seus projetos podem ser considerados “[...] uma operação delicada que leva em consideração as características do lugar e é ao mesmo tempo contundente; [...]” (OLIVEIRA, 2000). A preocupação com as características e tendências locais é recorrente em seus projetos que buscam se adequar ao sítio, tornando-os pertinentes. **O traçado** representa a materialização da sensibilidade do paisagista frente às potencialidades programáticas do lugar. É por meio dele, como referido por Jean-Marc Besse, anteriormente, que o invisível se concretiza no espaço formal. Então, o traçado deve ser decorrente das características físicas, da arquitetura circundante, da tradição local, das vivências e das funcionalidades do espaço e que por isso, oferece base para a manifestação do bem-estar.

Essa atenção às características locais pode ser percebida no projeto da Praça Euclides da Cunha, 1935, no Recife. No projeto Burle Marx utiliza espécies da caatinga¹⁵, que de acordo com Silva (2012) é uma vegetação nativa que ao mesmo tempo é exótica. Isso porque, apesar de ser uma formação florestal brasileira que não é encontrada em nenhum outro país, é desconhecida pela sociedade. Na proposta, Burle Marx soube aliar as condições ambientais das espécies aos aspectos artísticos do jardim (Figura 26).

Foi por meio da vegetação que o paisagista buscou evidenciar os aspectos culturais locais. Além do mais, no projeto utilizou o conhecimento sobre cada planta e seu habitat, fazendo associações para que fosse possível inseri-las em um contexto urbano.

¹⁵ Vegetação típica do Nordeste brasileiro com predominância de plantas xerófilas, como árvores e arbustos, que podem ter espinhos, assim como cactáceas, bromeliáceas e ervas anuais.

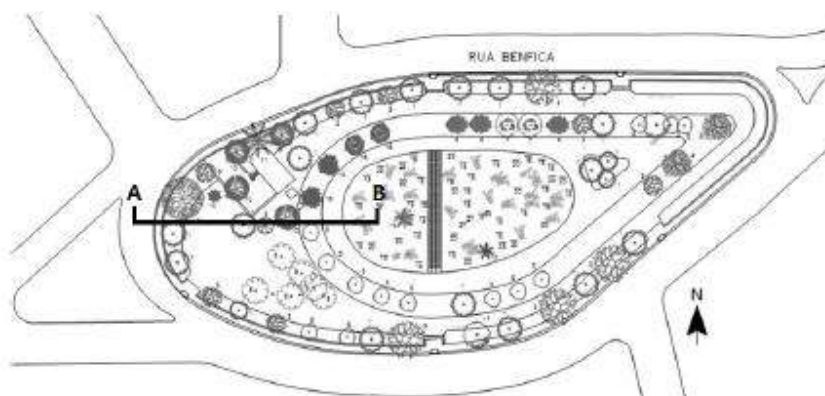
Figura 26 – Praça Euclides da Cunha desenhada por Burle Marx.



Fonte: Silva (2012)

Nesse sentido, as espécies foram agrupadas conforme as especificidades de cada uma (Figura 27), “[...] a divisão claramente usada pelo povo sertanejo, ou seja, a caatinga concebida em duas faixas de vegetação, dois tipos distintos de paisagem.” (SILVA, 2012, p. 63). Diante disso, se percebe que além da preocupação com as questões artísticas da praça, Burle Marx demonstra respeito às condições ambientais, trabalhando-as em conjunto.

Figura 27 – Plana baixa da Praça Euclides da Cunha, elaborada pela EMLURB para a restauração do jardim.



Fonte: Silva (2012)

Na planta baixa (Figura 27), é nítida a influência do lugar sobre o traçado. O desenho da praça segue as linhas naturais do terreno, criando cenários harmônicos com a vegetação especificada. A vegetação de maior porte, concentra-se no perímetro e de forma gradativa chega-se às cactáceas no interior da praça. Essa organização está totalmente vinculada ao lugar, tanto com relação ao sítio, quanto em relação às espécies vegetais. Nesse sentido, enfatiza-se que Burle Marx trabalhou o conjunto: traçado e representação da natureza, evidenciando a interdependência dos princípios paisagísticos.

Sobre a função social, e de caráter educativo e científico dos jardins, praças e parques para o equilíbrio do ser humano, Burle Marx enfatiza que:

Com relação aos jardins, é por meio deles que podemos amenizar a nossa vida, tão cheia de altos e baixos, no contexto da civilização industrial. Estou convencido que o jardim comunal, praça ou parque, terá uma importância maior em nossa vida, em busca de um equilíbrio relativo, dentro dessa instabilidade da civilização. Terá caráter social, educativo, científico. As funções serão determinadas pelas aspirações da época, ligando-se à conduta, tanto ética quanto estética, do homem. (TABACOW, 2004, p. 207)

Burle Marx conceitua o jardim como o resultado da adequação ao meio ecológico, de forma a ressaltar a representação da natureza para a sociedade urbana. Toda sua obra, além de atender às razões históricas, preza pela adaptação ao meio natural. Além disso, por ser artista plástico, ele maneja os elementos naturais por meio de fundamentos da composição plástica, fazendo emergir uma nova experiência (TABACOW, 2004). Como cita:

Decidi-me a usar a topografia natural como uma superfície para a composição e os elementos da natureza encontrada – minerais, vegetais – como materiais de organização plástica, tanto quanto qualquer outro artista procura fazer sua composição com tela, tintas e pincéis (TABACOW, 2004, p. 23).

Essa experiência descrita por Burle Marx, oriunda do contato com o meio natural, é de suma importância ao projeto paisagístico e está vinculada ao bem-estar. Burle Marx, assim como Olmsted, tem consciência das funções terapêuticas que a

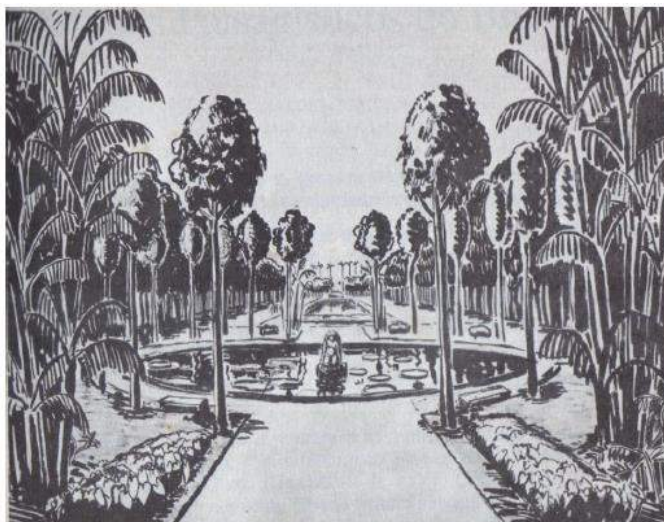
natureza proporciona às pessoas e evidencia isso em seus projetos trabalhando os elementos naturais.

De acordo com Donadieu (2013), o bem-estar humano pode ser fruto de fatores internos ou externos. Os fatores internos constituem-se da sensação de não ter dor física, preocupações, ansiedades. Já os externos têm o jardim, a praça, o parque, enfim, a natureza em linhas gerais, como principais estimulantes dessa sensação agradável nos indivíduos. Como destaca: “[...] uma estada, ainda que curta, num parque ou um passeio à beira-mar, num lago ou num curso de água, oferece um melhor-estar momentâneo, que a vida ordinária (fora do parque) [...]” (DONADIEU, 2013, p. 62).

A partir disso, é possível afirmar que os elementos naturais presentes nos projetos paisagísticos têm relação direta com a elevação da sensação de bem-estar nas pessoas. Como já discutido por Olmsted, a natureza tem propriedades capazes de alcançar a mente humana e amenizar o estresse oriundo do cotidiano.

Dessa forma, reforça-se a **representação da natureza** como um princípio de projeto, pois ressaltar os elementos naturais significa perceber a verdadeira dimensão do local. Nesse contexto, Burle Marx entende o paisagismo como uma manifestação artística, onde a natureza, com sua estética, é tida como matéria manejada com o propósito de uma composição plástica. (TABACOW, 2004) (Figura 28)

Figura 28 – Perspectiva para o lago central da Praça de Casa Forte desenhada por Burle Marx.

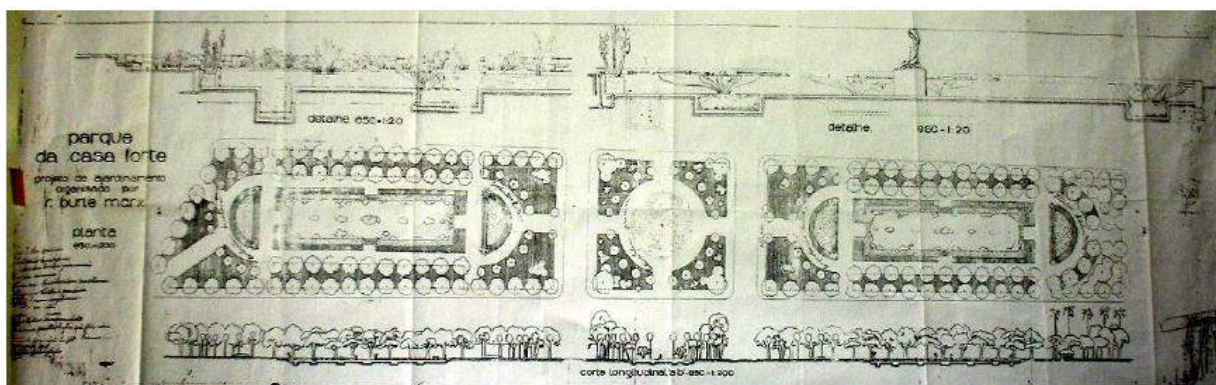


Fonte: Silva (2012)

E é nesse sentido que o projeto paisagístico da Praça de Casa Forte de Roberto Burle Marx, executada no ano de 1935, congrega espécies vegetais juntamente com três lagos, cada um reunindo vegetações de grupos distintos. (SILVA, 2012)

Apesar da separação da praça em três partes, há harmonia de uma com as outras, atribuindo uma continuidade ao traçado. Ou seja, o traçado relaciona-se com a representação da natureza, visto que o desenho da praça se dá em função dos lagos e das espécies vegetais. Fica claro que Burle Marx trabalha os princípios projetuais, traçado e representação da natureza, em conjunto o que gera unidade. Os princípios trabalhados conferem fluidez ao espaço, incrementando a experiência por parte dos usuários. (Figura 29)

Figura 29 – Planta da Praça de Casa Forte organizada por Burle Marx.



Fonte: Silva (2012)

Diante disso, Silva (2012) relata que Burle Marx sempre externou a aproximação com os botânicos como indispensável para a construção de seu conhecimento acerca da vegetação, e destaca a necessidade dessa relação aos paisagistas. Essa observação se mostra relevante no sentido de que os elementos naturais são tidos como fontes de bem-estar, e que por isso, é necessário o conhecimento das espécies vegetais e suas características.

Seguindo ainda pelos ensinamentos de Burle Marx, cabe enfatizar que ele teve como primeiro pensamento para o jardim, aquele de modificar “[...] a natureza topográfica, para ajustar a existência humana, individual e coletiva, utilitária e

prazerosa. [...]” (TABACOW, 2004, p. 24). Sendo assim, afirma que existem dois tipos de paisagem, a natural e a humanizada, onde uma é a existente e a outra a construída.

Essa paisagem construída atende a todas as necessidades advindas do desenvolvimento econômico, como moradias, transportes, fábricas etc., no entanto, além dessas razões materiais há em contrapartida “[...] a paisagem definida por uma necessidade estética, que não é luxo nem desperdício, mas necessidade absoluta para a vida humana, sem o que a própria civilização perderia sua razão ética.” (TABACOW, 2004, p. 24). Sendo necessidade estética, a paisagem é vivenciada no jardim como uma experiência estética. E é essa experiência, que Burle Marx descreve abaixo, que começa com o despertar de emoções, de sentir prazer, de sentir calor e frio, enfim entender a paisagem como “trajetiva”, segundo Berque (1994), uma troca com o meio.

No campo do paisagismo, não é possível falar de estética isoladamente. O jardim está ligado a todas essas funções que existem na natureza e que formam um todo orgânico. Por outro lado, esse todo se prende igualmente à vida do atribulado ser humano em busca de equilíbrio, de felicidade e de identificação com o meio. Essa comunhão se manifesta em todas as pequenas nuances capazes de despertar emoções de ordem poética. As emoções a que me refiro, o sentir prazer, o sentir beleza, e mesmo o sentir calor e sentir frio, descem até os processos físicos e químicos, que se situam na base de todas as manifestações vitais. (TABACOW, 2004, p. 20)

Com base nessa abordagem, tratando-se de praças e parques, Sá Carneiro (2010) reforça que o projeto paisagístico engloba elementos naturais, sendo eles árvores, arbustos, grama, flores, etc. e elementos artificiais que são os edifícios, passeios, equipamentos de esporte, dentre outros resultados da produção humana. E que, dentro dessa compreensão, o paisagista tem como objetivo agregar qualidade artística ao meio, para isso, treinamento e sensibilidade são necessários.

Cabral (2003) acrescenta que o paisagismo ordena o espaço em relação ao homem e que o jardim é uma obra de arte, assim como a pintura, a música e a poesia, mas além disso, constitui um espaço que pode ser experimentado, assim como a arquitetura. Nesse sentido, a humanização das paisagens demanda a compreensão de aspectos sociais, econômicos, culturais e morais. O paisagista deve ter conhecimento dessas áreas e compreender os anseios das pessoas para as quais ele

projeta, para que o resultado de seu trabalho se adeque às necessidades sociais e seja pertinente.

De acordo com Jacques Leenhardt¹⁶ (1994), Burle Marx extraiu uma obra com características próprias, a partir dessa complexidade e diversidade da paisagem, em que congrega “[...] a arte de cor, a geometria e a botânica sob a lei de uma sagaz atenção para com o usuário dos espaços assim criados.” (p. 14). Essa abordagem é melhor explicada por Sá Carneiro (2017), quando cita que o ato de intervir na paisagem demanda estudos teóricos para fomentar o pensamento e assim, conduzi-lo à prática paisagística, de modo a viabilizar a experiência de paisagem, uma vez que ela é composta pela interação entre sujeito, objeto e meio físico.

Logo, cabe notar que Burle Marx sempre considerou ao máximo os destinatários de suas criações. Seus projetos são pensados visando a experiência estética, para isso suas composições paisagísticas provocam estímulos à mente e ao corpo humano, com o intuito de enriquecer a experiência das pessoas com a paisagem. Nesse sentido é dito que:

Essa maneira de colocar no espaço o duplo registro estético da experiência do corpo e da percepção visual constitui, sem dúvida, uma das características mais profundas da concepção burle-marxiana do jardim. A riqueza da experiência estética de um espaço no qual o passeante se desloca implica, com efeito, que se entremesquem, em sua consciência e em seu corpo, os diferentes níveis de sua percepção (LEENHARDT, 1994, p. 18).

Por meio dos seus arranjos compositivos, Burle Marx procura, em seus projetos, fazer com que o espectador permeie os diferentes elementos, de modo que se sinta pertencente a um todo, onde os detalhes apareçam ritmicamente, assim como numa música, “[...] em tempo e em espaço.” (TABACOW, 2004, p. 20)

Considerar os anseios dos usuários é fator imprescindível aos projetos paisagísticos, para que estes apresentem respostas que permitam, notavelmente, a apropriação pelas pessoas. Burle Marx evidencia esse pensamento à medida que

¹⁶ Sociólogo e filósofo francês com doutorado em sociologia pela Universidade de Paris. Diretor de Estudos na Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais, em Paris. Estudioso de Sartre, Burle Marx e Gilberto Freyre.

defende que um jardim destinado à um guerreiro não pode apresentar as mesmas características que um destinado à um sacerdote, que precisa de um lugar para meditar e desconectar-se do mundo exterior (TABACOW, 2004).

Atender aos interesses da população é, especialmente, característica do projeto paisagístico, além da preocupação com outros aspectos, como a vegetação e as características do lugar, conforme Sá Carneiro (2010). Isso se dá pelo fato da paisagem ser percebida de formas distintas pelas pessoas, uma vez que isso acontece sob a ótica dos valores, sensibilidades e capacidade de observação presentes em cada ser. Logo, o ato de projetar demanda habilidade técnica e artística do paisagista, que constantemente está manejando aspectos materiais e imateriais. Essa noção é ressaltada quando se entende que:

Por seu caráter multidisciplinar, vários tipos de especialistas pensam a paisagem na cidade, como arqueólogos, historiadores, sociólogos, geógrafos, filósofos, mas são os arquitetos, os paisagistas e os jardineiros que constroem a paisagem associando a objetividade do fazer com a subjetividade do sentir. (SÁ CARNEIRO, 2017, p. 78)

Nesse contexto, Corajoud (2001) elucida a importância do diálogo entre o paisagista e as pessoas, pois caso contrário, têm-se um descompasso entre os projetistas da paisagem e os sujeitos que têm que apreciá-la, ou viver nela. Assim, afirma que: “[...] *Esta atención es una conducta particular del arte del paisagista: la negociación.*” (CORAJOUD, 2001, p. 131). Portanto, é preciso atentar-se para as características conferidas ao projeto, uma vez que elas viabilizam a aceitação, ou não, por parte das pessoas.

Essa preocupação com as demandas sociais tem forte ligação com o bem-estar, por isso, Leenhardt (2008) enfoca para a consciência, por parte do paisagista, do compromisso com o bem-estar futuro dos sujeitos para os quais seus projetos são propostos. Precisa-se abarcar os anseios que compõem a vida humana, já que o jardim, a praça, o parque, a paisagem de modo geral, são de cunhos sociais. Reforçando essa concepção destaca-se que: “No jardim, o visitante deve, pois, ser considerado como o verdadeiro destinatário dos arranjos que lhe são propostos. [...]” (LEENHARDT, 2008, p.44).

Donadieu (2012) baseia-se no conceito de mediança de Berque (1990) e soma a essa discussão de participação popular a afirmativa de que deve haver um consenso democrático, no projeto de paisagem, para que o debate social seja organizado antecipando cenários paisagísticos, de acordo com os desejos da sociedade envolvida. É preciso contemplar a subjetividade local para que o sentimento de pertencimento coletivo exista, fato que pode resultar na apropriação simbólica da paisagem. Nesse sentido, destaca-se que:

[...] Este pensamento global do espaço passa pelo alinhamento dos projetos que solicitam o paisagista, pela produção das representações que lhe inspirarão a formalização, e pela difusão local das intenções de transformação concernentes. O desafio social é considerável porque, em um projeto *medialista*, a apropriação simbólica da paisagem é uma das condições da fundação de uma subjetividade coletiva local, ou seja, de uma consciência societária de pertencimento a um mesmo lugar, a uma mesma natureza. O debate local não prejudica formas paisagísticas que os grupos sociais e seus agentes queiram conservar ou instaurar. [...] (DONADIEU, 2012, p. 71)

Com isso, comprova-se a necessidade de inclusão dos atores sociais no processo de elaboração do projeto paisagístico e ainda dentro dessa perspectiva, Donadieu salienta que o interesse, nessa participação dos sujeitos, não está direcionado aos aspectos decorativos, mas sim: “ [...] em imaginar as alternativas de meio de vida e criar as condições de emergência de uma demanda coletiva de paisagem, que o paisagista, com outros, saberá transformar em projetos concretizáveis.” (DONADIEU, 2012, p. 71)

Todas essas questões fazem com que a proposta projetual seja pertinente ao lugar para que as pessoas se identifiquem com o meio, podendo apropriá-lo, saciando seus desejos.

Assim, a **apropriação** acontece quando se atende aos anseios sociais, por meio do estímulo à vivência individual e coletiva. Como visto, o projeto paisagístico deve refletir o espírito do lugar. E que por isso, é constituído de aspectos materiais e imateriais, onde o **imaterial (a apropriação)** confere sentido aos **materiais (o traçado e a representação da natureza)**.

Sabendo que o traçado e a representação da natureza são partes do projeto que devem estar atreladas ao lugar e seguir princípios de composição como evidenciado através das obras de Olmsted e Burle Marx, quais seriam os elementos essenciais que tais partes do projeto paisagístico devem apresentar, que de fato são os responsáveis pela causa do sentimento de bem-estar às pessoas?

4.2 O BEM-ESTAR PAISAGÍSTICO: PRODUTO DA PAISAGEM ENQUANTO PROJETO

Para conceituar o bem-estar paisagístico é preciso explorar o bem-estar subjetivo, que é investigado na psicologia de forma abrangente, podendo apresentar outras denominações, felicidade, satisfação, estado de espírito e afeto positivo. De acordo com Giacomoni (2004), trata-se de como as pessoas aferem suas vidas, considerando o que as levam a julgarem como positiva suas experiências. Assim, dentre vários aspectos, o lazer mostra-se como um dos que corroboram para a formação desse sentimento.

A autora afirma ainda que há duas formas de abordagem para entender o bem-estar, a *bottom-up* que parte da noção de que a satisfação das necessidades universais e básicas dos indivíduos provoca a felicidade. A outra forma é a *top-down*, onde defende que as pessoas estão predispostas a interpretar acontecimentos cotidianos, tanto positivamente quanto negativamente, fato que influencia a avaliação da vida. Em linhas gerais nessa abordagem o bem-estar é resultante da afetividade subjetiva das situações, ao contrário do que prega a *bottom-up*, onde é a objetividade das circunstâncias que contribuem, ou não para sua formação.

Seguindo esse pensamento, o bem-estar humano é um sentimento que tem como base as variáveis discutidas anteriormente, e trata-se de: “[...] um estado psicológico individual decorrente de uma sensação agradável de necessidades e desejos satisfeitos. [...]” (DONADIEU, 2013, p.61). Indo mais a fundo nessa compreensão, Berthoz (1997) faz uma reflexão sobre o papel do arquiteto enquanto sujeito que elabora ambientes, em diversas escalas. Segundo o autor, estes devem responder às necessidades do cérebro humano.

Transpondo esse pensamento para a concepção do projeto paisagístico fazem-se os seguintes questionamentos: quais seriam essas necessidades aos seres humanos? Que elementos existentes na paisagem são capazes de satisfazer à mente dos indivíduos proporcionando a eles um sentimento de plenitude?

Para responder a essas perguntas, pode-se conduzir a discussão embasada na concepção de que o cérebro do homem é “[...] sensível aos elementos essenciais que constituem a natureza percebida, nosso ambiente [...]” (BERTHOZ, 1997, p. 277) sendo esses elementos quantificados em três: **regularidade, surpresa e movimento** (Figura 30). O autor afirma que são esses elementos os responsáveis por dar à natureza sua imagem.

A partir dessa reflexão, unida às características projetuais de Olmsted e Burle Marx, como discutidas anteriormente, chega-se à ideia de que os princípios projetuais para o bem-estar, agrupados em traçado e representação da natureza, utilizam-se dos elementos essenciais do ambiente definidos por Berthoz (1997). Diante disso, pergunta-se: como esses elementos se manifestam no traçado e na representação da natureza?

Assim, a **regularidade** compreende uma repetição ritmada que agrada aos olhos de quem a contempla. Pode ser encontrada como uma intenção no projeto sob a ótica de vários elementos, como uma paginação de piso, a disposição do mobiliário, elementos vegetais semelhantes, como folhas, caules e galhos, ou até mesmo o próprio desenho do jardim, praça ou parque.

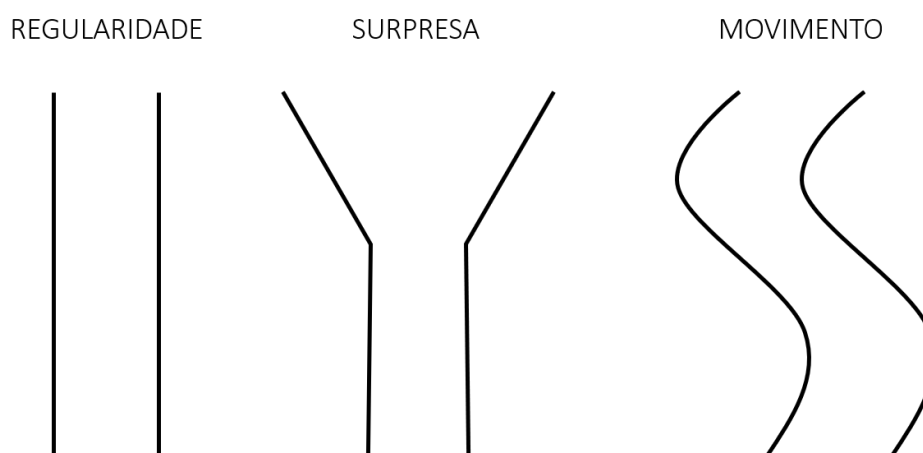
Pode-se relacionar a regularidade aqui tratada, com a definição de legibilidade de Lynch (1918), que é conceituada como a facilidade de organizar e identificar as partes dentro de um padrão lógico, que pode proporcionar um sentimento de segurança emocional ao indivíduo. Nesse sentido, é possível dizer que a regularidade deixa o homem confortável no ambiente, uma vez que ele compreende o que o cerca permitindo-lhe liberdade nas ações.

A **surpresa**, por sua vez, representa a quebra da regularidade, quando, de forma repentina, o sujeito depara-se com algo que desfaz a continuidade da composição. No entanto, apesar de ter a função de desorganizar, a surpresa não torna desagradável o ambiente, pelo contrário. O paisagista deve responder, por meio do

projeto, a essa necessidade do homem de vivenciar uma paisagem surpreendendo-se. Isso pode acontecer no projeto, principalmente, pelo desenho, com a criação de áreas dispostas em pontos estratégicos, de forma que permita que o usuário se depare com o inesperado, incrementando as sensações advindas da paisagem.

Por fim, **o movimento**, é quem desfaz o aspecto estático do ambiente e manifesta-se por meio do vento que movimenta a vegetação, da forma do mobiliário, dos gestos das pessoas que caminham, correm, conversam. Essa intenção no projeto evita “[...] o desespero de voltar todos os dias a face para o mesmo lugar. [...]” (BERTHOZ, 1997, p.283), uma vez que cada movimento praticado não se repete na íntegra. O movimento, seja ele resultado da natureza, ou da ação humana, não acontece novamente de forma igual, sendo assim, o movimento presente nos jardins, praças e parques estão intimamente atrelados a apropriação.

Figura 30 – Ilustração para os três elementos para o bem-estar definidos por Berthoz.



Fonte: Elaboração própria (2019)

Esses elementos descritos, trabalhados como intenções projetuais, como descritas acima, são imprescindíveis para o processo de projeto paisagístico. Representam respostas aos anseios humanos e indo mais além, satisfazem as necessidades da mente do ponto de vista da neurociência. (BERTHOZ, 1997)

Considerando os autores mencionados ao longo deste trabalho, percebe-se o quão subjetivo é o bem-estar paisagístico, assim como o sentimento de paisagem, e que, o mesmo, tem como fontes vários elementos oriundos da ação do paisagista

Pode-se dizer que tanto Olmsted, quanto Burle Marx apresentam percursos metodológicos para elaboração dos seus projetos. Percursos esses, que são evidenciados pelo traçado e a exaltação dos elementos naturais resultando em apropriação social, manifestada de acordo com cada contexto em que estão inseridas. Nesse sentido, de modo geral, criaram jardins, praças e parques que são, antes de tudo, lugares em que é possível a experiência individual, ou coletiva, com a natureza em todas as suas dimensões.

Por tudo que foi exposto, afirma-se que existe uma relação direta entre os parques, praças e jardins, e o bem-estar humano, mas essa relação é complexa, justamente por envolver sentimentos. Dessa forma, embora se entenda que essa troca exista, comprová-la é um desafio. Nesse contexto, Donadieu cita que:

É tão difícil confirmar a realidade do bem-estar sentido pelos utilizadores dos espaços verdes como é difícil refutá-la. Admitamos que, em bastantes casos, trata-se da sensação de uma melhoria passageira do bem-estar e que, em muitas práticas, o contexto do espaço exterior é simplesmente o apropriado, propício a atividades muito diversificadas, que não têm sempre como finalidade explícita a procura do bem-estar em si ou para o grupo em questão, mas raramente o excluem. (DONADIEU, 2013, p.63)

Entende-se que o projeto paisagístico pode contribuir para o sentimento de bem-estar paisagístico nas pessoas. Para isso, ele deve apresentar algumas características, frutos de elementos que consideram o material e o imaterial da área em que se insere. O bem-estar paisagístico resulta disso e, sobretudo, da apropriação por parte dos usuários, uma vez que o bem-estar só poderá ser manifestado à medida que os indivíduos participem da experiência paisagística.

Esta pesquisa irá considerar os três elementos (regularidade, surpresa e movimento), definidos por Berthoz (1997), como intenções projetuais, para análise de projetos paisagísticos. São eles que tornam palpável esse sentimento subjetivo de bem-estar. Os estudos neurocientíficos de Berthoz explicitam que o cérebro humano

se apraz através da ação estimulada pelo meio externo, ação esta que corresponde ao viver, imbuído de risadas, conversas, trabalho, choro, dúvidas, certezas, entre outras ações que configuram a vida.

Logo, em cada indivíduo há uma necessidade de estar em um ambiente que apresente estímulos a essas ações, de tal forma, pode existir prazer nessa experiência entre sujeito e meio físico. Assim, sob a ótica da neurociência, o bem-estar, mesmo estando em campo subjetivo, pode ser compreendido considerando as características físicas do ambiente. Apesar dessas discussões não serem direcionadas ao projeto paisagístico, elas são voltadas para a atividade do arquiteto de modo geral e pode ser aplicada no contexto desta pesquisa.

Nesse sentido, pôde-se identificar que esses elementos estão presentes nos princípios projetuais praticados por Olmsted e Burle Marx que podem ser sintetizados em traçado e representação da natureza. A apropriação é uma consequência de um projeto pertinente, não é um princípio do projeto paisagístico, mas resultado desses princípios, é o objetivo ao se projetar. Por isso, nesse estudo a apropriação é igualmente valorada para validar propostas.

5 A BUSCA DO BEM-ESTAR NAS PRAÇAS

5.1 CONSTRUINDO CRITÉRIOS DE ANÁLISE DO PROJETO PAISAGÍSTICO PARA O BEM-ESTAR

Para o estudo das praças mencionadas no capítulo 1 foi preciso construir um percurso metodológico pertinente ao que esta pesquisa se propõe a fazer. E para isso, a linha de pensamento que guiou a pesquisa de campo foi extraída a partir dos estudos dos autores utilizados como base para as discussões teóricas. Dessa forma, dividiu-se este estudo em duas grandes etapas: aporte conceitual e pesquisa de campo.

O aporte conceitual, realizado inicialmente, tem como objetivo levantar as questões sobre a paisagem, o projeto paisagístico e o bem-estar. Nessa parte destaca-se o papel do paisagista, enquanto sujeito responsável por intervir na paisagem, assim como, quais são as causas do sentimento de bem-estar nas pessoas que fazem usos desses espaços projetados.

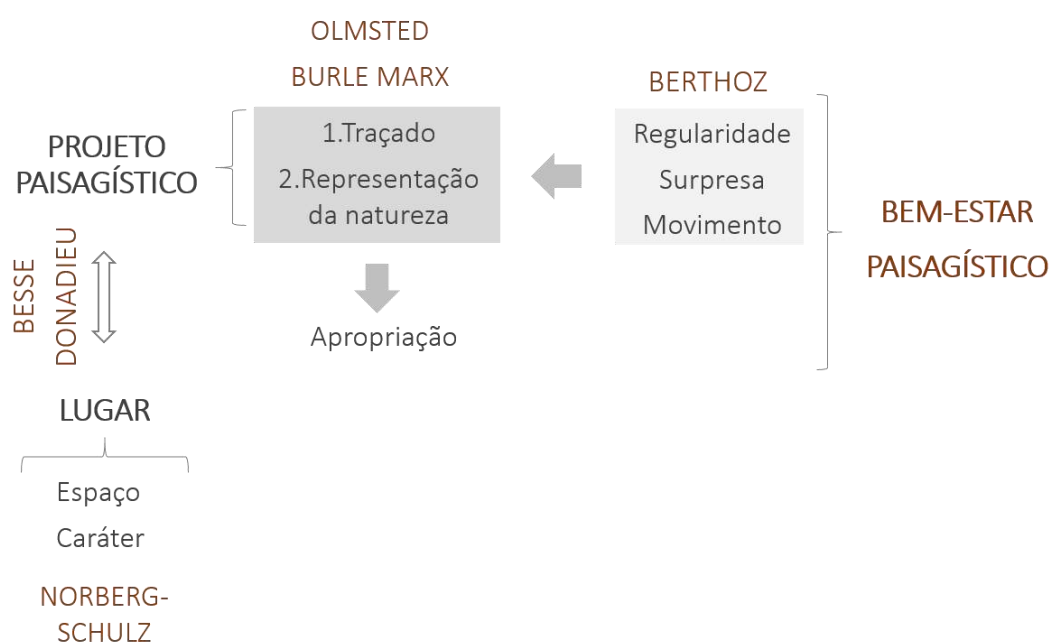
Dentre os autores trabalhados destaca-se Berque (1994) abordando a teoria da paisagem a partir da noção de paisagem vivida. Para a compreensão da relação entre o projeto paisagístico e o bem-estar evidenciam-se Besse (2014) e Donadieu (2013). A busca por princípios projetuais foi orientada pelo estudo das trajetórias profissionais de Olmsted e Burle Marx. Complementou-se com a identificação dos elementos estimuladores da sensação de satisfação, com Berthoz (1997) e a neurociência.

Por meio dos conceitos trabalhados por Olmsted e Burle Marx, é possível dizer que o **projeto paisagístico deve ser condizente com o lugar** para que a apropriação social seja viabilizada e, conseqüentemente, o bem-estar paisagístico possa ser alcançado. Dessa forma, considerando os argumentos dos autores aludidos no aporte conceitual, pode-se agrupar os princípios projetuais em dois: **o traçado e a representação da natureza**. Eles compreendem elementos que, se planejados considerando o lugar, resultam em **apropriação**. Comparando com o *genius loci* (Norberg-Schulz), o traçado e a representação da natureza relacionam-se com o espaço (material) e a apropriação tem a ver com o caráter (imaterial). Frisa-se que a

apropriação (o caráter) é o que qualifica o traçado e a representação da natureza (espaço), é o que emprega o sentido ao projeto.

Verificou-se que os princípios projetuais - traçado e representação da natureza - possuem as três intenções que, de acordo com Berthoz (1997) do ponto de vista da neurociência, são as responsáveis por agregar bem-estar a experiência com o ambiente, sendo elas: regularidade, surpresa e movimento. (Figura 31)

Figura 31 – Síntese conceitual da pesquisa.



Fonte: Elaboração própria (2019).

Desse modo, foi possível definir os critérios para análise dos projetos paisagísticos, utilizados nesta pesquisa. Salienta-se que todos os pontos mencionados tratam de aspectos que são interdependentes e que, se presentes, resultam em um projeto pertinente ao local em que se situa. A partir dessa compreensão, a pesquisa de campo se delimita, dividindo-se em duas etapas: análise material e análise imaterial.

Em um primeiro momento voltou-se para as características físicas e naturais dos projetos das praças trabalhadas (traçado e representação da natureza), para em seguida ater-se às interpretações sociais (apropriação e julgamento dos usuários).

5.2 PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS

Considerando que os princípios do projeto paisagístico, elucidados no capítulo anterior, podem ser caracterizados como elementos materiais e a apropriação em imaterial, elencou-se para análise das praças, objeto de estudo desta pesquisa, aspectos organizados de acordo com essa concepção. Dessa forma, a análise se deu por meio da identificação e descrição de quatro elementos percebidos nas praças, que em cada uma compõem seu traçado e representação da natureza: **espaços de estar; espaços esportivos; mobiliário e passeios; e cobertura vegetal.**

Em seguida, a **apropriação**, foi registrada, em cada praça, por meio de mapas comportamentais. Além disso, entendendo a importância do auto relato para mensuração do bem-estar, uma consulta pública de opinião é realizada, formalizada através de três **perguntas abertas** sobre as praças.

5.2.1 Etapas da pesquisa de campo

A primeira etapa da pesquisa de campo iniciou-se pela análise visual dos princípios projetuais utilizados em cada praça. Assim, os **espaços de estar** projetados foram analisados considerando a finalidade de seus usos, e a forma como foram trabalhados na praça, incluindo sua localização e infraestrutura. Seguindo para os **espaços esportivos** buscou-se evidenciar as modalidades esportivas, suas instalações nas praças e quais as condições do aparato físico existente para realização de tais atividades. O **mobiliário e os passeios** são outros elementos importantes, pois exercem papéis estruturantes com relação aos fluxos e contribuem para a apropriação, por isso analisou-se características como desenho, materiais e cores. Por último, observou-se a **cobertura vegetal**, se houve o cuidado em manejá-la em coerência com o traçado e se a existência da vegetação é algo relevante no projeto estudado, sendo assim posta em contato com o usuário. Os elementos naturais são importantes por trazerem interação com a vegetação e animais, proporcionando uma sensação de alívio na mente.

A segunda etapa consistiu na averiguação da **apropriação** social. Significa como as pessoas utilizam o projeto, se seguem as atividades “impostas”, ou se improvisam outros usos. Nessa parte foi possível identificar a aceitação por parte das pessoas, para isso foram elaborados mapas comportamentais.

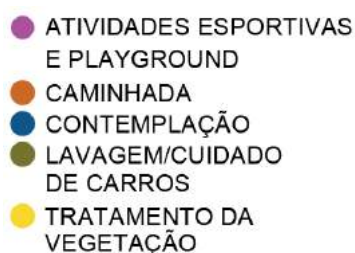
Esta etapa se viabilizou por meio de observações diretas em diferentes dias e horários. Coletando e documentando os dados do entorno e das atividades, como descritas acima, e utilizando-se do comportamento ambiental para elucidar a apropriação. Nesse sentido, foram realizadas 15 (quinze) visitas com observações nos dias e horários de início especificados no apêndice A. Permaneceu-se durante 30 (trinta) minutos em cada praça.

Consultando a Prefeitura Municipal de João Pessoa, em visita realizada à DIPLUR¹⁷, verificou-se que não há registro de projetos anteriores aos atuais e também não se encontrou documentos oficiais sobre a história das praças. Além disso, foi solicitado o acesso aos projetos paisagísticos, mas só há arquivos dos projetos referentes à Praça São Gonçalo e à Praça Pedro Gondim, segundo os técnicos do setor. No entanto, foram disponibilizados os arquivos nos formatos *.dwg* e *.pdf* dos projetos encontrados.

A autoria dos projetos fica a cargo da equipe técnica vigente em cada gestão, então não se tem a atribuição da autoria dos projetos a um único paisagista. Para o desenvolvimento desta pesquisa e elaboração dos mapas comportamentais, foi preciso fazer o levantamento físico dos projetos, que não foram encontrados, da Praça dos Ex Combatentes e Praça Ariosvaldo Silva. Assim como, se checou se os projetos fornecidos ainda estão em conformidade com a situação atual das praças.

Ao produzir os mapas comportamentais adotou-se como convenção, para identificar a apropriação, um ponto colorido, que corresponde a uma pessoa. A cor do ponto varia de acordo com o uso, conforme figura 32. Para indicar um fluxo intenso por determinado trajeto, utilizou-se uma seta tracejada na cor vermelha.

Figura 32 – Usos desenvolvidos nas praças.



Fonte: Elaboração própria (2019)

¹⁷Diretoria de Planejamento Urbano.

Assim, durante o intervalo de tempo em que se permaneceu observando as praças, marcou-se no desenho, no local em que se encontravam, cada pessoa que de alguma forma utilizou a praça. Por exemplo, quando a pessoa se encontrava jogando futsal, se marcou um ponto lilás dentro da quadra de futsal, essa cor indica que a pessoa desenvolve a atividade esportiva correspondente ao local em que ela se encontra, no caso o futsal. E assim para as demais áreas das praças. Além disso, utilizando esse marcador, foi possível quantificar quantas pessoas estiveram presentes em cada observação.

Nesse sentido, o ponto lilás foi utilizado para indicar práticas esportivas, jogos de tabuleiro e *playground*. O ponto laranja foi utilizado para as pessoas que praticaram a caminhada. Já o ponto azul representa a contemplação e convívio social. O ponto verde indica a presença de “flanelinhas” que observam os carros estacionados ao redor da praça São Gonçalo e o ponto amarelo representa alguém, no caso um morador do bairro, que cuida da vegetação existente, seja regando, plantando ou podando. Os pontos foram registrados em uma posição fixa, contudo, sabe-se que algumas atividades são desenvolvidas em movimento, como a prática de esportes, mas entende-se que as pessoas se movimentaram dentro da área destinada a elas.

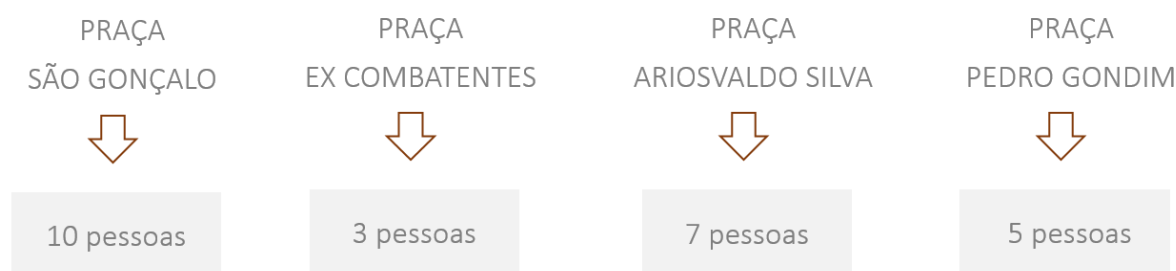
Partindo para a segunda parte da pesquisa de campo, compreende-se que, de acordo com Albuquerque e Tróccoli (2004), o bem-estar pode ser verificado de maneira adequada por meio do auto relato, ou até mesmo perguntas simples sobre quão satisfeitas ou felizes as pessoas estão, uma vez que apenas o sujeito pode “experienciar” suas sensações e julgar se está confortável, ou não. Nesse sentido, as entrevistas mostram-se como de suma importância para constatar as relações aludidas.

Assim, foram realizadas **entrevistas estruturadas** compostas de perguntas abertas com os usuários (moradores, visitantes e transeuntes de todos os gêneros e faixas etárias). Para elaboração das perguntas tomou-se como base todos os conceitos trabalhados pelos autores supracitados. Nesta pesquisa, enfoca-se na abordagem *bottom-up* do bem-estar, onde os elementos projetuais presentes nas praças serão estudados como sendo os principais estimuladores dessa sensação nos usuários do projeto paisagístico. As entrevistas, buscam explicitar como esses elementos contribuem para que esse sentimento possa ser experienciado pelas pessoas à medida que elas fazem uso do espaço.

Vale salientar que as pessoas consultadas não são identificadas, conforme o modelo de entrevista no apêndice B. As perguntas realizadas foram as seguintes: **O que você mais gosta na praça? O que você sente falta na praça? Em uma palavra, o que a praça representa para você?** As perguntas foram elaboradas de forma a ser compreendida facilmente e a não induzir respostas, por isso evitou-se mencionar o bem-estar, ou qualquer outro elemento analisado inicialmente. Dessa forma, se obteve respostas variadas, de acordo com cada entrevistado, onde necessitou-se interpretá-las agrupando-as por características similares.

As entrevistas foram realizadas após algumas observações para que fosse possível abordar alguns frequentadores assíduos das praças, distinguindo as pessoas que se apropriam das que apenas usam o espaço. Nesse sentido, foi possível conversar com 25 pessoas (Figura 33).

Figura 33 – Quantidade de pessoas entrevistadas por praça.



Fonte: Elaboração própria (2019)

Os dados coletados nas entrevistas são utilizados para atestar se as áreas projetadas, assim como a apropriação que as pessoas fazem delas, estão condizentes com o que elas identificam como pontos agradáveis, ou não, nas praças. As perguntas permitem elucidar quais são os aspectos do projeto que mais satisfazem as pessoas e se elas enxergam as praças como locais de deleite. Com isso, viabiliza-se dizer, juntamente com o embasamento teórico, o que é importante ter em um projeto paisagístico, para que o bem-estar seja alcançado.

As respostas foram separadas por cada praça e organizadas em ordem decrescente de acordo com a recorrência em que apareceram, tanto para a primeira quanto para a segunda pergunta. Para a última pergunta agrupou-se as palavras, que foram mencionadas, de acordo com a semelhança de significados, separando-as por

praça. Assim, têm-se delimitados todos os procedimentos metodológicos necessários para realização da pesquisa, que foram sintetizados no esquema abaixo. (Figura 34)

Figura 34 – Síntese das etapas da pesquisa.



Fonte: Elaboração própria (2019)

6 EXPRESSÕES DO BEM-ESTAR PAISAGÍSTICO NAS PRAÇAS DO BAIRRO DA TORRE

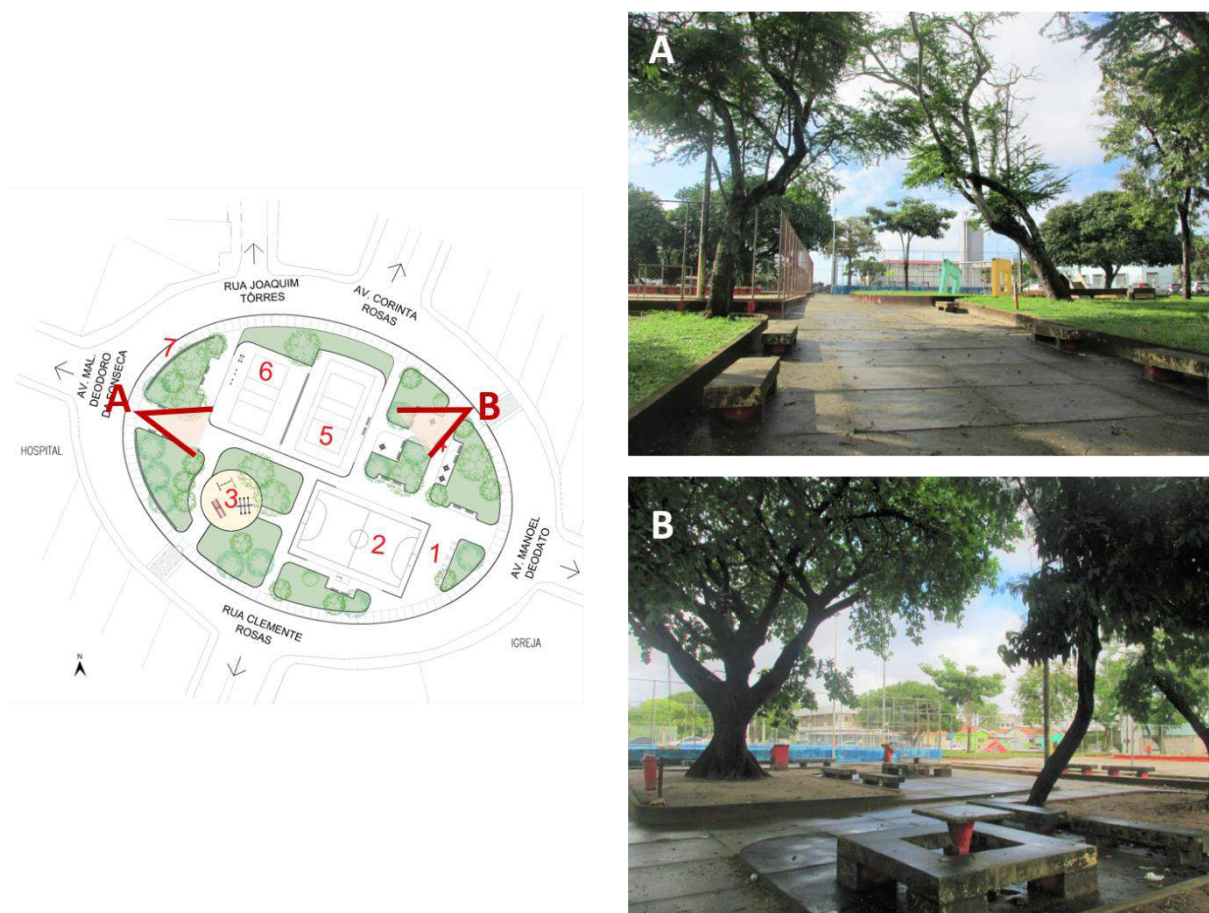
Neste capítulo se analisa como acontece o uso dos espaços de estar, espaços esportivos, mobiliário e passeios e elementos vegetais em cada praça, procurando identificar as três intenções projetuais de Berthoz. Em seguida, se faz descrições das observações, dos mapas comportamentais e das entrevistas, de forma a entender como as pessoas se apropriam dos espaços e quais aspectos do projeto paisagístico corroboram para o sentimento de satisfação. Dessa forma, as análises são realizadas em um primeiro momento voltadas para as características físicas e em um segundo momento para a subjetividade dos usuários.

6.1 ANÁLISE DO USO DAS PRAÇAS

Um aspecto observado nas praças estudadas é a disposição de **espaços de estar**. Considerando as atividades e usos mais frequentes nos projetos, esta é uma que aparece em todos eles. No entanto, esses espaços são trabalhados de forma e proporção distintas em cada praça, estimulando a apropriação em algumas e inibindo-a em outras, como será observado a seguir.

Na Praça São Gonçalo há uma grande área destinada aos espaços de estar, podem-se encontrar bancos locados sob as copas das árvores por toda a praça, mas há uma concentração maior na porção leste, entre as quadras esportivas. Esse setor da praça é uma área sombreada que atrai pássaros, devido a quantidade de árvores, criando um cenário bucólico que incrementa a experiência contemplativa dos usuários. Nessa área se percebe uma intenção projetual de criar espaços voltados ao convívio (Figura 34 (B)). Além disso, existem bancos ao longo dos passeios e em áreas menores de permanência que servem de apoio às outras atividades, como o *playground* e quadra de futsal. Em boa parte desses espaços há forte presença da vegetação, fator que contribui para a apropriação. No entanto, se percebe que esses bancos não foram pensados visando uma integração com o desenho, fazendo uso de recursos que estimulem as interações entre as pessoas. (Figura 35 (A))

Figura 35 – Espaços de estar da Praça São Gonçalo.



Fonte: Acervo pessoal (2019)

Diferente disso tem-se a Praça dos Ex Combatentes, como já relatado, a praça é de porte pequeno e que por isso há bancos no seu perímetro. Os bancos se encontram de forma que não facilitam a interação entre as pessoas, locados linearmente um ao lado do outro. Os bancos que se diferenciam disso estão locados na esquina, próximo ao fiteiro. Além disso, estão voltados para as ruas e não para a praça, assim as pessoas não ficam olhando diretamente para a vegetação.

Essa forma de organizar os espaços de estar pode inibir a contemplação. O maior ponto de estar é em torno do fiteiro existente, quando este se encontra aberto (Figura 36). Também não há elementos compositivos no projeto que enriqueçam o cenário paisagístico de modo a tornar a praça mais atrativa.

Figura 36 – Fiteiro e bancos da Praça Ex Combatentes.



Fonte: Acervo pessoal (2019).

Seguindo para a Praça Ariosvaldo Silva, esses espaços são trabalhados no seu interior. Assim como a Praça São Gonçalo há uma área voltada para a contemplação e convívio, com bancos e mesas dispostos sob área sombreada e com configuração que permite que as pessoas possam estar voltadas para “dentro” da praça e não para “fora” dela (Figura 37).

Figura 37 – Espaços de estar da Praça Ariosvaldo Silva.



Fonte: Acervo pessoal (2019)

Isso é percebido pela forma como os bancos são locados, de frente um ao outro e em semicírculo, o que induz os olhares para pontos internos à praça. Essa característica se opõe ao que é proposto na Praça dos Ex Combatentes.

A praça que mais apresentava espaços de estar e que tinha isso como principal característica, se diferenciando das demais, era a Praça Pedro Gondim, em seu projeto inicial. Como já visto, esse era um ponto forte do projeto, que foi pensado visando à criação de cenários que contribuíssem para essa atividade. Nesse sentido, encontravam-se bancos e elementos, como uma ponte ornamental, que estimulavam a contemplação da paisagem.

No projeto atual ainda há uma grande área destinada ao estar, verificada pela presença de bancos e mesas. Os bancos foram locados ao longo dos passeios, e assim como na Praça dos Ex Combatentes, dispostos linearmente. Próximo ao quiosque há uma área com mesas que também foram projetadas segundo essa lógica compositiva mencionada (Figura 38). Essa configuração demonstra que embora os bancos estejam no interior da praça, eles não foram projetados de forma a estimular a interação entre as pessoas, já que os espaços de estar são dispostos às margens dos passeios. Não foram criados espaços de estar favoráveis à contemplação.

Figura 38 – Espaços de estar da Praça Pedro Gondim (projeto atual).



Fonte: Acervo pessoal (2019)

Com isso, se percebe que em todas as praças os espaços de contemplação e estar não seguem os mesmos critérios de projeto, sendo planejados de formas diferentes. Percebe-se também que não há preocupação com a função dos espaços criados, uma vez que alguns elementos são propostos de forma que não estimulam o desenvolvimento do uso para o qual eles se destinam. A exemplo disso pode-se citar a Praça dos Ex. Combatentes e a Praça Pedro Gondim. Nas demais praças, embora que de maneira limitada, ainda se notam tentativas em criar condições físicas para

tais atividades. Além do mais, é nítida a falta de manutenção nessas áreas em todas as praças, com exceção da Praça Pedro Gondim que foi reformada recentemente.

De acordo com Sá Carneiro (2010), no Brasil, assim como nos Estados Unidos e em países europeus podem-se encontrar espaços para recreação ativa e realização de atividades, além da área destinada à contemplação. Nesse sentido, os parques deixaram de ser jardins de deleite no século XIX para serem espaços recreativos com usos que percorrem desde as atividades esportivas até as manifestações culturais. (WELCH, 1991 apud SÁ CARNEIRO, 2010)

Os **espaços esportivos** são outro critério de análise das praças estudadas. Apenas duas das quatro praças apresentam áreas destinadas a essa função de uma forma mais aparente, a Praça São Gonçalo e a Praça Ariosvaldo Silva, com uso mais expressivo na primeira. Nesta praça, a presença do esporte é muito evidente, principalmente pelo futsal e sua quadra que marca visualmente a paisagem. (Figura 39)

Figura 39 – Espaços esportivos da Praça São Gonçalo.



Fonte: Acervo pessoal (2019)

Já na Praça Ariosvaldo Silva a atividade é representada pela disposição de uma quadra de basquete (apenas a área da cesta) e por falta de manutenção está danificada, portanto não é utilizada para esta finalidade esportiva, ou seja, o espaço destinado à prática do esporte se encontra ocioso. (Figura 40 (A)). Um *playground* infantil foi proposto, e também se encontra sem conservação, com algumas partes quebradas, contudo, os remanescentes são usados pelas crianças (Figura 40 (B)). Esses espaços esportivos nessas condições imprimem ao local uma imagem de abandono, o que muitas vezes pode inibir o uso por parte de pessoas que não conheçam a praça.

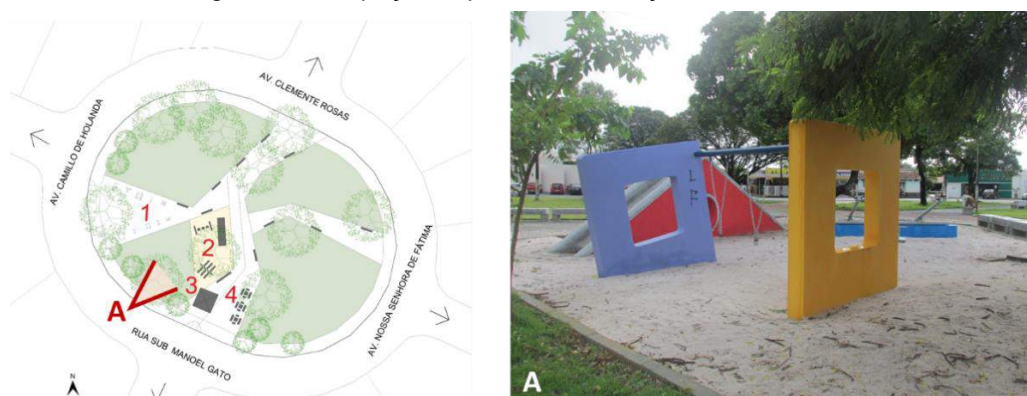
Figura 40 – Espaços esportivos da Praça Ariosvaldo Silva..



Fonte: Acervo pessoal (2019)

A Praça Pedro Gondim apresenta apenas um *playground* infantil disposto próximo ao quiosque e aos bancos, em área mais interna na praça. Essa localização permite que o uso aconteça de forma mais segura, pois se distancia do tráfego existente na rua que contorna a praça (Figura 41).

Figura 41 – Espaços esportivos da Praça Pedro Gondim.



Fonte: Acervo pessoal (2019)

De modo geral, o que se percebe, é que tanto as quadras, quanto os *playgrounds*, não são planejados de forma harmônica com os desenhos das praças, apenas são locados desconectados, e independentes deles as demais áreas são pensadas. Nesse sentido, do ponto de vista do traçado, falta integração e unidade nas praças.

As características do **mobiliário e dos passeios** representam as linhas projetuais adotadas e marcam visualmente a paisagem. Observou-se que as praças estudadas apresentam, de modo geral, a utilização dos mesmos materiais e desenhos com relação ao mobiliário.

Com exceção da Praça dos Ex Combatentes, em todas as demais são utilizados o mesmo estilo de banco, em concreto, com pequenas variações, como pode ser observado na figura 42. O padrão adotado consiste em um assento monolítico em forma de paralelepípedo, apoiado em duas bases, também monolíticas, dispostas nas extremidades. Na Praça Ariosvaldo Silva esse apoio é único e centralizado. Nenhum modelo foi projetado com encosto.

Figura 42 – Bancos utilizados em cada praça.



Fonte: Acervo pessoal (2019)

As mesas para jogos são projetadas de forma similar aos bancos e se repetem nos três projetos das praças com algumas variações. Na praça São Gonçalo os bancos são contínuos ao redor da mesa, sendo assim estimula mais a aproximação entre as pessoas. Na Praça Pedro Gondim e Praça Ariosvaldo Silva alguns bancos são para duas pessoas e outros individuais (Figura 43). Os brinquedos das áreas destinadas às crianças apresentam formas simples e também são desenhados conforme padrão que se repete nos projetos e é derivado dos demais mobiliário das praças.

Diante disso, se verifica que não houve preocupação em projetar bancos anatômicos, as formas são racionalizadas e o acabamento é simples. Isso se deve, em parte, à preocupação com a durabilidade e manutenção. Embora esses quesitos sejam atendidos, o conforto dos usuários é posto em segundo plano, logo a permanência nesses locais pode ser reduzida por esse motivo.

Figura 43 – Mesas utilizadas em cada praça.



Fonte: Acervo pessoal (2019)

Na Praça Ariosvaldo Silva e Praça Ex Combatentes houve inserções de fiteiros (um em cada) para venda de lanches, o fiteiro tem área reduzida e é em metal, podendo ser relocado caso seja necessário. Na Praça Pedro Gondim existe um quiosque em alvenaria com cobertura quatro águas, em telha cerâmica tipo canal, é revestido com tijolos cerâmicos maciços e pintado na cor marrom (Figura 44). É perceptível que não há integração entre o projeto dos fiteiros e quiosque, com as demais características das praças. Eles são dispostos de forma autônoma e não dialogam visualmente com seu contexto, tampouco na implantação.

Figura 44 – Fiteiros e quiosque em cada praça.

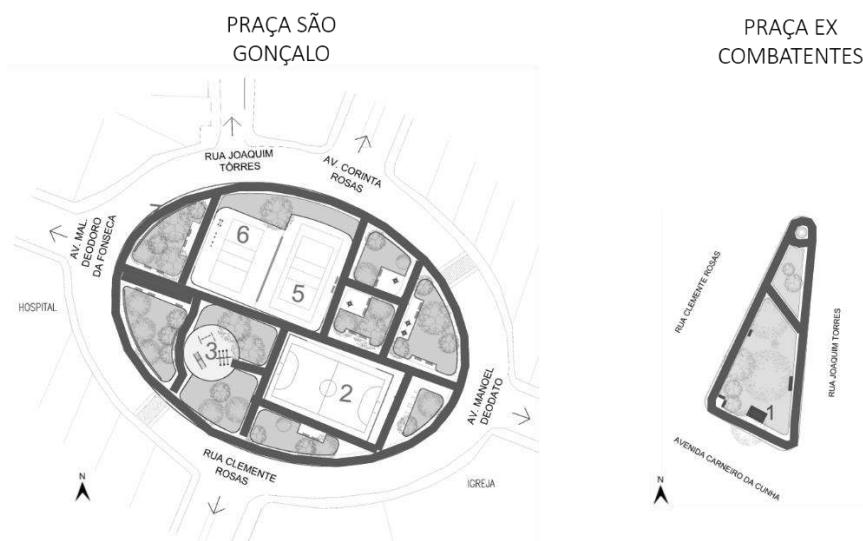


Fonte: Acervo pessoal (2019)

Os passeios foram projetados de forma peculiar em cada praça. Na Praça São Gonçalo existe uma calçada perimetral e circulações internas que são espaços entre as áreas com atividades definidas pelo projeto. Então nota-se que não há uma valorização do passeio, já que ele é um espaço residual entre usos delimitados. Nessa praça a pavimentação é feita com placas de concreto sem polimento na cor natural. (Figura 45).

A Praça Ariosvaldo Silva (Figura 46) e Praça Ex Combatentes (Figura 45). apresentam passeios pavimentados com pedras graníticas, na primeira praça a área destinada ao passeio é, também, o espaço resultante entre canteiros e na segunda praça o passeio é disposto no seu perímetro.

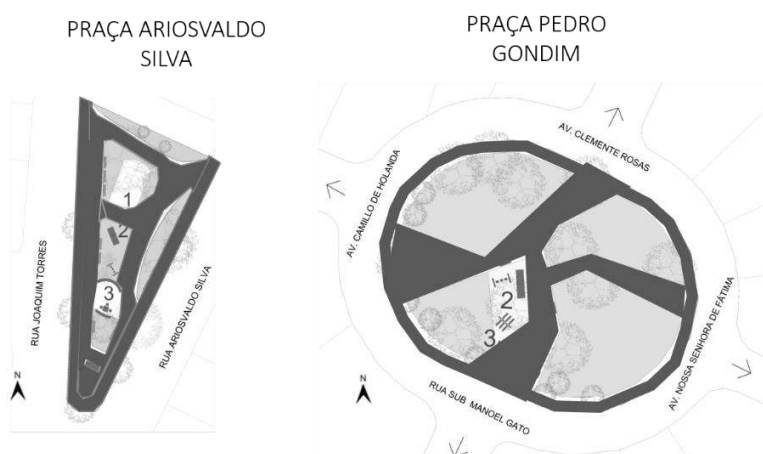
Figura 45 – Plantas esquemáticas com destaque para os passeios, evidenciando os desenhos da Praça São Gonçalo e da Praça Ex Combatentes.



Fonte: Elaboração própria (2019)

Atualmente na Praça Pedro Gondim (Figura 46) os passeios foram projetados em evidência no seu traçado. Observa-se que o desenho parte da ideia de conexão com o entorno a partir das circulações que permitem o deslocamento pelo interior da praça a qualquer uma das ruas que chegam nela, porém o desenho não é fluido. As linhas retas formam quinas em pontos em que a curva facilitaria o deslocamento, além disso, há passagens estreitas, e devido a área disponível, elas poderiam ter sido dimensionadas com valores maiores. Há uma calçada perimetral, que é uma característica do seu projeto inicial. A pavimentação em pedra granítica foi substituída por blocos intertravados nas cores cinza, amarelo e vermelho.

Figura 46 – Plantas esquemáticas com destaque para os passeios, evidenciando os desenhos da Praça Ariosvaldo Silva e da Praça Pedro Gondim.



Fonte: Elaboração própria (2019)

Em todos os projetos são utilizados o mesmo modelo de poste sendo ele em concreto, encimado por três hastes para lâmpadas. Só há lixeiras na Praça São Gonçalo, que são em plástico, fixadas em um suporte de concreto, ambos na cor vermelha. Na Praça Ariosvaldo Silva há uma grande lixeira cilíndrica em plástico, na cor azul, a única presente no local.

O mobiliário da Praça Ariosvaldo Silva e da Praça São Gonçalo é colorido. Essa coloração é aplicada aos brinquedos das crianças, equipamentos de ginástica, canteiros e bancos. A Praça dos Ex Combatentes tem seus bancos pintados em algumas partes de branco, apenas. A Praça Pedro Gondim após a reforma apresenta brinquedos coloridos e demais mobiliário em concreto na cor natural e branco.

Percebe-se que, tanto no mobiliário quanto nos passeios, se utiliza o concreto, de modo geral esses elementos são pensados dessa forma para obterem uma maior durabilidade sem a necessidade constante de manutenção. Por isso, em todas as praças é recorrente o uso de materiais duráveis, resistentes tanto às intempéries, como aos eventuais atos de vandalismo.

De modo geral, falta unidade aos projetos, nos aspectos relacionados ao mobiliário, assim como na distribuição das áreas para atividades recreativas. Nota-se que as áreas das praças são preenchidas com usos, um ao lado do outro, valorizando a quantidade em detrimento da qualidade. Talvez isso aconteça pela intenção em aproveitar ao máximo cada metro quadrado do local, e muitas vezes, como é o caso da Praça São Gonçalo, ocupa-se tanto com atividades e canteiros, enquanto falta um espaço amplo, livre, apenas para que as pessoas se apropriem da forma que desejarem.

Um elemento de destaque em todas as praças é a **vegetação**. A massa vegetal marca a paisagem do bairro da Torre por meio das praças estudadas, no entanto não há manejo desses elementos de forma a valorizá-los dentro dos projetos, de forma a incrementar a experiência com a paisagem nessas áreas.

As praças apresentam canteiros com algumas espécies arbóreas, sendo eles grandes e sem forração de grama, com exceção do atual projeto da Praça Pedro Gondim. Nas demais, os canteiros ficam com o solo em terra exposto ou coberto por vegetação de forração que nasce espontaneamente.

As delimitações dos canteiros são diferentes em cada proposta, mas a Praça Pedro Gondim e Praça Ex Combatentes apresentam semelhanças, assim como a São Gonçalo e a Ariosvaldo Silva. Nas duas primeiras a contenção é feita utilizando meio-fio de 10 cm de altura, apenas fazendo a distinção entre área impermeabilizada e área permeável. Já nas outras duas praças os canteiros são definidos por uma estrutura em concreto com cerca de 30cm de altura e 15 cm de espessura, podendo ser utilizada como assento. Na praça Ariosvaldo Silva alguns bancos são dispostos sobre essa contenção dos canteiros, como observado na figura 47.

Figura 47 – Canteiros em cada praça.



Fonte: Acervo pessoal (2019)

Além disso, nota-se que a população faz intervenções na Praça Ariosvaldo Silva. Verificou-se que são os próprios moradores que cuidam da vegetação, plantam mudas, regam e ornamentam os canteiros com garrafas PET¹⁸ e pneus que desempenham a função de contenção nos locais em que ela é ausente (Figura 48).

Figura 48 – Intervenções nos canteiros na Praça Ariosvaldo Silva.



Fonte: Acervo pessoal (2019)

¹⁸ Poli Tereftalato de Etila. Um tipo de polímero plástico.

Observando as árvores notou-se que são espécies antigas e que estão presentes na paisagem do bairro há décadas. Dessa forma, em todas as praças encontram-se árvores com grandes copas que proporcionam amplas áreas sombreadas, além de árvores de porte menor. Apesar da abundância de vegetação, percebe-se que nos projetos não houve atenção aos princípios de composição paisagística, com criação de cenários como defendido por Olmsted e Burle Marx. A vegetação não foi utilizada como elemento plástico, nem tampouco foram pensadas formas de aproximar os usuários desses elementos naturais, pelo contrário, os canteiros separam as áreas de convívio e permanência, conformando áreas que passam a sensação de que não podem ser usadas. Assim como as demais características analisadas, nota-se que há uma manutenção insuficiente nessas áreas.

O projeto que dispunha de uma configuração que ensaiava esse contato entre homem e natureza, de uma forma mais fluida, era o projeto inicial da Praça Pedro Gondim. Havia uma composição que remetia a um jardim, com criação de visuais em que a vegetação era o foco principal da proposta.

Portanto, se nota que em cada praça o partido adotado para o traçado e representação da natureza (espaços de estar, espaços esportivos, mobiliário e passeios e vegetação) explora pouco os princípios projetuais de Olmsted e Burle Marx. O desenho, mobiliário, passeio e elementos naturais aparecem sem demonstrar conexões entre si, desde a escala micro até a macro. Porém, se fez um esforço em reconhecer, mesmo que minimamente, onde as intenções: regularidade, surpresa e movimento, abordados por Berthoz, estariam presentes nesses espaços.

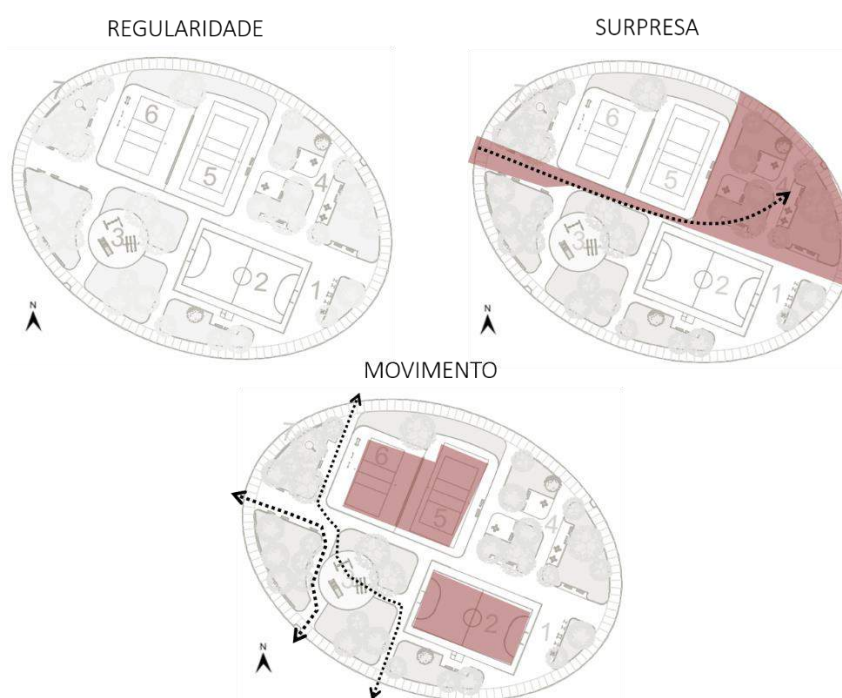
Apesar das semelhanças, pode-se dizer que as praças apresentam projetos paisagísticos com complexidades distintas. Na Praça São Gonçalo é utilizado um traçado mais retilíneo que contrasta com sua forma oval. Os espaços internos, zoneados por atividades desenvolvidas, são áreas residuais seja dos passeios internos, ou da estrutura necessária para cada uso. Nesse sentido, não há **regularidade** no desenho da praça, pois o mesmo é resultado de uma divisão de áreas internas. Com relação à paginação de piso também não há nenhum tratamento diferenciado, toda a superfície da praça é revestida em pedras monolíticas de

concreto. Da mesma forma acontece com o mobiliário, é disposto independente e sem harmonia com seu contexto.

No entanto, pôde-se verificar no desenho da praça, que em um trajeto, a **surpresa** pode ser sentida. Provavelmente, essa preocupação não foi pensada na fase de elaboração do projeto paisagístico, contudo, a disposição das atividades proporciona esse sentimento aos usuários. No passeio central da praça, como visto na figura 48, ao se deslocar pela lateral das quadras de vôlei o indivíduo se depara com uma área bastante arborizada e com configuração distinta do que é proposto nas porções norte e oeste da praça. Essa quebra da monotonia constitui uma surpresa dentro do projeto paisagístico e contribui para satisfazer os anseios da mente humana, como elucidado por Berthoz (1997).

O último elemento, o **movimento**, está presente de uma forma mais intensa na praça. A vegetação existente que se “move” com os ventos, as folhas que caem, as pessoas que caminham, correm e conversam, os esportes praticados, os jogos, as risadas compartilhadas, o fluxo ao redor da praça, enfim, todos esses fatores geram uma paisagem única para o lugar. (Figura 49)

Figura 49 – Esquema destacando os três elementos de Berthoz na Praça São Gonçalo.



Fonte: Elaboração própria (2019)

A dinâmica da praça é constituída desses movimentos e mesmo que as atividades desenvolvidas sejam as mesmas todos os dias, o movimento em cada elemento e em cada pessoa, não é. No traçado esse elemento também é percebido na área do *playground*, a forma como os passeios foram dispostos conferem ao percurso mais movimentação. Embora o movimento seja percebido em proporções menores, tanto no traçado quanto na representação da natureza, a apropriação se encarrega por trazer vivacidade à praça (Figura 49).

Já na Praça dos Ex. Combatentes essas intenções são mais escassas. A **regularidade** não está presente no traçado, assim como a **surpresa**, essas ausências justificam-se pelo fato da praça possuir uma área pequena e, como já visto, não dispõe de um projeto paisagístico com variedade de atividades. A única intenção constatada é o **movimento**, oriunda da representação da natureza, com as árvores. (Figura 50).

Figura 50 – Esquema destacando os três elementos de Berthoz na Praça Ex Combatentes.



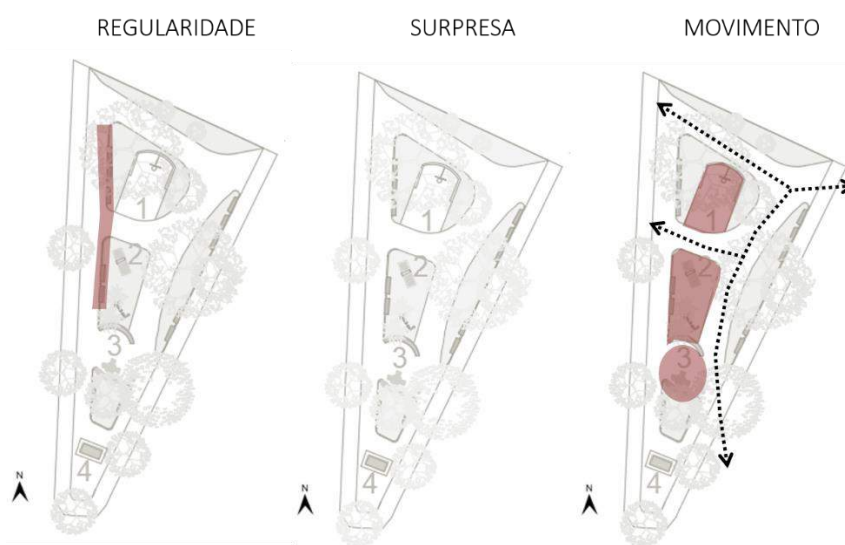
Fonte: Elaboração própria (2019)

Continuando pela Praça Ariosvaldo Silva percebe-se que em seu traçado também não se tem a **regularidade**, incluindo seu desenho e paginação de piso. O mobiliário apresenta, de forma tímida, uma busca por uma linearidade e integração com os canteiros das árvores, talvez, esse seja o único ponto em que pode ser notada uma regularidade, no entanto, isso acontece de forma pontual em apenas uma porção da praça.

Com relação à **surpresa**, não foi possível identificar na praça. O traçado não proporciona sensações distintas às pessoas à medida que usufruem o espaço, uma vez que a praça é pequena e pode ser vista em sua totalidade, de qualquer lugar que o observador se situe. O seu desenho, por sua vez, não colabora para a criação de cenários internos que proporcionem esse sentimento ao usuário.

No entanto, assim como nas demais, o **movimento** aparece de forma mais nítida do que as outras duas intenções. Manifesta-se por meio da representação da natureza, das pessoas e seus gestos, dos esportes, e até mesmo da localização e do desenho de parte do mobiliário. Seus percursos internos apresentam uma leve sinuosidade e interligam as áreas esportivas e de contemplação, como destacado na figura 51.

Figura 51 – Esquema destacando os três elementos de Berthoz na Praça Ariosvaldo Silva.



Fonte: Elaboração própria (2019)

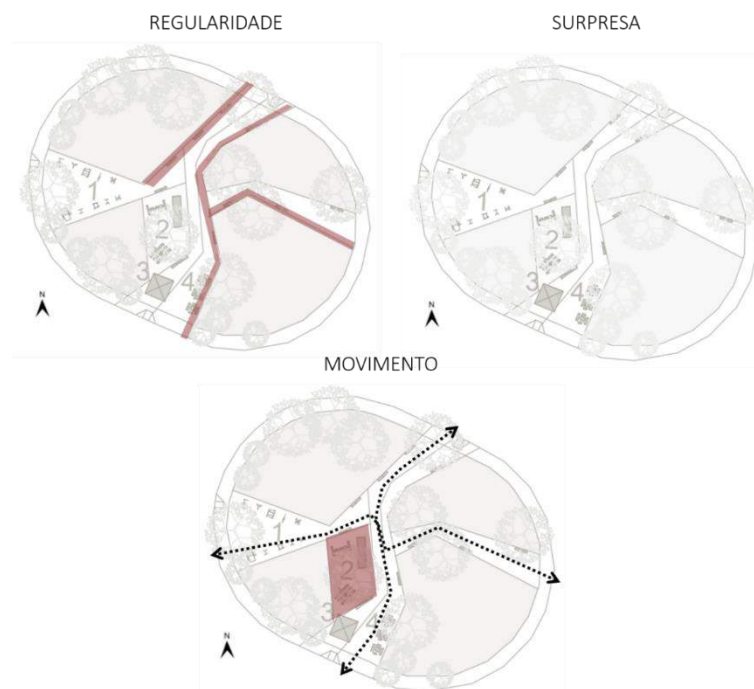
Na Praça Pedro Gondim se tem uma configuração semelhante às outras, não em termos visuais e formais, mas com relação às intenções presentes em seu traçado e em sua representação da natureza. No projeto inicial não houve preocupação em se utilizar da **regularidade**, assim como a **surpresa**, para o desenho da praça. Apesar de ter possuído poucas áreas pavimentadas, elas não foram expressas no manejo da vegetação, pois analisando o projeto vê-se que não existia uma ordem compositiva para com as espécies. Tal preocupação era evidente nos projetos de Burle Marx,

como discutido anteriormente. O **movimento** poderia ser encontrado da mesma forma que nas demais praças, atrelado à natureza e às pessoas.

Com a reforma, a praça foi executada a partir de um novo projeto, no entanto, mais uma vez a **regularidade** e a **surpresa** não são evidentes. No desenho proposto não se percebe a intenção de criar uma composição ritmada, com a presença de cenários diferentes ao longo dos passeios. Porém nota-se, de forma muito sutil, uma regularidade na disposição dos bancos, sempre no perímetro dos percursos internos.

Existe uma paginação de piso, no entanto não tira partido desses dois elementos. O **movimento**, mais uma vez acontece seguindo as mesmas características e motivos das praças anteriores. Além disso, nessa praça em especial, nota-se a presença desse elemento no traçado, os passeios apresentam mudanças de direções e conectam áreas opostas seguindo uma inclinação, como visto na figura 52.

Figura 52 – Esquema destacando os três elementos de Berthoz na Praça Ariosvaldo Silva.



Fonte: Elaboração própria (2019)

Assim, é possível afirmar que, mesmo de forma reduzida, todas as praças apresentam pelo menos uma das intenções projetuais definidas a partir dos três

elementos abordados por Berthoz. Não se sabe se foram trabalhadas de forma consciente ou não, mas independente disso, elas são responsáveis por corresponder, minimamente, às demandas da mente humana nesses espaços. Contudo, nota-se que poderiam ter sido mais exploradas nos projetos, aprimorando a relação do usuário com a praça (Tabela 1).

Tabela 1 - Síntese de como os três elementos estão contemplados nas praças.

	PRAÇA SÃO GONÇALO	PRAÇA EX COMBATENTES	PRAÇA ARIOSVALDO SILVA	PRAÇA PEDRO GONDIM (atual)
REGULARIDADE	Não identificada	Não identificada	Expressa no mobiliário de forma pontual	Expressa no mobiliário de forma pontual
SURPRESA	Expressa no passeio de forma pontual	Não identificada	Não identificada	Não identificada
MOVIMENTO	Expresso pontualmente no passeio. Nas atividades e nos elementos vegetais é bem evidente	Expresso nos elementos vegetais	Expresso minimamente no passeio e no mobiliário. Nas atividades e nos elementos vegetais	Expresso nas atividades e no passeio

Fonte: Elaboração própria (2019)

De modo geral, o traçado e a representação da natureza nas praças, não foram projetados visando a proposição de cenários em que a regularidade e a surpresa se fizessem presentes, foram encontrados indícios desses elementos de forma muito pontual. O movimento mostra-se mais evidente, no entanto é mais expressivo em relação à representação da natureza e às pessoas, no traçado, assim como a regularidade e a surpresa, ele aparece pouco. Pode-se dizer que os elementos encontrados se fazem mais presentes em função das atividades e da vegetação existentes nas praças, do que em relação ao projeto paisagístico.

6.2 AS PRAÇAS SOB A ÓTICA DOS USUÁRIOS

Para compreender como as praças são apropriadas pelos usuários, foram realizadas observações diretas, em diferentes dias e horários. Por meio do estudo do comportamento ambiental foi possível identificar como as pessoas utilizam esses espaços. De acordo com Del Rio (1990), o ambiente físico-espacial influencia, de alguma forma, o comportamento das pessoas. Logo, o ambiente é responsável por sugerir, facilitar, inibir ou definir comportamentos, dessa forma, pode contribuir tanto positivamente, quanto negativamente para a apropriação. Para registrar as observações em cada praça, para cada observação com uso, foi produzido um mapa comportamental. (Apêndice C)

Nesse sentido, as observações da Praça São Gonçalo permitiram entender quais atividades são veementes praticadas pelos usuários e em quais áreas do projeto se concentra a apropriação. Analisando os mapas comportamentais elaborados, pode-se dizer que a quadra de futsal se mostra como um ponto atrativo da praça, na maioria das observações constatou-se esse uso significativo. Verificou-se que o público que usufrui desse espaço é masculino, composto por crianças ou adolescentes, em sua maioria. Mas há utilização por um público adulto, também, no entanto de forma menos expressiva.

Além disso, nota-se que em alguns horários o polo atrativo são as mesas de jogos de tabuleiros. Cerca de 15 (quinze) pessoas se aglomeram diariamente no fim da tarde, jogando ou observando, o público que predomina é o masculino, adulto e idoso. Por ser sombreada, a área mostra-se agradável à permanência, fato que se confirma pelo uso intenso e rotineiro por parte das pessoas que são, em sua maioria, as mesmas em quase todos os dias.

A caminhada é outra atividade praticada pelos usuários da Praça São Gonçalo. As observações demonstram que sempre, ou quase sempre, há pessoas contornando a praça caminhando ou correndo. Isso demonstra que o interesse por atividades aeróbicas está presente na população, por isso é importante que nos espaços públicos de lazer, como a praça estudada, existam aparatos físicos para o desenvolvimento de tal atividade. A calçada de contorno, por onde as pessoas fazem a caminhada, apresenta condições físicas para isso, com piso antiderrapante e em bom estado de conservação. Nesse sentido, essa prática é viabilizada tanto pela

demanda social, quanto pelo espaço disposto no projeto paisagístico, mesmo que não tenha sido a intenção, mas a população se apropriou dessa forma. Nessa atividade, o público é diverso e de diferentes faixas etárias.

O *playground* apresenta apropriação mediana, verificou-se que sua utilização se dá de forma pontual e por crianças menores. Dessa forma, em menos da metade das observações esse espaço concentrou uma quantidade significativa de usuários durante um período de tempo maior. Constatou-se que essa atividade se desenvolve durante o fim da tarde, horário em que os pais buscam seus filhos na escola, na volta para casa fazem uma pausa na praça para as crianças brincarem. Além dessa frequência, pode-se observar um uso mais expressivo aos domingos a partir das 15 (quinze) horas.

Os jogos na quadra de vôlei são mais praticados durante a semana, no turno da noite, e aos finais de semana iniciam-se no fim da tarde. Não é um esporte tão praticado quanto o futsal, marcando pouco a paisagem do bairro e muitas das vezes é despercebido por quem só passa pelo local. Nessa atividade predomina o público masculino entre adolescentes e adultos. De forma parecida estão os equipamentos de ginástica. O uso se expressa singelamente, com predominância do público idoso. Os horários em que se notou maior apropriação foram no início da manhã e no final da tarde.

Durante a semana, há uma concentração de pessoas nos bancos próximos ao ponto de táxi. Em sua maioria, são os motoristas dos veículos, que ficam estacionados no perímetro da praça, dentro da faixa destinada para esses profissionais. Nesse sentido, essa área da praça caracteriza-se pelas sociabilidades entre os taxistas, além de outras pessoas que interagem com eles. Com relação aos demais bancos das praças, são mais usados os que estão localizados próximos às quadras esportivas, principalmente os das mediações da quadra de futsal, assim como os que se situam nas extremidades da área das mesas de jogos de tabuleiros. Algumas pessoas procuram esse mobiliário apenas para descansar de um trajeto, para conversar com algum conhecido, ou para esperar por alguém, como constatado nas observações.

Nos horários em que há missa, à noite, na igreja católica existente no entorno, notou-se que as pessoas utilizam o estacionamento perimetral da praça e que algumas formas de apropriação emergem em função disso. Algumas pessoas quando

retornam para seus veículos caminham pela praça, observam algumas atividades, ou, o que acontece na maioria dos casos, deixam as crianças brincando, seja na área de playground ou nas outras áreas, sempre acompanhadas de um adulto. A seguir na tabela 2 estão expressas as apropriações identificadas e a quantidade de pessoas em cada uma. Esse quantitativo é correspondente ao somatório de todas as observações.

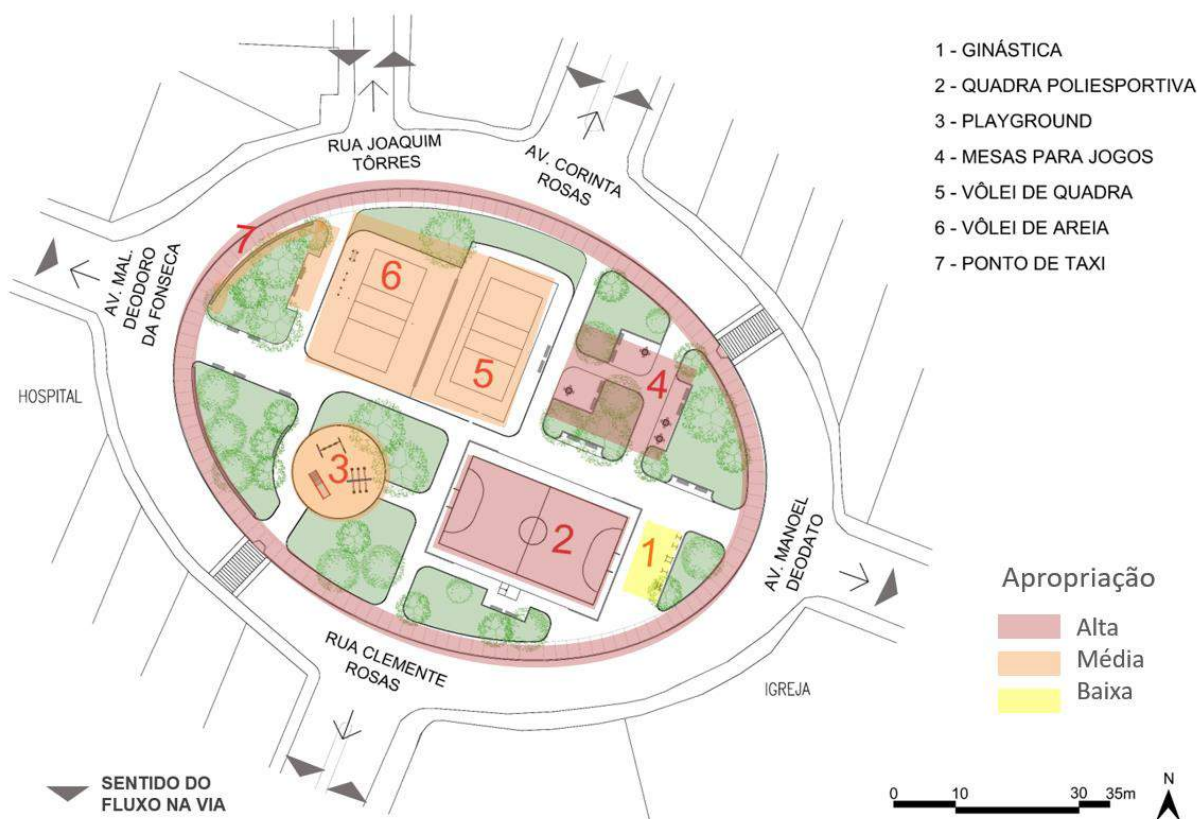
Tabela 2 - Síntese da quantidade de pessoas presentes em todas as observações realizadas na Praça São Gonçalo.

PRAÇA SÃO GONÇALO	
ATIVIDADES	FREQUÊNCIA DE PESSOAS
CONTEMPLAÇÃO	118
QUADRA POLIESPORTIVA (FUTSAL)	76
MESAS DE JOGOS	67
CAMINHADA	52
QUADRA DE VÔLEI	35
QUADRA DE VÔLEI (AREIA)	18
PLAYGROUND	18
PONTO DE TAXI	12
GINÁSTICA	7
LAVAGEM/CUIDADO DE CARROS	6
TOTAL	391

Fonte: Elaboração própria (2019)

Nesse sentido, por meio das observações pôde-se constatar que, em ordem decrescente, as atividades mais praticadas na praça são: o futsal, os jogos de tabuleiros e a caminhada com intensidades similares, seguidas do vôlei, atividades livres nas quadras de vôlei, e o encontro social próximo ao ponto de táxi e o *playground*, e por fim, os equipamentos de ginástica e lavagem/cuidado de carros. (Figura 53)

Figura 53 – Síntese das observações com destaque para as áreas mais apropriadas da Praça São Gonçalo.



Fonte: Elaboração própria (2019)

Essa apropriação foi identificada a partir das observações diretas, no entanto foi possível conversar com alguns usuários, fazendo-os perguntas simples sobre a opinião deles em relação ao projeto paisagístico da praça. Assim, as entrevistas confirmam as observações, tanto nos aspectos positivos identificados, quanto nos negativos. Se tratando da primeira pergunta, que aborda os pontos mais agradáveis dos projetos para as pessoas, a maioria disse que a vegetação da praça é o que mais elas gostam. O contato com as plantas, animais e respirar um ar “puro” são atividades viabilizadas por essa vegetação existente no lugar e que são vistas como benéficas por parte dos usuários.

Da mesma forma, o espaço multifuncional foi mencionado. Algumas pessoas externaram que a possibilidade de desenvolver atividades distintas, como caminhada, exercícios aeróbicos, sociabilidades e a contemplação da paisagem é o que mais elas apreciam na praça. Essa apropriação elucidada, como visto, provoca sentimentos

agradáveis ao ser, reforçando a noção de que são estímulos ao bem-estar paisagístico.

Quando perguntado sobre os aspectos mais desagradáveis da praça a maioria queixou-se da falta de manutenção do espaço, voltado para a limpeza do local, tratamento da vegetação e reparos com o mobiliário. De forma pontual apareceu a preocupação com a segurança, poucos usuários relataram que sentem-se inseguros na praça e que a presença de um posto policial seria essencial para melhor usufruto das atividades.

Considerando as análises anteriores, pode-se dizer que a Praça São Gonçalo satisfaz as necessidades locais, visto que as atividades propostas, assim como a vegetação viabilizam a apropriação constatada, de forma que, mesmo que em proporções menores, todas as suas áreas são utilizadas, apesar do uso limitado dos princípios de composição em seu projeto.

Seguindo para a Praça dos Ex. Combatentes pode-se encontrar uma dinâmica bem diferente da praça anterior. Isso se dá devido a vários fatores, como o seu entorno, sua área e as atividades desenvolvidas. Analisando as observações realizadas nota-se que, comparada às demais a apropriação dessa praça é pequena, e está concentrada em torno do fiteiro existente (Tabela 3).

Tabela 3 - Síntese da quantidade de pessoas presentes em todas as observações realizadas na Praça Ex Combatentes.

PRAÇA EX COMBATENTES	
ATIVIDADES	FREQUÊNCIA DE PESSOAS
CONTEMPLAÇÃO	10
TOTAL	10

Fonte: Elaboração própria (2019)

A praça não oferece uma estrutura física que corrobore para seu usufruto, o mobiliário é precário e disposto em seu perímetro, conduzindo ao indivíduo que queira sentar, a observar as vias das suas adjacências. O trânsito nessas ruas é intenso e possui movimento constante na maior parte do dia e da noite. Os bancos mais

ocupados são os mais próximos ao fiteiro e quando este se encontra aberto. Há constância nos horários de início e encerramento do fiteiro, que funciona durante o dia todo, com exceção do horário de almoço. À noite é fechado às 19 (dezenove) horas. A apropriação acontece principalmente a partir das 16 (dezesesseis) horas e se estende até as 18 (dezoito) horas, esse foi o intervalo mais recorrente durante as observações.

De modo geral, as pessoas transitam pela praça a caminho de seus veículos, já que há uma concentração de estacionamentos em suas proximidades. Portanto, não se constatou uma apropriação mais abrangente, como no caso da Praça São Gonçalo, justificado pela área reduzida e maior contato com vias de fluxo intenso de veículos. (Figura 54)

Figura 54 – Síntese das observações com destaque para as áreas mais apropriadas da Praça Ex Combatentes.



Fonte: Elaboração própria (2019)

Com relação à opinião dos usuários averiguou-se que as pessoas procuram mais o local devido à vegetação e à possibilidade de encontrar outras pessoas. A

maioria mencionou esses aspectos como os mais agradáveis do lugar. Em contrapartida, relataram que sentiam falta de iluminação, segurança e manutenção. Pois disseram que durante o dia elas conseguem utilizar a praça, mas à noite hesitam ir ao local por essas fragilidades.

Nesse sentido, é possível dizer que a maioria das pessoas que faz uso desse espaço é idosa, e tem o fiteiro como ponto de encontro. Conversando com os usuários se descobriu que o fiteiro existe no local há 23 (vinte e três) anos, com isso pode-se dizer que a população mais antiga do bairro é quem mais usufrui dessa praça.

A Praça Ariosvaldo Silva, por localizar-se em uma área mais interna do bairro, apresenta um contexto distinto das demais. Seu entorno é predominantemente residencial e as vias que a circundam apresentam um fluxo de veículos reduzido. Portanto, a praça é pouco vista e conhecida, seus principais usuários são os moradores das residências próximas e trabalhadores dos comércios e serviços localizados na Avenida José Américo de Almeida e a Avenida Nossa Senhora de Fátima.

Com as observações pôde-se perceber que há uma movimentação maior durante a semana no final da tarde, onde os usos se dão principalmente em torno do *playground* e dos bancos próximos a ele. Muitas mães conduzem seus filhos da escola para casa, nesse horário, e durante o trajeto passam pela praça para as crianças brincarem. Enquanto as crianças recreiam, as mães conversam umas com as outras e observam seus filhos.

Em algumas visitas à praça e conversando com usuários residentes no bairro, verificou-se que ao meio dia alguns trabalhadores vão à praça para descansar após o almoço e permanecem no local por aproximadamente 30 (trinta) minutos. Essa apropriação é viabilizada devido ao conforto térmico, pela presença da vegetação e ao baixo fluxo de veículos e pessoas, que torna o lugar mais calmo.

Com relação à vegetação existente observou-se que dentre todas as praças estudadas essa é a única em que há um contato mais direto entre os elementos vegetais e as pessoas, uma vez que são os próprios moradores que fazem a manutenção dos canteiros. Por isso, outra apropriação percebida é o cuidado com os elementos naturais, onde se puderam registrar alguns moradores exercendo o papel

de jardineiro. Além disso, há uma ornamentação, com garrafas PET, desenvolvida por eles em boa parte da praça. Constatou-se, também, que o dono do fiteiro é responsável por essa gestão da manutenção da praça, em conversa com ele percebeu-se que ele detém o conhecimento de todas as espécies vegetais, assim como é responsável por regar e plantar.

Com isso nota-se que essa praça possui uma paisagem diferente das outras, uma vez que, por meio das observações, pode-se deduzir que as pessoas se apropriam do espaço como se fosse uma extensão de suas residências. Esse fato pode levar ao pensamento de que os usuários frequentes da praça podem possuir uma afetividade mais aguçada com o local. Nos finais de semana, ao final da tarde, os moradores das proximidades se reúnem em volta do fiteiro, alguns levam seus próprios assentos de casa. Essa apropriação acontece pelo fato de que o movimento do entorno reduz e as pessoas sentem-se mais confortáveis ao utilizar a rua. Fazendo uma síntese de todas as observações realizadas, conversas e experiências vivenciadas, pode-se dizer que a Praça Ariosvaldo Silva é tida para muitos como a calçada de suas moradias. Na tabela 4, podem ser constatadas as atividades mais expressivas em todas as observações.

Tabela 4 - Síntese da quantidade de pessoas presentes em todas as observações realizadas na Praça Ariosvaldo Silva.

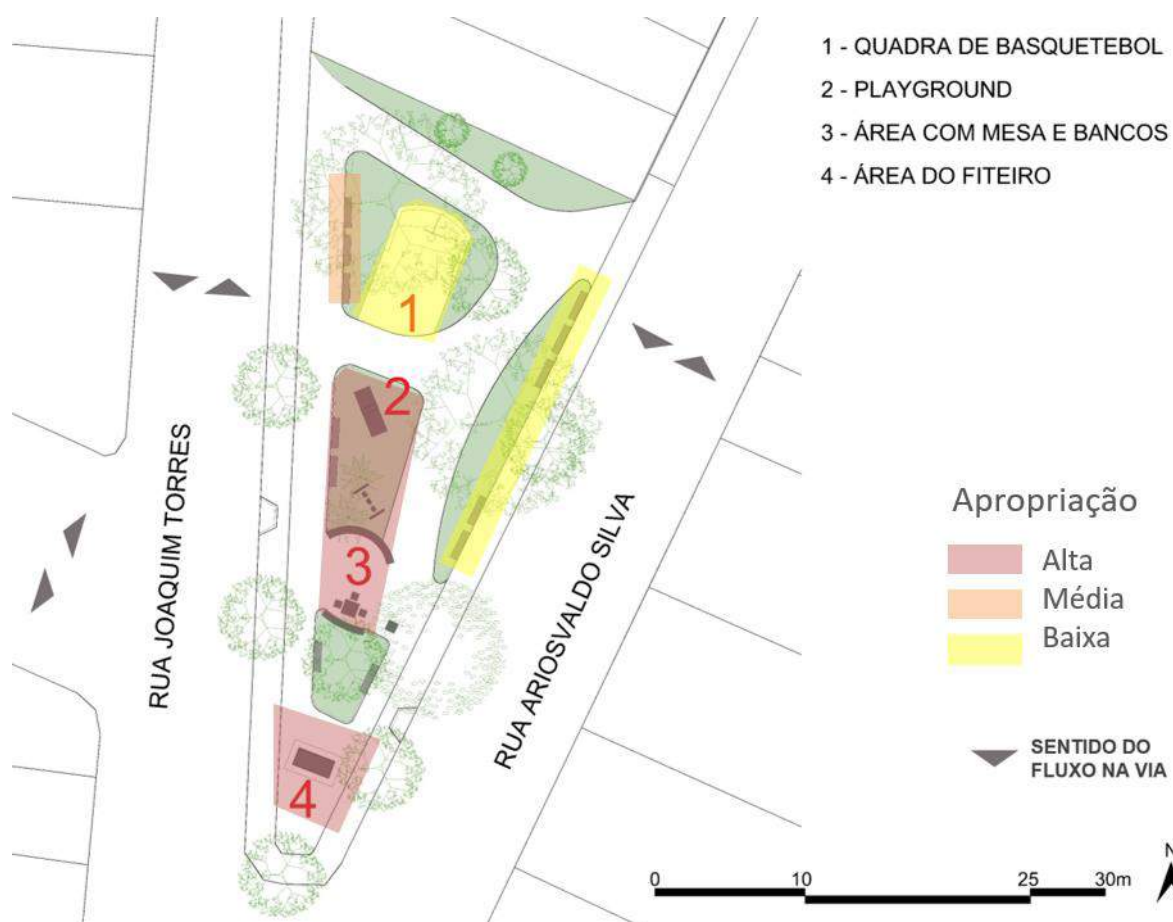
PRAÇA ARIOSVALDO SILVA	
ATIVIDADES	FREQUÊNCIA DE PESSOAS
CONTEMPLAÇÃO	28
FITEIRO	8
PLAYGROUND	6
PESSOA CUIDANDO DA VEGETAÇÃO	2
QUADRA DE BASQUETEBOL	0
TOTAL	44

Fonte: Elaboração própria (2019)

Algumas áreas da praça não são utilizadas, pois não oferecem condições para isso, como por exemplo, a cesta de basquetebol que se encontra deteriorada. O *playground*, também, apresenta brinquedos danificados, porém as crianças

improvisam usos mesmo com as limitações físicas do mobiliário. Tal fato não acontece com o espaço destinado ao esporte, resultando em uma área ociosa. Nesse sentido, se afirma que a praça tem seus usos concentrados em torno do fiteiro existente e no *playground* e nos bancos próximos a ele. (Figura 55)

Figura 55 – Síntese das observações com destaque para as áreas mais apropriadas da Praça Ariosvaldo Silva.



Fonte: Elaboração própria (2019)

Rebatendo as informações coletadas durante as visitas com as entrevistas pôde-se constatar que as pessoas relataram que o que mais as agrada na praça é o espaço de convívio, com bancos e playground. A vegetação também foi fortemente mencionada e atrelada ao uso dos bancos, outro ponto destacado foi a tranquilidade do local. No entanto, quando perguntado o que é mais desagradável na praça, a maioria relatou a falta de manutenção do mobiliário, da vegetação e a limpeza de modo geral.

Assim, conclui-se que a praça apresenta apropriação considerável que teria proporção maior se houvesse a manutenção adequada da estrutura física. Distingue-se das demais pelo seu contexto e usos voltados mais para a contemplação e socialização. Apesar de condições físicas não tão favoráveis, as pessoas se apropriam tirando partido dos elementos naturais e das relações sociais existentes.

Por fim, a Praça Pedro Gondim em seu projeto inicial dispunha de grande área vegetada voltada à contemplação, no entanto, pouco era utilizada nesse sentido. Com as observações iniciais notou-se um uso pequeno dos bancos dispostos para tal finalidade. A apropriação mais nítida se dava em torno do quiosque existente, onde mesas de plástico eram postas próximas a ele e as pessoas se reuniam para fazer lanches e conversar.

Esse uso se dava com maior intensidade no fim da tarde durante a semana. Aos finais de semana, o quiosque fechava, colaborando para a ausência de pessoas. Outro aspecto está relacionado ao perfil dos usuários do quiosque, em sua maioria, eram trabalhadores dos arredores, que se apropriavam do lugar a fim de descansar e socializar. De acordo com relatos de alguns usuários atuais do espaço, no início da manhã alguns moradores das proximidades utilizavam a calçada perimetral para praticar a caminhada. Essa atividade não foi constatada nas observações realizadas no projeto inicial, mas durante as visitas após a reforma, pôde-se presenciar esse uso.

Nesse sentido, com o novo redesenho da praça houve a inserção de áreas destinadas às crianças, reduziu-se a permeabilidade do solo, com mais pavimentação no interior da praça, e foram dispostos bancos ao longo desses passeios internos. Além disso, mesas de concreto foram projetadas próximas ao quiosque, que foi mantido. Na tabela 5, observa-se em ordem decrescente as atividades mais frequentes e a quantidade de pessoas em todas as observações.

Tabela 5 - Síntese da quantidade de pessoas presentes em todas as observações realizadas na Praça Pedro Gondim.

PRAÇA PEDRO GONDIM	
ATIVIDADES	FREQUÊNCIA DE PESSOAS
CONTEMPLAÇÃO	17
QUIOSQUE	13
CAMINHADA	12
PLAYGROUND	6
TOTAL	48

Fonte: Elaboração própria (2019)

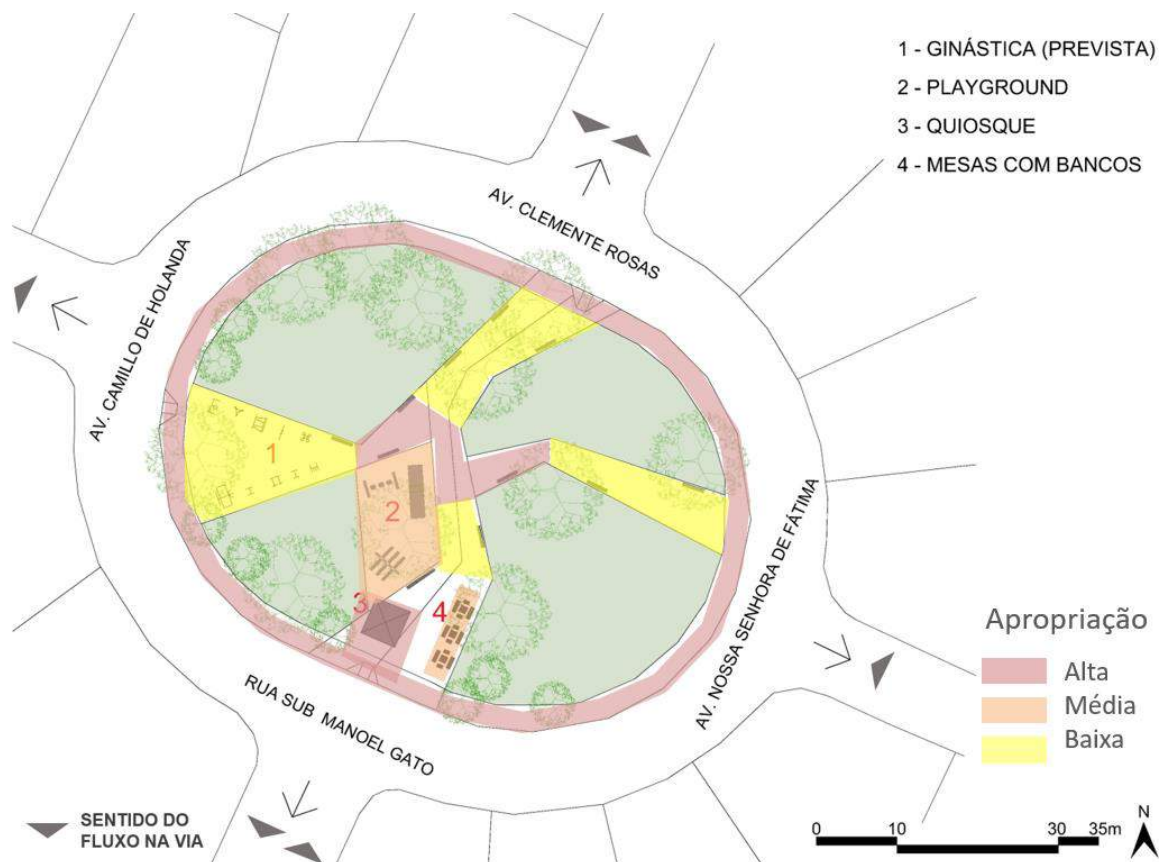
Mesmo com essa nova configuração a apropriação mais evidente continua em torno do quiosque, de forma similar ao que acontecia antes. Conversando com alguns frequentadores assíduos da praça, descobriu-se que o quiosque existe nesse local há cerca de 40 (quarenta) anos e que por isso ele representa um elemento importante não só para a praça, mas também para o bairro da Torre.

Atualmente, a caminhada passou a ser mais praticada pelas pessoas, sendo registrada em visitas realizadas no início da manhã e no final da tarde, durante a semana. Há um grupo de jovens que três vezes por semana, por volta das 6 (seis) horas, faz caminhada nessa praça, essa prática acontece há anos. Eles são supervisionados por um responsável que trabalha no CAPS¹⁹ que os atende, localizado nas proximidades da praça.

Os bancos passaram a ser mais utilizados, principalmente no centro da praça, assim como o *playground* que atraiu um público não contemplado no projeto anterior, mas que até o momento apresenta uso mediano. Se percebe que as pessoas passaram a frequentar mais a praça após a reforma. (Figura 56)

¹⁹ Centro de Atenção Psicossocial.

Figura 56 – Síntese das observações com destaque para as áreas mais apropriadas da Praça Pedro Gondim.



Fonte: Elaboração própria (2019)

Quando perguntado o que mais agradava às pessoas nesta praça, a maioria destacou a vegetação existente e o espaço para caminhadas. E quando questionado o que as pessoas sentiam falta ao estar na praça, a maioria citou a segurança, onde a ausência dela foi mencionada como responsável por inibir apropriação. Em segundo plano os usuários mais frequentes citaram o jardim existente antes da reforma.

Assim, fica evidente que a representação da natureza existente no projeto inicial da praça era significativa para os usuários e isso foi desconsiderado no projeto de reforma. Apesar de o projeto atual ser bem visto pelas pessoas de um modo geral, o jardim anterior, mesmo que sem manutenção, era contemplado pelos indivíduos que mantinham uma relação mais próxima com a praça.

Abaixo, na tabela 6, podem-se encontrar uma síntese de todos os pontos mencionados com positivos e negativos nas praças.

Tabela 6 - Síntese dos aspectos agradáveis e desagradáveis mais recorrentes nas respostas dos usuários.

	PRAÇA SÃO GONÇALO	PRAÇA EX COMBATENTES	PRAÇA ARIOSVALDO SILVA	PRAÇA PEDRO GONDIM (atual)
ASPECTOS AGRADÁVEIS	1º - Vegetação 2º - Espaço Multifuncional	1º - Vegetação 2º - Social	1º - Vegetação e social 2º - Tranquilidade	1º - Vegetação 2º - Espaço para caminhada
ASPECTOS DESAGRADÁVEIS	1º - Manutenção 2º - Falta de segurança	1º - Iluminação 2º - Falta de segurança 3º - Manutenção	1º - Manutenção	1º - Falta de segurança 2º - Mudanças na vegetação

Fonte: Elaboração própria (2019)

Percebe-se que dentre os aspectos mencionados como mais agradáveis pelas pessoas, a vegetação aparece de forma recorrente. Sendo considerado fundamental para que as praças sejam utilizadas. A partir da vegetação as demais atividades oferecidas pelas praças são viabilizadas. A possibilidade de realizar exercícios aeróbicos e o contato social também foram citados como agradáveis. Com isso, evidencia-se o princípio projetual de Olmsted e Burle Marx referente à representação da natureza, onde se destaca a necessidades de elementos naturais para o bem-estar humano.

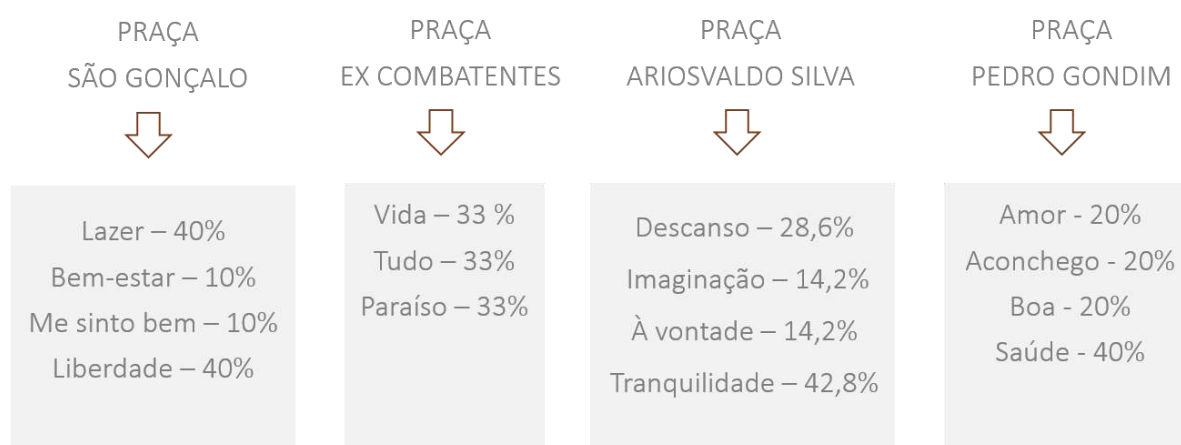
Embora a vegetação apareça de forma mais nítida, a experiência positiva com a paisagem é viabilizada pelo conjunto de elementos presentes nas praças. Sendo assim, se diz que a vegetação é determinante para a manifestação dessa sensação em todos os casos, mas na maioria não é ela unicamente. Por meio dela é possível tornar a permanência mais agradável, seja por proporcionar uma temperatura mais amena, pelos odores das plantas, pelos sons produzidos, entre outras características que contribuem para que atividades, além da contemplação, sejam desenvolvidas de forma mais prazerosa.

Isso foi percebido, já que muito se notou as pessoas praticando outras atividades, não a contemplação apenas, e quando perguntado o que elas mais gostavam se referiram à vegetação.

Em contrapartida a falta de manutenção desagrada a maioria das pessoas. Como percebido pelas observações, as praças, com exceção da Praça Pedro Gondim, que foi reformada recentemente, têm manutenção inexistente, ou pouco eficiente. Seus mobiliário e pavimentação carecem de reparos. Assim como a vegetação existente, pois nota-se que os canteiros não recebem o tratamento paisagístico adequado. Essa constatação pode ser um dos motivos pelos quais algumas pessoas não usem o espaço, ou passem pouco tempo no local.

Diante disso, a última pergunta realizada “Em uma palavra, o que a praça representa para você?”, será analisada de forma única para as quatro praças. Nesse sentido, todas as pessoas afirmaram que as praças lhes proporcionam sentimentos bons que podem estar vinculados ao bem-estar. As palavras utilizadas para defini-las estão expressas na figura 57.

Figura 57 – Síntese das definições feitas pelos usuários das praças.



Fonte: Elaboração própria (2019)

A partir dessas respostas fica evidente que, mesmo com pontos a serem melhorados, as pessoas sentem-se bem nas praças. Seja pela vegetação, atividades ou encontros sociais. Contudo, há aspectos em algumas que podem viabilizar mais o bem-estar do que em outras. Esses aspectos são as intenções projetuais: regularidade, surpresa e movimento, como visto, são trabalhados de formas distintas em cada praça. No entanto, são poucos exploradas pelo projeto. A partir das análises feitas, juntamente com os mapas comportamentais e as entrevistas, se entende que

mesmo as pessoas identificando como positivas as experiências com as praças, existem aspectos do projeto que deixam a desejar.

Em alguns casos, a presença dos elementos naturais e as atividades superam as deficiências projetuais. Ainda que reconheçam as carências e não utilizem algumas áreas das praças, as pessoas julgam como positivas a relação que têm com elas.

Então, mesmo as intenções não estando totalmente contempladas no projeto paisagístico, elas estão presentes nesses espaços por meio da natureza e das atividades, suprimindo as necessidades cerebrais das pessoas. Portanto, embora apresentem projeto paisagístico simples, todas as praças estudadas podem ser consideradas espaços de bem-estar. No entanto, em cada uma, essa experiência poderia ser aprimorada, caso o projeto atendesse coerentemente aos princípios e intenções elencadas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O interesse por pesquisar o projeto paisagístico e sua influência sobre a vida das pessoas inicia-se por meio de uma experiência pessoal, onde se pôde observar, durante anos residindo na cidade de João Pessoa, a forma como as praças eram usufruídas em diferentes bairros. A partir dessas observações, despretensiosas, uma indagação começou a se tornar frequente: Por que algumas praças são mais utilizadas que outras?

Essa pergunta, aparentemente simples, e talvez respondida rapidamente por vários profissionais, das mais distintas áreas, abriu portas para o estudo de uma teoria de paisagem e projeto que tornou, cada vez mais, palpável uma resposta para esse questionamento inicial. Foram nas praças do bairro da Torre onde essas reflexões começaram a tomar forma. Foi a partir de pequenas praças de bairro, que retratam a paisagem cotidiana, singela, sem nenhum teor monumental, muitas vezes percebidas apenas pelos que corriqueiramente a vivenciam, que buscou-se compreender como o projeto paisagístico alcança as pessoas para as quais ele se destina.

O desenvolvimento dessa temática aconteceu de forma lenta, devido à complexidade encontrada ao trabalhar com aspectos subjetivos. Por meio do referencial teórico tentou-se aproximar, na medida do possível, a discussão de uma realidade mais concreta, sem deixar de lado a sensibilidade existente acerca do tema. Nesse sentido, destaca-se a busca por uma reflexão filosófica, almejando responder satisfatoriamente a essa indagação. Esse olhar foi essencial para chegar aos conceitos trabalhados e rebatê-los às praças que iniciaram essa discussão.

Diante disso, a partir do aporte conceitual realizado inicialmente, pode-se dizer que o projeto paisagístico envolve diferentes aspectos que interferem diretamente na vida das pessoas, por isso pode gerar, ou inibir o bem-estar. Essa noção parte da ideia de que o bem-comum paisagístico, resultado do ofício do paisagista, é o bem-estar humano, que de acordo com Donadieu (2013), pode ser obtido na experiência de paisagem. Por sua vez, a paisagem, pode ser compreendida por distintas abordagens, e em todas, é capaz de alcançar a mente dos indivíduos lhes proporcionando o deleite. O projeto paisagístico é um meio pelo qual isso pode acontecer, dessa forma, engloba aspectos físicos e sentimentais. Diante disso, entende-se que tanto o estudo da paisagem, quanto a elaboração de um projeto

paisagístico requer um conhecimento abrangente acerca de aspectos sociais, econômicos, botânicos, políticos, históricos, entre outros, que fomente o arcabouço técnico do paisagista, assim como a sensibilidade em perceber as características invisíveis de um lugar.

Norberg-Schulz (1976) diz que o lugar é constituído do espaço e do caráter, o primeiro é o meio físico e o segundo é o subjetivo, intrínseco a cada indivíduo. É o caráter que emprega sentido ao espaço. Berque (1994) evidencia que a paisagem é vivida e que cada sujeito desenvolve com o meio uma relação afetiva. Com isso, entende-se que a paisagem compreende aspectos materiais e imateriais, estando dessa forma intimamente vinculada ao lugar, que devem ser considerados em qualquer intervenção para que as pessoas se identifiquem com a paisagem.

Sabendo que o projeto paisagístico é um dos meios pelo qual a paisagem pode ser vivida, salienta-se a necessidade do conhecimento técnico e a sensibilidade em capturar os estímulos mais pertinentes do ambiente. O bem-estar pode ser potencializado se o paisagista souber trabalhar esses aspectos em prol das pessoas, planejando espaços com características físicas que atendam aos anseios sociais, resultando em uma experiência agradável.

A apropriação mostrou-se como crucial para o estudo do bem-estar paisagístico, uma vez que o sentimento de satisfação pode se manifestar nas pessoas enquanto estão na praça. É por meio da experimentação do traçado e dos elementos naturais que o indivíduo permeia os aspectos físicos da paisagem, que atrelados aos aspectos sensíveis resultam em uma experiência prazerosa, seja pelo desenvolvimento de atividades, pelo contato social, ou por apenas estar no local e desfrutar das amenidades proporcionadas pela presença da natureza. A apropriação do projeto pode acontecer de diversas formas, mas em todas existe um meio material sentido de forma peculiar por cada pessoa e é nessa troca que o bem-estar pode se manifestar.

O bem-estar é um sentimento que se expressa individual e coletivamente, por se tratar de algo subjetivo sua mensuração também é. No entanto, pôde-se constatar por meio de autores como Donadieu, Besse e Leenhardt que o paisagista pode elaborar projetos de jardins, praças ou parques que apresentem elementos que estimulem essa sensação. Para Olmsted e Burle Marx, **o traçado e a representação**

da natureza são dois princípios projetuais que levam o usuário a conhecer o espaço, condicionando escolhas de convivência adequadas às expectativas e estado do espírito. Com os estudos neurocientíficos de Berthoz, foi possível identificar três intenções: **regularidade, surpresa e movimento**, como fundamentais aos princípios projetuais para que estes possam proporcionar o bem-estar.

Por meio da neurociência é possível dizer que essas três intenções apresentam respostas às demandas do cérebro humano, e que a satisfação acontece quando no meio externo há um ambiente que funcione como estímulo às variadas sensações na mente. Pois os seres humanos anseiam pela emoção do viver, em seus mais diversos acontecimentos, por mais simples que sejam. São essas intenções que proporcionam o aprazimento.

Diante disso, foi possível construir uma metodologia de análise para os projetos paisagísticos das praças, a fim de que o objetivo desta pesquisa fosse alcançado. O método considerou em um primeiro momento dois princípios projetuais, identificados a partir de Olmsted e Burle Marx, **traçado e representação da natureza** que foram encontrados nas praças por meio dos **espaços de estar, espaços esportivos, mobiliário e passeios e elementos vegetais**. Buscou-se reconhecer nesses princípios as três intenções de Berthoz, **regularidade, surpresa e movimento**. Em um segundo momento foram realizadas **observações** e elaboração de **mapas comportamentais**, seguidas de **entrevistas** com os usuários.

De modo geral, as praças apresentam projetos paisagísticos simples, com poucos recursos compositivos e que estão dentro dos padrões desenvolvidos pela prefeitura municipal, que consistem em canteiros com vegetação, espaços esportivos, *playground* com brinquedos coloridos, equipamentos de ginástica e mobiliário com formas racionalizadas e em concreto. A partir disso algumas considerações podem ser feitas. Ao realizar o diagnóstico inicial, descrevendo todas as características físicas das praças se percebeu que, embora inseridas em contextos distintos, porém próximos, apresentam características projetuais similares. Os materiais utilizados, o desenho, o mobiliário, as cores, de modo geral os princípios de composição são praticamente os mesmos.

Todas as praças apresentam apropriação, a variação na intensidade e no público é em decorrência das atividades ofertadas e de suas localizações, a Praça

São Gonçalo e a Praça Pedro Gondim são mais visíveis no bairro, por exemplo, sendo conhecidas por mais pessoas. As atividades mais apropriadas foram as esportivas, incluindo a caminhada, mas também a permanência nos espaços de estar. Também se observou que as pessoas tendem a se reunir em torno dos fiteiros e quiosque existentes, isso acontece devido à venda de comidas e bebidas e a possibilidade de socialização com outros indivíduos.

Destaca-se a estima dada à **representação da natureza** em todas as praças, pois os projetos dispõem de amplas áreas com elementos vegetais. Nota-se, ainda, que esses elementos existem no local há um bom tempo, preexistindo aos projetos paisagísticos atuais das praças. Como visto, o Bairro da Torre fez parte do plano de remodelação e expansão para a cidade de João Pessoa, proposto por Nestor de Figueiredo no início da década de trinta, e a arborização de vias e praças era uma de suas características principais.

É possível dizer que esses elementos vegetais por fazerem parte da paisagem do bairro são vistos com mais afeto por parte dos usuários e representam uma identidade coletiva. Essa apreciação da representação da natureza foi destacada pelas pessoas como o principal motivo que as conduzem até as praças. Diante disso, evidencia-se a pertinência da teoria do ambiente restaurador de Olmsted, onde a apreciação de cenários naturais pode aliviar o estresse mental, reforçando a concepção de que os elementos naturais podem proporcionar bem-estar às pessoas.

Além disso, se percebe que a praça mais utilizada é a Praça São Gonçalo e isso se deve à alguns fatores. Um deles é a **diversidade de atividades**, sobretudo a esportiva. A disposição de quadras de futsal e vôlei, como verificado nas observações, é fundamental para atrair pessoas ao local. Embora falte manutenção, as pessoas, cotidianamente, se dirigem à praça para praticar algum esporte. Essa atividade em si proporciona prazer aos indivíduos e por esse motivo, além da popularidade dos esportes, estão cada vez mais presentes nos espaços públicos, mesmo em áreas pequenas como é o caso dessa praça. Nesse sentido, outro aspecto são os **encontros sociais**, citados pelos usuários e verificados pelas observações. Em todas as praças foi constatado o encontro com o outro de forma muito evidente, isso se justifica pela satisfação em poder conversar com os conhecidos e em fazer novas amizades por meio desses espaços destinados ao convívio.

Essas atividades desenvolvem-se graças às características projetuais de cada praça, que de forma simplificada apresenta um pouco dos princípios projetuais de Olmsted e Burle Marx organizados em: **traçado e representação da natureza**, expressos por meio dos espaços de estar, atividades esportivas, passeios e elementos vegetais. Além disso, foi possível identificar a **regularidade, a surpresa e o movimento**. Essas intenções foram pouco contempladas no desenho e no mobiliário das praças, mas apareceram de uma forma mais nítida na representação da natureza e nas atividades recreativas.

Sendo assim, é importante destacar que mesmo em projetos de espaços livres reduzidos com poucos recursos projetuais, os três elementos para o bem-estar podem ser encontrados. Por isso, surtem efeitos positivos aos usuários, como afirmado por eles mesmos ao definirem cada praça em uma palavra. Todas as definições foram voltadas aos sentimentos bons, sendo constatada uma relação afetiva para com as praças. Nesse contexto, é possível dizer que o bem-estar pode contribuir para a conservação desses espaços, já que as pessoas que portam essa sensação prezam pela manutenção desses lugares e consequentemente as paisagens podem ser conservadas.

Em nenhuma praça identificou-se todas as intenções projetuais. A regularidade existe de forma pouco expressiva na Praça Ariosvaldo Silva e na Praça Pedro Gondim. A surpresa foi menos trabalhada que as demais, encontrada apenas na Praça São Gonçalo e em pequenas proporções. A intenção que está em todas as praças é o movimento, em algumas aparece exclusivamente pela presença da natureza. Com isso, entende-se que nessas ocasiões o projeto não é o responsável por viabilizar o bem-estar, mas sim a existência da paisagem, já que a terceira intenção de Berthoz é expressa pela própria natureza, sem influência da ação do paisagista. A Praça dos Ex Combatentes, em particular, foi projetada, já que se entrevistou no local, no entanto atesta-se que o projeto possui pouca qualidade a ponto de que sua apropriação se dá em função de atividades independentes dele.

Portanto, para que o sentimento de satisfação ocorra, não necessariamente precisa-se do projeto, ou seja, áreas em que não se tem a ação do paisagista, também favorecem o bem-estar, principalmente porque as três intenções: regularidade, surpresa e movimento, se encontram de forma espontânea na paisagem. Isso

acontece na Praça dos Ex Combatentes, onde o projeto paisagístico não é o responsável pelo bem-estar sentido pelos usuários, já que a intenção identificada nele, o movimento, está atrelada unicamente à representação da natureza existente. Ou seja, não foi reconhecida na praça a preocupação com os princípios projetuais, pois como visto, o projeto consiste basicamente em um canteiro central com vegetação, nesse sentido, o sentimento de satisfação decorre da existência das árvores e do movimento que naturalmente existe nelas.

A partir das análises de todos os projetos paisagísticos estudados pôde-se compreender que a presença do movimento é crucial para o bem-estar. Notou-se que a praça com o maior registro de apropriação é a Praça São Gonçalo, e pode-se atribuir isso ao movimento. O movimento existente por meio das atividades, da natureza e das pessoas além de proporcionar o bem-estar também atrai mais pessoas. Como visto, nos demais projetos também há essa intenção, no entanto ela é mais intensa na Praça São Gonçalo, pois congrega uma quantidade maior de atividades, vegetação e pessoas.

Salienta-se que apesar de todos as intenções terem igual importância para a elaboração de projetos paisagísticos, nas praças analisadas pode-se destacar o movimento como a principal para a manifestação do bem-estar nos usuários. Visto que a praça em que ela é amplamente encontrada é a com fortes indícios de satisfação por parte das pessoas e também a mais utilizada. Nesse sentido, é possível concluir que em praças com projetos paisagísticos onde o movimento é trabalhado em vários âmbitos, são as que mais tendem a ser apropriadas e as que mais possibilitam as expressões do bem-estar paisagístico.

Frisa-se o papel do paisagista nesse processo, já que ele é o profissional habilitado para planejar espaços como praças. É necessário que haja consciência de sua função e conhecimento dos princípios do projeto para que as intenções discutidas sejam trabalhadas coerentemente. Burle Marx reforça essa ideia demonstrando a preocupação em torno do ofício do paisagista, quando cita que “Qualquer pessoa se julga capacitada a resolver os problemas relativos a paisagismo. Os resultados podem ser desastrosos [...]” (TABACOW, 2004, p. 112). O bem-estar pode ocorrer devido a vários fatores, no entanto, o paisagista pode promover oportunidades facilitando a manifestação desse sentimento à medida em que interpreta melhor a paisagem local,

adicionando estímulos que valorizem mais a natureza. Isto certamente proporcionará formas mais prazerosas de desfrutar o espaço. O projeto pode não ser o principal veículo indutor desse sentimento, quando os princípios projetuais são pouco significativos, mas sem dúvida, o projeto oportuniza o bem-estar.

Assim, espera-se que a metodologia de análise de projetos paisagísticos, desenvolvida nesta pesquisa, sirva de base para análise de outras praças em outros contextos. Assim como, a partir do referencial teórico possa ser pensado no caminho inverso: qual o método para a elaboração de um projeto paisagístico? Analisar projetos já executados é importante para identificar fragilidades e entender o que funciona, ou não. Mas pensar em um caminho para elaborar projetos contribui para que as incoerências não sejam tão comuns em intervenções nos espaços públicos. A discussão apresentada aqui, procurou reunir abordagens de teóricos da paisagem e do projeto paisagístico de campos disciplinares distintos, já que refletir sobre esses temas requer conhecimentos de diferentes áreas. Dessa forma, contribui para a disseminação da teoria do projeto paisagístico e abre portas para que outras reflexões possam ser tomadas, tendo como base o bem-estar obtido por esses espaços planejados.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Anelise Salazar; TRÓCCOLI, Bartholomeu Tôrres. **Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo**. Psicologia: teoria e pesquisa. Mai-Ago 2004, Vol. 20 n. 2, p. 153-164. Universidade de Brasília.
- ANDRADE, Inês El-Jaick. **A idealização do espaço verde urbano moderno**. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo. 2010. Vol.17 n.20, p. 102-117.
- ARAÚJO, Milena de Lima. **Três tempos em três planos. A transformação Urbana e Modernização Cidade de João Pessoa**. Dissertação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2007.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ARQUITETOS PAISAGISTAS. Carta Brasileira da Paisagem. 2012
- BERJMAN, Sonia. *El paisaje y el jardín como elementos patrimoniais. Uma visão argentina*. In: **Paisagens culturais: contrastes sul-americanos**. TERRA, C. e ANDRADE, R. O. (org.), Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.
- BERQUE, Augustin. *Paisagem, meio, história* In : **Cinq propositions pour une théorie du paysage**. Paris: Editions Champ Vallon, 1994 (tradução Vladimir Bartalini, 2012).
- BERTHOZ, Alain. *Les Sens du Mouvement*. In: **Les architects ont oublié le plaisir du mouvement**. Paris: Odile Jacob, 1997: p. 277-283. (tradução Maria de Jesus de Birtto Leite).
- BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- BEVERIDGE, C. E. **Olmsted – His Essential Theory**. Twenty-fifth Anniversary issue of Nineteenth Century, the journal of the Victorian Society in America. Fall, v. 20, n. 2, p. 32–37, 2000b.
- BEVERIDGE, C. E. (1986). **Seven ‘S’ of Olmsted’s design**. National Association for Olmsted Parks. Disponível em: <<http://www.olmsted.org/the-olmsted-legacy/olmsted-theory-and-design-principles/seven-s-of-olmsteds-design>>. Acesso em: 17 jul.2018.

CABRAL, Francisco Caldeira. **Fundamentos da Arquitetura Paisagista**. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza, 2003.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins, 2007.

CONVENÇÃO EUROPEIA DA PAISAGEM. Decreto n.4/2005. Florença, 2005.

CORAJOURD, Michel. *Las nueve conductas necesarias de una propedêutica para um aprendizaje del proyecto sobre el paisaje*. In: **Jardines insurgentes**. Colección Arquíthemas, nº 11. Barcelona, 2001.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.

DIEDRICH, Lisa. **Entre a Tábula Rasa e a Museificação**. In: **Paisagem e Património aproximações pluridisciplinares**. Évora: Dafne Editora, 2013.

DI MAIO, Sara; BERENGO, Cecília. **Nós somos a paisagem**. Como interpretar a Convenção Europeia da Paisagem. (Texto em colaboração com Riccardo Priore e Damiano Gallà). Florença, 2008. Versão portuguesa.

DONADIEU, Pierre. **Para uma conservação inventiva do território**. In: **Cinco propostas para uma teoria da paisagem**. Organização e tradução de Vladimir Bartalini. FAU USP, fev. 2013, p.55-74.

DONADIEU, Pierre. **A construção de paisagens urbanas poderá criar bens comuns?** In: **Paisagem e Património aproximações pluridisciplinares**. Évora: Dafne Editora, 2013.

FERREIRA, Alda de Azevedo. **A permanência da paisagem: os princípios do projeto paisagístico de Haruyoshi Ono**. Dissertação em Desenvolvimento Urbano. UFPE. Recife, 2012.

GIACOMONI, Claudia Hofheinz. **Bem-estar subjetivo: em busca da qualidade de vida**. Temas em Psicologia da SBP-2004, Vol. 12, nº 1, 43– 50.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Disponível: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/joao-pessoa/panorama> >. Acesso: fev. 2018.

ICOMOS. Declaração de Québec sobre a preservação do “Spiritu loci”. Québec, Canadá: 4 de outubro de 2008.

IFLA AMÉRICAS. Carta da Paisagem das Américas. Cidade do México, 28 Set.2018.

LEENHARDT, Jacques. *A exigência social de paisagem: reflexões a partir de Burle Marx*. In: **Paisagens Culturais: contrastes sul-americanos**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Belas Artes, 2008.

LEENHARDT, Jacques (Org.). **Nos Jardins de Burle Marx**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.

LINAJE, Maria Teresa González. *Concepto y vivencia del paisaje en la antigua China*. In: CHECA-ARTASU, Martín M. et al. **Paisaje y Territorio Articulaciones teóricas y empíricas**. México D.F: Tirant Humanidades, 2014.

LYNCH, Kevin (1918). **A imagem da cidade**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MEDEIROS, Eugênio Mariano Fonsêca de. **Requiescat in park: o Central Park de Nova Iorque sob a ótica do cinema Norte-americano**. Tese submetida ao Departamento de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN. Natal, 2014.

NOGUEIRA, Regina Celly. **As singularidades do bairro na realização da cidade**. Geografares. Jun. 2000, v. 1 nº 1, p. 109-116. Vitória.

NORBERG-SCHULZ, Christian (1979). **Arquitectura Occidental**. Barcelona: Gustavo Gili, S.A, 2007.

NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In: **NESBITT, Kate (Org). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)**. São Paulo: Cosac Naify, 2ª. ed. Ver., 2008.

OLIVEIRA, Ana Rosa de. **A construção formal do jardim em Roberto Burle Marx**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 01, n. 002.06, Vitruvius, jul. 2000. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.002/1000>> Acesso: Abril de 2019.

PETERSON, J. A. *Frederick Law Olmsted Sr. and Frederick Law Olmsted Jr.: The Visionary and the Professional*. In: SIES, M. C. SILVER, C. (Org.). **Planning the Twentieth-Century American City**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, p. 37-54, 1996.

PMJP. Secretaria Municipal de Turismo. João Pessoa. Disponível: <<https://turismo.joaopessoa.pb.gov.br/o-que-fazer/pontos-turisticos/pracas-e-parques/>> Acesso: fev. 2018.

RITTER, Joachim. *Paisagem. Sobre a função do estético na sociedade moderna*. In: **Filosofia da paisagem. Uma antologia**. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

SÁ CARNEIRO, Ana Rita. **Parque e paisagem: um olhar sobre o Recife**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

SÁ CARNEIRO, Ana Rita. Quinta porta: o projeto do jardim como paisagem. In: **Cadernos de arquitetura e urbanismo: Cidade-paisagem/** Lúcia Veras, Onilda Bezerra, Fábio Cavalcanti, Julieta Leite, Ana Rita Sá Carneiro. Recife: Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Pernambuco (CAU/PE). Patmos Editora, 2017.

SÁ CARNEIRO, A. R.; MESQUITA, L. **O Papel dos espaços livres no resgate da qualidade ambiental do Recife**. In: IX Congresso Ibero americano de Urbanismo. 2000.

SANTOS, Juliane L. Souza; MOURA FILHA, Maria Berthilde. **Os cenários visuais do bairro da Torre**. X encontro de iniciação à docência – UFPB-PRG. João Pessoa, 2009.

SERRÃO, Adriana Veríssimo. *A paisagem como problema da filosofia*. In: **Filosofia da paisagem. Uma antologia**. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

SILVA, Joelmir Marques da. **Arqueologia Botânica dos Jardins de Burle Marx A Praça de Casa Forte e a Praça Euclides da Cunha, Recife/PE**. Dissertação em Desenvolvimento Urbano. UFPE. Recife, 2012.

SILVA, Joelmir Marques da. **La Conservación de um jardín histórico de Roberto Burle Marx: el proceso de restauración de la Plaza de Casa Forte em Recife, Pernambuco, Brasil**. Dissertação de mestrado em Desenho, Planejamento e

Conservação de Paisagens e Jardins. Universidade Autônoma Metropolitana. Cidade do México, 2016.

TABACOW, José (org.). **Arte e Paisagem**. Conferências escolhidas. Roberto Burle Marx - São Paulo: Studio Nobel, 2004.

THEODORE S. EISENMAN. **Frederick Law Olmsted, Green Infrastructure, and the Evolving City**. Journal of Planning History. Pensilvânia. 18 Dez. 2013. 12(4) 287-311.

APÊNDICE A – OBSERVAÇÕES REALIZADAS EM CADA PRAÇA

	PRAÇA SÃO GONÇALO	PRAÇA EX COMBATENTES	PRAÇA ARIOSVALDO SILVA	PRAÇA PEDRO GONDIM
17/06/2017 (Sábado)	Início às 16h Término às 16h 30min Com uso Mapa comport. 01	Não foi realizada observação nesta praça nesse dia	Não foi realizada observação nesta praça nesse dia	Não foi realizada observação nesta praça nesse dia
03/07/2017 (Segunda-feira)	Início às 16h Término às 16h 30min Com uso Mapa comport. 02	Não foi realizada observação nesta praça nesse dia	Não foi realizada observação nesta praça nesse dia	Não foi realizada observação nesta praça nesse dia
30/09/2018 (Domingo)	Início às 16h 40min Término às 17h 10min Com uso Mapa comport. 03	Início às 16h 10min Término às 16h 40min Sem uso	Início às 15h 40min Término às 16h 10min Com uso Mapa comport. 17	Início às 15h 10min Término às 15h 40min Sem uso
04/10/2018 (Quinta-feira)	Início às 16h 40min Término às 17h 10min Com uso Mapa comport. 04	Início às 16h 10min Término às 16h 40min Com uso Mapa comport. 13	Início às 17h 10min Término às 17h 40min Com uso Mapa comport. 18	Início às 15h 40min Término às 16h 10min Com uso Mapa comport. 25
05/10/2018 (Sexta-feira)	Início às 14h 40min Término às 15h 10min Sem uso	Início às 15h 10min Término às 15h 40min Sem uso	Início às 14h 10min Término às 14h 40min Com uso Mapa comport. 19	Início às 10h 20min Término às 10h 50min Com uso Mapa comport. 26 Início às 13h 40min Término às 14h 10min Com uso Mapa comport. 27
09/10/2018 (Terça-feira)	Início às 20h Término às 20h 30min Com uso Mapa comport. 05	Início às 19h 30min Término às 20h Sem uso	Início às 19h Término às 19h 30min Sem uso	Início às 20h 30min Término às 21h Sem uso
28/01/2019 (Segunda-feira)	Início às 17h Término às 17h 30min Com uso Mapa comport. 06	Início às 17h 30min Término às 18h Com uso Mapa comport. 14	Início às 16h 30 min Término às 17h Com uso Mapa comport. 20	Início às 18h Término às 18h 30min Sem uso
09/04/2019 (terça-feira)	Não foi realizada observação nesta praça nesse dia	Não foi realizada observação nesta praça nesse dia	Não foi realizada observação nesta praça nesse dia	Início às 21h Término às 21h 30min Com uso Mapa comport. 28
03/05/2019 (sexta-feira)	Início às 8h Término às 8h 30min Com uso Mapa comport. 07	Início às 7h Término às 7h 30min Sem uso	Início às 07h 30 min Término às 8h Com uso Mapa comport. 21	Início às 06h 30 min Término às 7h Com uso Mapa comport. 29
14/05/2019 (Terça-feira)	Início às 22h Término às 22h 30min Com uso Mapa comport. 08	Início às 21h Término às 21h 30min Sem uso	Início às 21h 30 min Término às 22h Com uso Mapa comport. 22	Início às 20h 30 min Término às 21h Com uso Mapa comport. 30
26/05/2019 (Domingo)	Início às 18h 30min Término às 19h Com uso Mapa comport. 09	Início às 19h 30 min Término às 20h Sem uso	Início às 20h Término às 20h 30min Sem uso	Início às 19h Término às 19h 30min Com uso Mapa comport. 31
27/05/2019 (Segunda-feira)	Início às 8h 30 min Término às 9h Sem uso	Não foi realizada observação nesta praça nesse dia	Não foi realizada observação nesta praça nesse dia	Início às 8h Término às 8h 30min Com uso Mapa comport. 32
28/05/2019 (Terça-feira)	Início às 21h Término às 21h 30min Com uso Mapa comport. 10	Início às 20h 30 min Término às 21h Sem uso	Início às 20h Término às 20h 30min Sem uso	Início às 19h 30 min Término às 20h Sem uso
26/06/2019 (Quarta-feira)	Início às 17h Término às 17h 30min Com uso Mapa comport. 11	Início às 17h 30min Término às 18h Com uso Mapa comport. 15	Início às 18h Término às 18h 30min Com uso Mapa comport. 23	Início às 18h 30min Término às 19h Com uso Mapa comport. 33
01/07/2019 (Segunda-feira)	Início às 10h Término às 10h 30min Com uso Mapa comport. 12	Início às 10h 30min Término às 11h Com uso Mapa comport. 16	Início às 11h Término às 11h 30min Com uso Mapa comport. 24	Início às 11h 30min Término às 12h Com uso Mapa comport. 34

APÊNDICE B – ENTREVISTA REALIZADA COM OS USUÁRIOS DAS PRAÇAS

Praça: _____

Tipo de usuário: () Morador () Visitante () Transeunte

Sexo: () Feminino () Masculino

Idade: _____

O que você mais gosta na praça?

O que você sente falta na praça?

Em uma palavra, o que a praça representa para você?

APÊNDICE C – MAPAS COMPORTAMENTAIS

A seguir serão apresentados os mapas comportamentais das observações realizadas em cada praça, conforme sintetizadas no apêndice A.

MAPA COMPORTAMENTAL 01

17/06/2017 --- 16h

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

SÁBADO

- ATIVIDADES ESPORTIVAS E PLAYGROUND
- CAMINHADA
- CONTEMPLAÇÃO

136



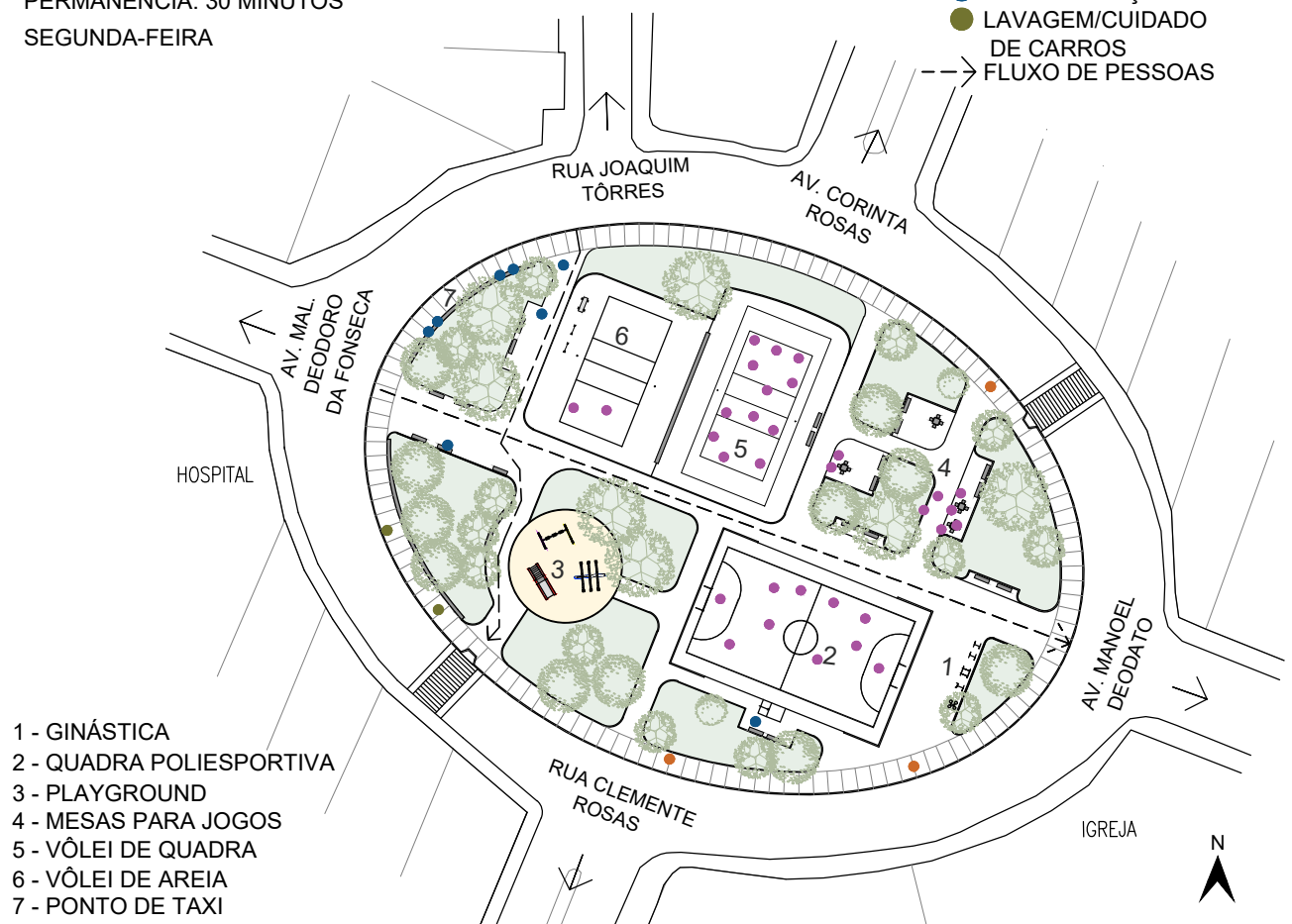
MAPA COMPORTAMENTAL 02

03/07/2017 --- 16h

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

SEGUNDA-FEIRA

- ATIVIDADES ESPORTIVAS E PLAYGROUND
- CAMINHADA
- CONTEMPLAÇÃO
- LAVAGEM/CUIDADO DE CARROS
- FLUXO DE PESSOAS



MAPA COMPORTAMENTAL 03

30/09/2018 --- 16h 40min

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

DOMINGO

- ATIVIDADES ESPORTIVAS E PLAYGROUND
- CAMINHADA
- CONTEMPLAÇÃO

137



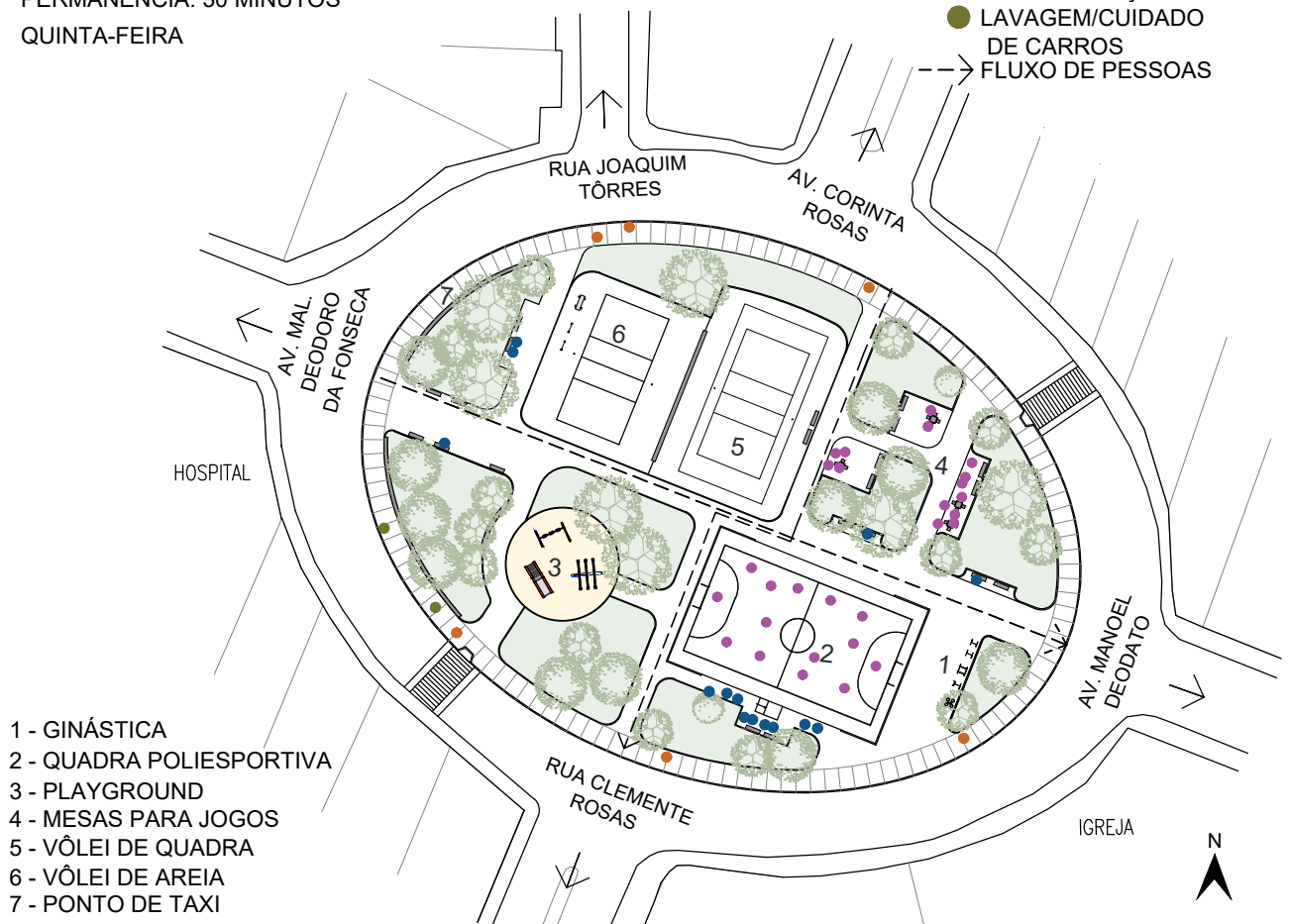
MAPA COMPORTAMENTAL 04

04/10/2018 --- 16h 40min

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

QUINTA-FEIRA

- ATIVIDADES ESPORTIVAS E PLAYGROUND
- CAMINHADA
- CONTEMPLAÇÃO
- LAVAGEM/CUIDADO DE CARROS
- FLUXO DE PESSOAS



MAPA COMPORTAMENTAL 05

09/10/2018 --- 20h

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

TERÇA-FEIRA

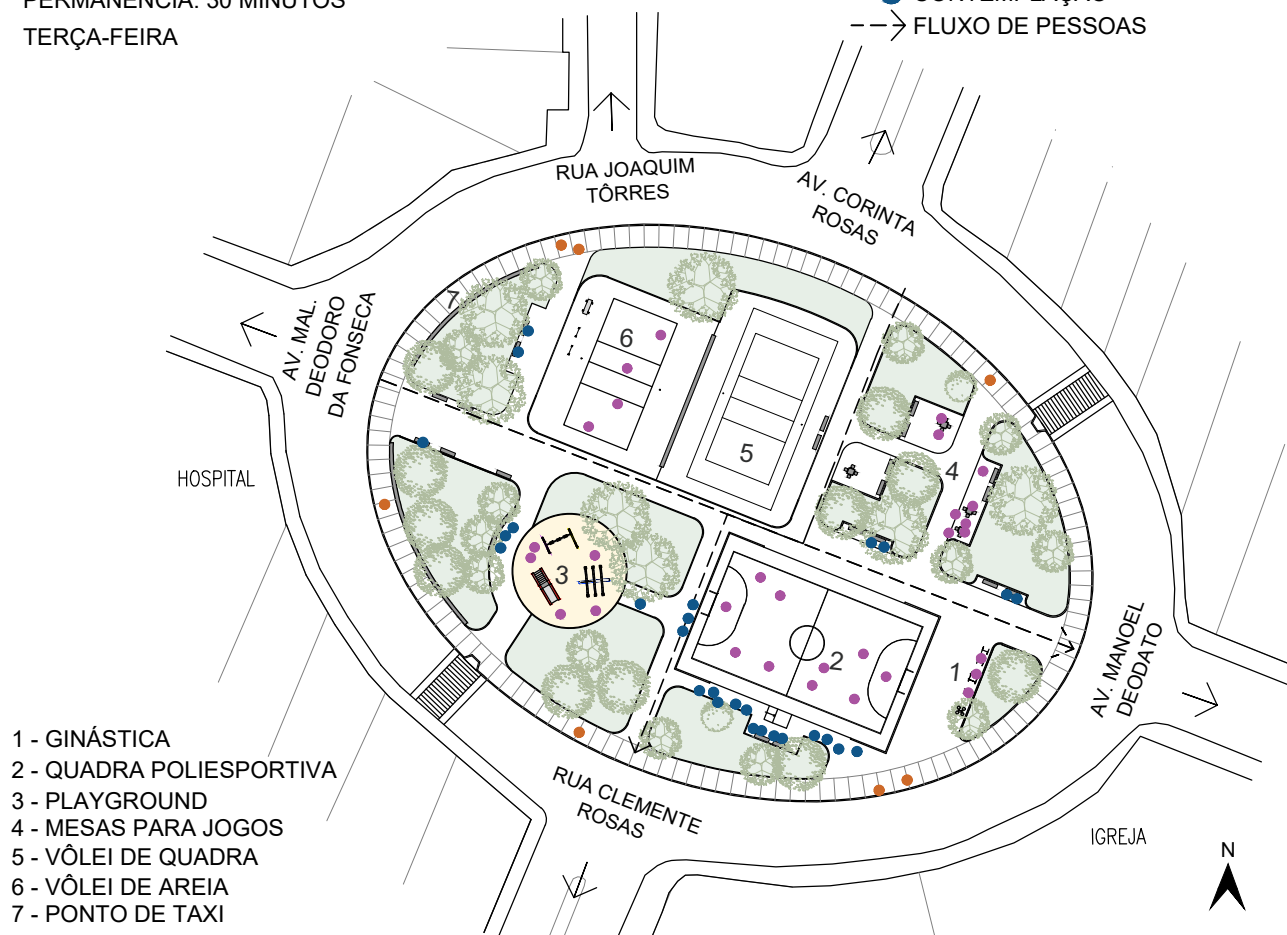
● ATIVIDADES ESPORTIVAS
E PLAYGROUND

138

● CAMINHADA

● CONTEMPLAÇÃO

--> FLUXO DE PESSOAS



MAPA COMPORTAMENTAL 06

28/01/2019 --- 17h

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

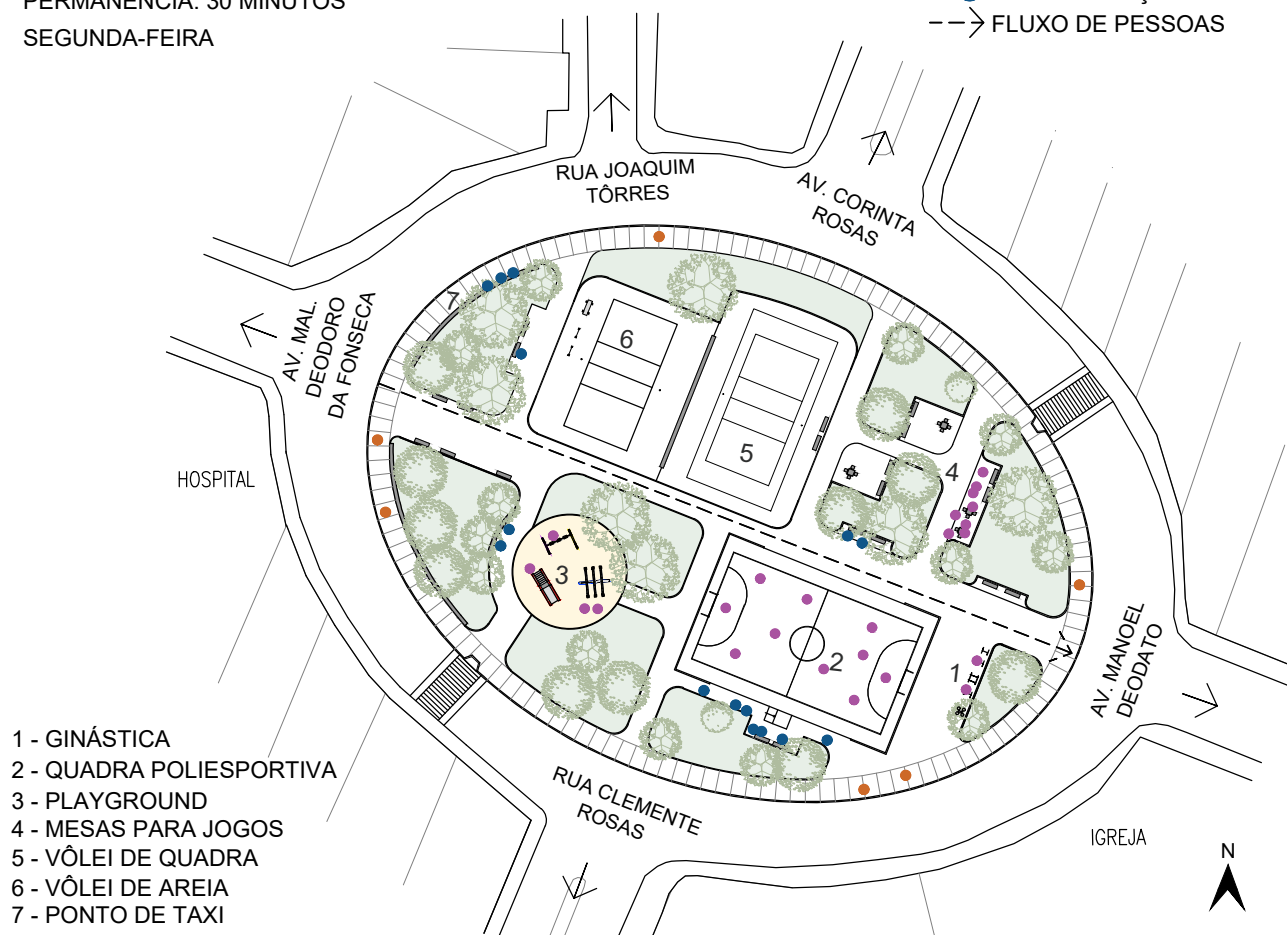
SEGUNDA-FEIRA

● ATIVIDADES ESPORTIVAS E
PLAYGROUND

● CAMINHADA

● CONTEMPLAÇÃO

--> FLUXO DE PESSOAS



MAPA COMPORTAMENTAL 07

03/05/2019 --- 8h

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

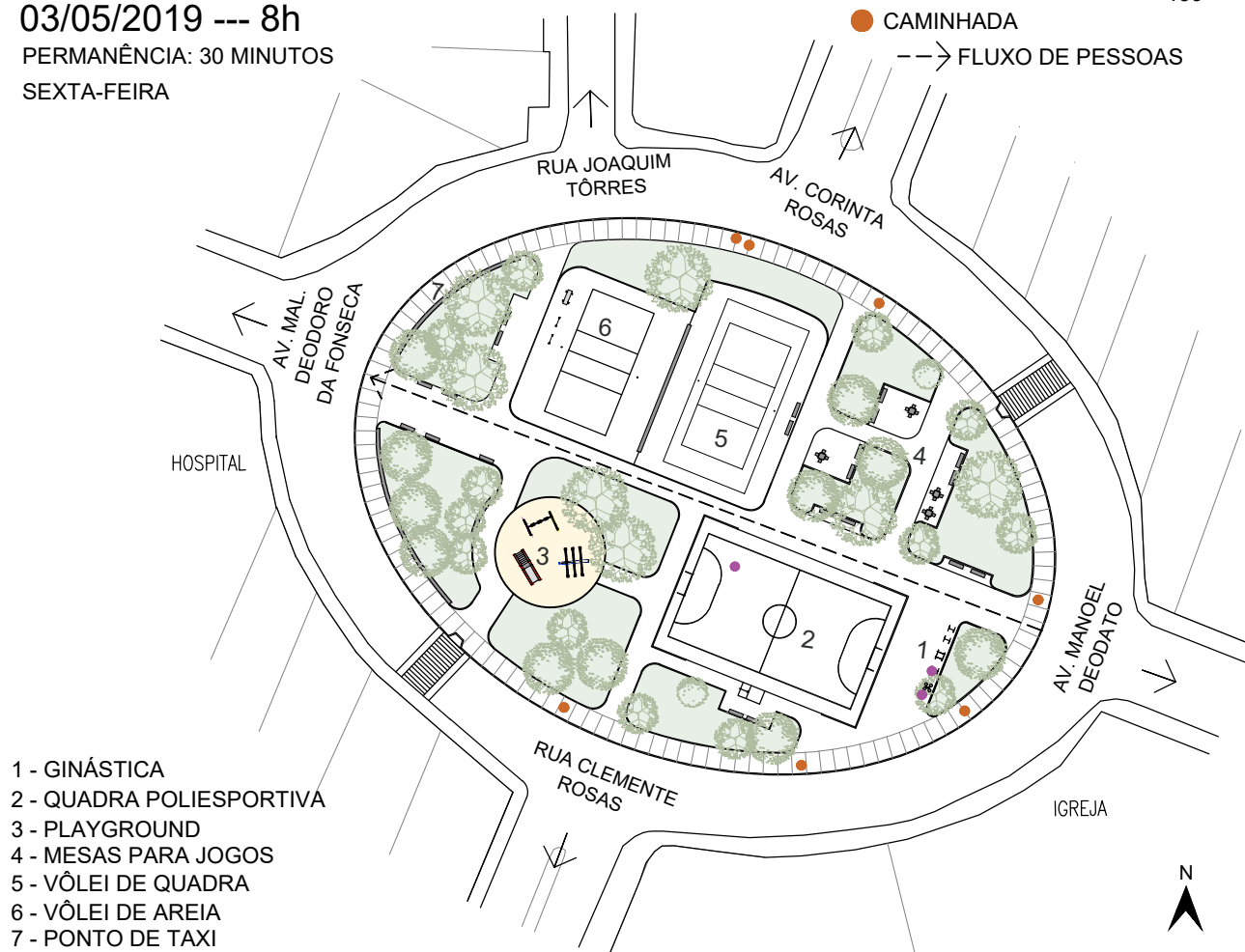
SEXTA-FEIRA

● ATIVIDADES ESPORTIVAS
E PLAYGROUND

139

● CAMINHADA

--> FLUXO DE PESSOAS



MAPA COMPORTAMENTAL 08

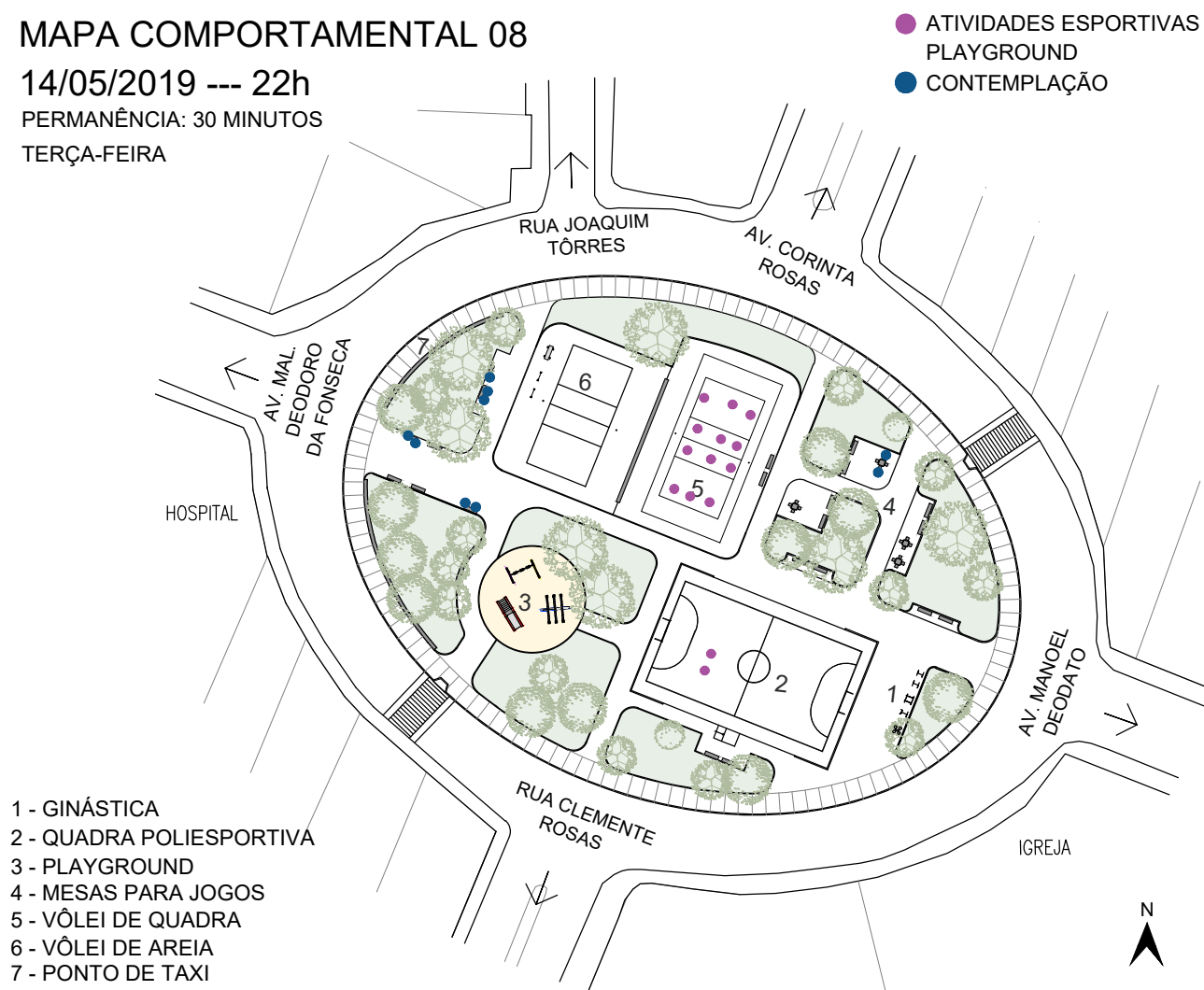
14/05/2019 --- 22h

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

TERÇA-FEIRA

● ATIVIDADES ESPORTIVAS E
PLAYGROUND

● CONTEMPLAÇÃO



MAPA COMPORTAMENTAL 09

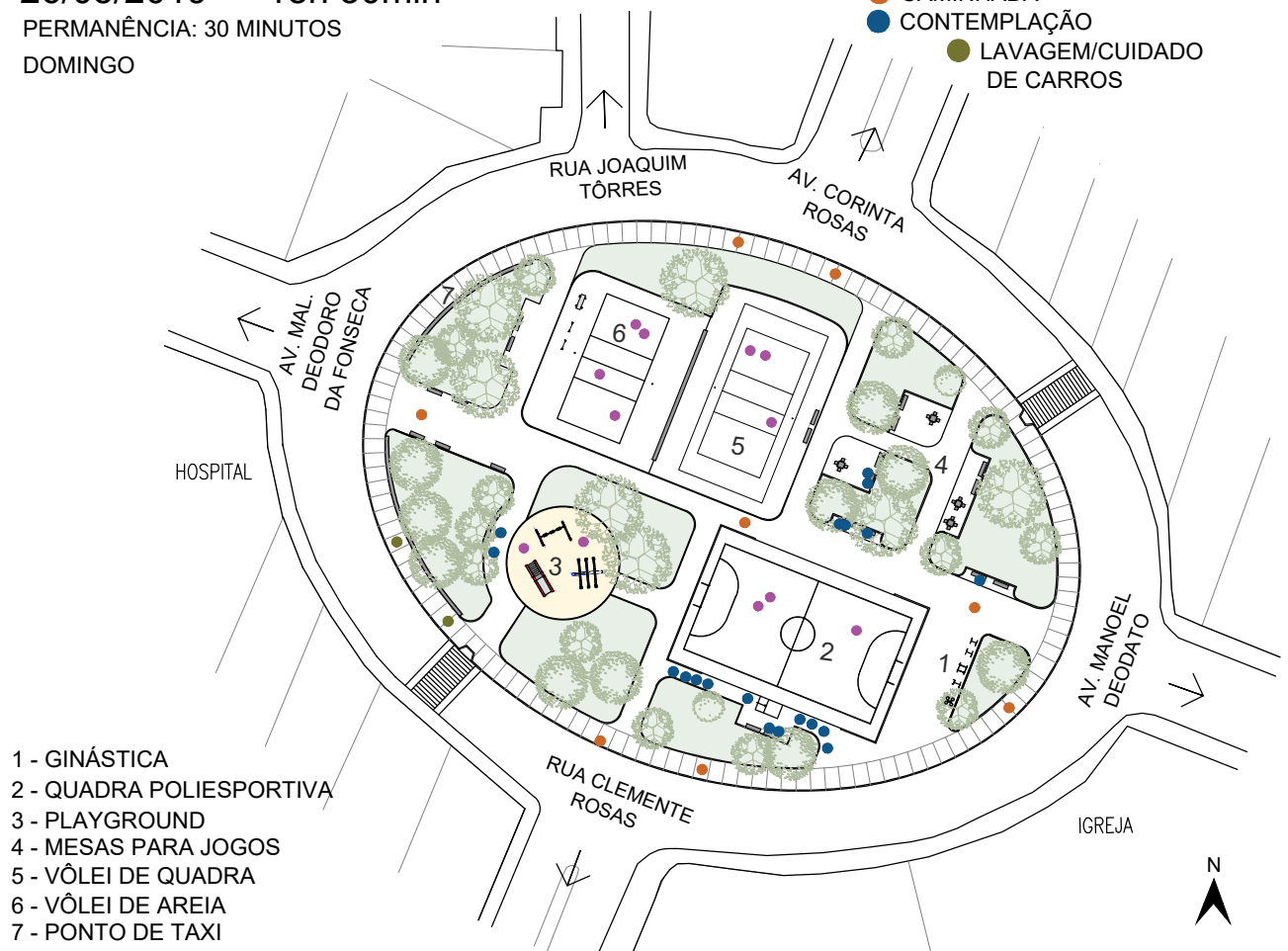
26/05/2019 --- 18h 30min

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

DOMINGO

- ATIVIDADES ESPORTIVAS E PLAYGROUND
- CAMINHADA
- CONTEMPLAÇÃO
- LAVAGEM/CUIDADO DE CARROS

140



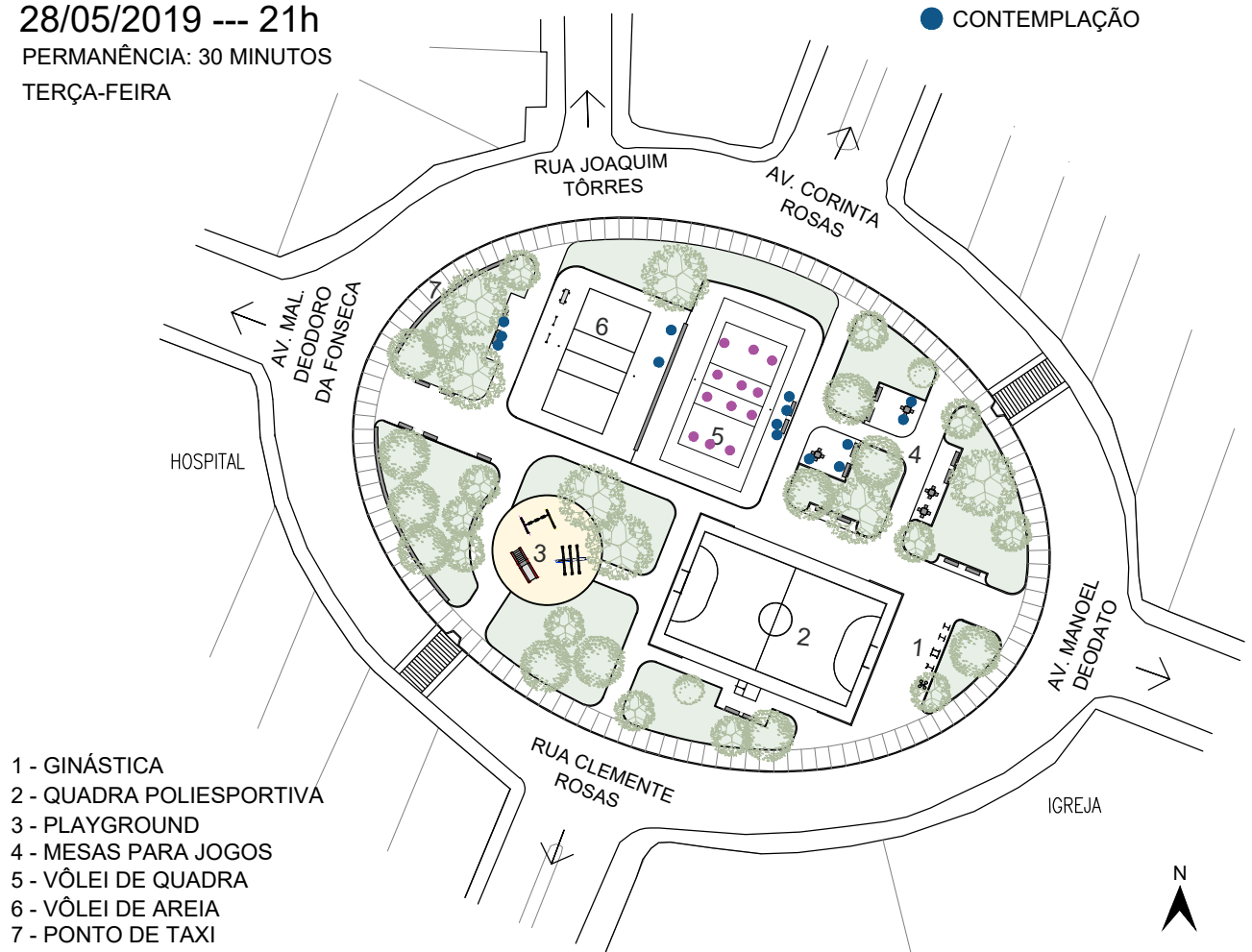
MAPA COMPORTAMENTAL 10

28/05/2019 --- 21h

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

TERÇA-FEIRA

- ATIVIDADES ESPORTIVAS E PLAYGROUND
- CONTEMPLAÇÃO



QUARTA-FEIRA

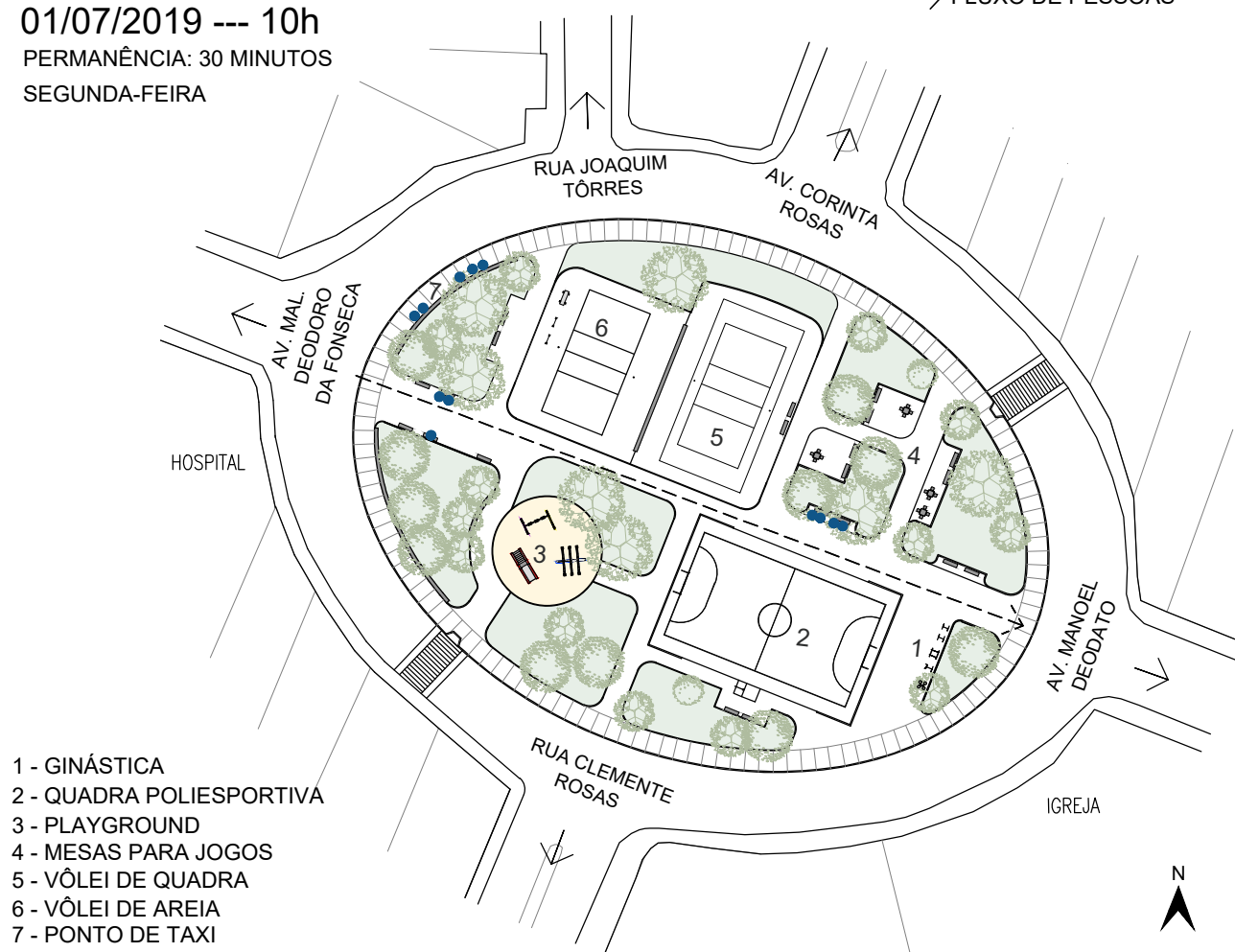
- ATIVIDADES ESPORTIVAS E PLAYGROUND
- CAMINHADA
- CONTEMPLAÇÃO

141



SEGUNDA-FEIRA

● CONTEMPLAÇÃO
--> FLUXO DE PESSOAS



MAPA COMPORTAMENTAL 13

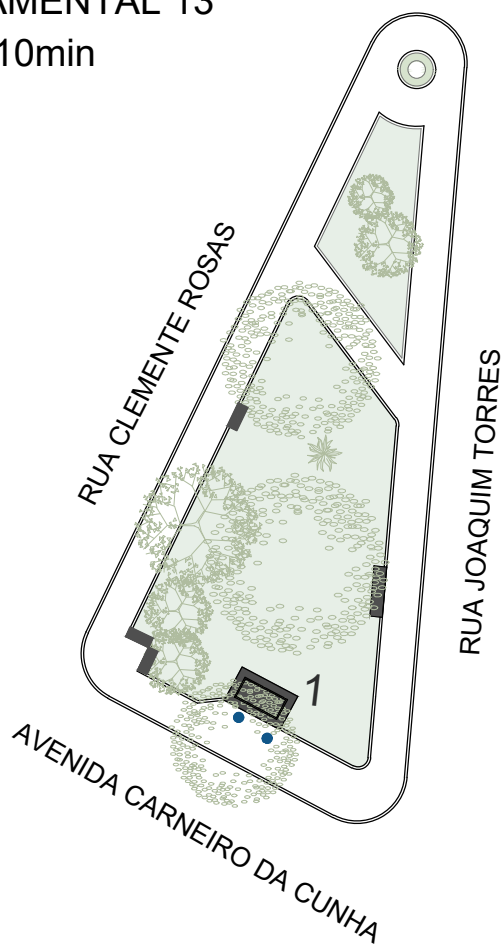
04/10/2018 --- 16h 10min

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

QUINTA-FEIRA

● CONTEMPLAÇÃO

142



1 - FITEIRO

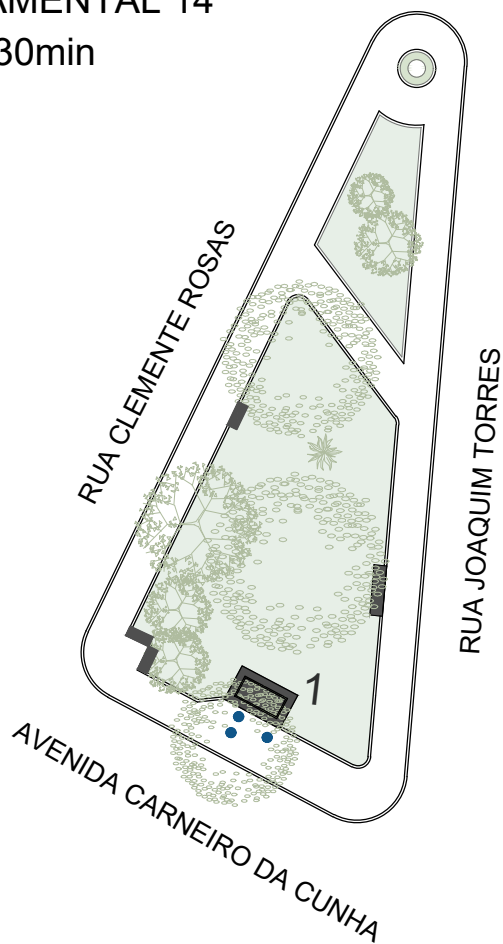
MAPA COMPORTAMENTAL 14

28/01/2019 --- 17h 30min

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

SEGUNDA-FEIRA

● CONTEMPLAÇÃO



1 - FITEIRO

MAPA COMPORTAMENTAL 15

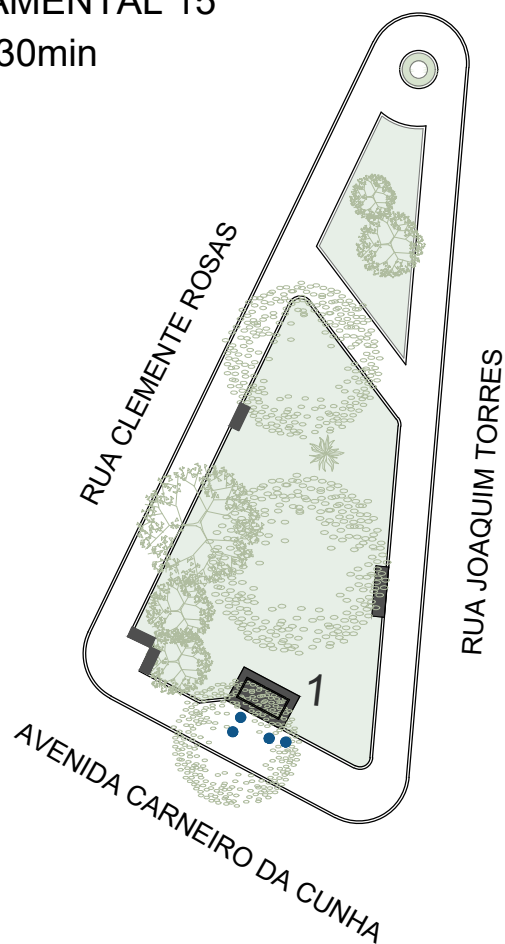
26/06/2019 --- 17h 30min

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

QUARTA-FEIRA

● CONTEMPLAÇÃO

143



1 - FITEIRO



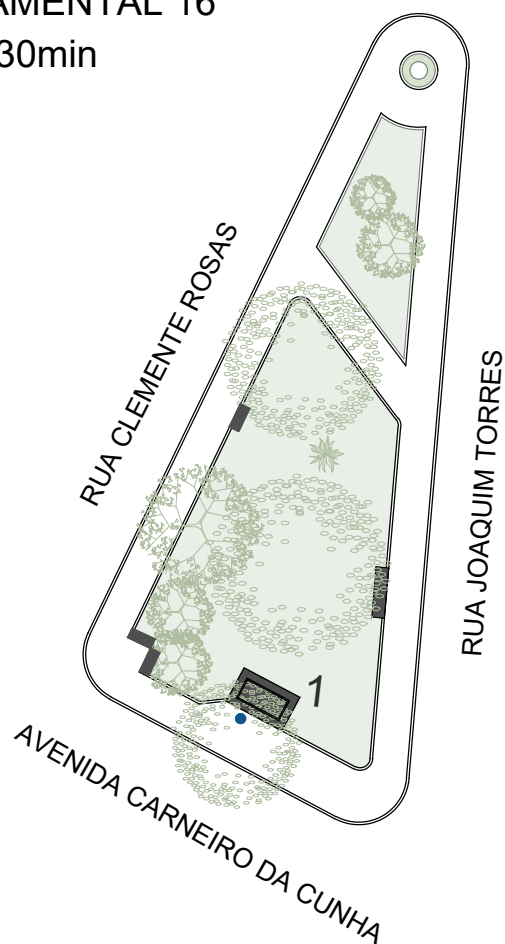
MAPA COMPORTAMENTAL 16

01/07/2019 --- 10h 30min

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

SEGUNDA-FEIRA

● CONTEMPLAÇÃO



1 - FITEIRO



MAPA COMPORTAMENTAL 17

30/09/2018 --- 15h 40min

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

DOMINGO

- CONTEMPLAÇÃO
- TRATAMENTO DA VEGETAÇÃO

144

- 1 - QUADRA DE BASQUETEBOL
- 2 - PLAYGROUND
- 3 - ÁREA COM MESA E BANCOS
- 4 - ÁREA DO FITEIRO



MAPA COMPORTAMENTAL 18

04/10/2018 --- 17h 10min

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

QUINTA-FEIRA

- CONTEMPLAÇÃO
- ATIVIDADES ESPORTIVAS E PLAYGROUND
- > FLUXO DE PESSOAS

- 1 - QUADRA DE BASQUETEBOL
- 2 - PLAYGROUND
- 3 - ÁREA COM MESA E BANCOS
- 4 - ÁREA DO FITEIRO



MAPA COMPORTAMENTAL 19

05/10/2018 --- 14h 10 min

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

SEXTA-FEIRA

● CONTEMPLAÇÃO

145

- 1 - QUADRA DE BASQUETEBOL
- 2 - PLAYGROUND
- 3 - ÁREA COM MESA E BANCOS
- 4 - ÁREA DO FITEIRO



MAPA COMPORTAMENTAL 20

28/01/2019 --- 17h

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

SEGUNDA-FEIRA

● CONTEMPLAÇÃO

● ATIVIDADES ESPORTIVAS E PLAYGROUND

---> FLUXO DE PESSOAS

- 1 - QUADRA DE BASQUETEBOL
- 2 - PLAYGROUND
- 3 - ÁREA COM MESA E BANCOS
- 4 - ÁREA DO FITEIRO



MAPA COMPORTAMENTAL 21

03/05/2019 --- 7h 30 min

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

SEXTA-FEIRA

- CONTEMPLAÇÃO
- TRATAMENTO DA VEGETAÇÃO

146

- 1 - QUADRA DE BASQUETEBOL
- 2 - PLAYGROUND
- 3 - ÁREA COM MESA E BANCOS
- 4 - ÁREA DO FITEIRO



MAPA COMPORTAMENTAL 22

14/05/2019 --- 21h 30 min

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

TERÇA-FEIRA

- CONTEMPLAÇÃO

- 1 - QUADRA DE BASQUETEBOL
- 2 - PLAYGROUND
- 3 - ÁREA COM MESA E BANCOS
- 4 - ÁREA DO FITEIRO



MAPA COMPORTAMENTAL 23

● CONTEMPLAÇÃO

147

26/06/2019 --- 18h

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

QUARTA-FEIRA

- 1 - QUADRA DE BASQUETEBOL
- 2 - PLAYGROUND
- 3 - ÁREA COM MESA E BANCOS
- 4 - ÁREA DO FITEIRO



MAPA COMPORTAMENTAL 24

● CONTEMPLAÇÃO

01/07/2019 --- 11h

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

SEGUNDA-FEIRA

- 1 - QUADRA DE BASQUETEBOL
- 2 - PLAYGROUND
- 3 - ÁREA COM MESA E BANCOS
- 4 - ÁREA DO FITEIRO



MAPA COMPORTAMENTAL 25

04/10/2018 --- 15h 40min

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

QUINTA-FEIRA

● CONTEMPLAÇÃO 148



MAPA COMPORTAMENTAL 26

05/10/2018 --- 10h 20min

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

SEXTA-FEIRA

● CONTEMPLAÇÃO



MAPA COMPORTAMENTAL 27

05/10/2018 --- 13h 40min

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

SEXTA-FEIRA

● CONTEMPLAÇÃO 149



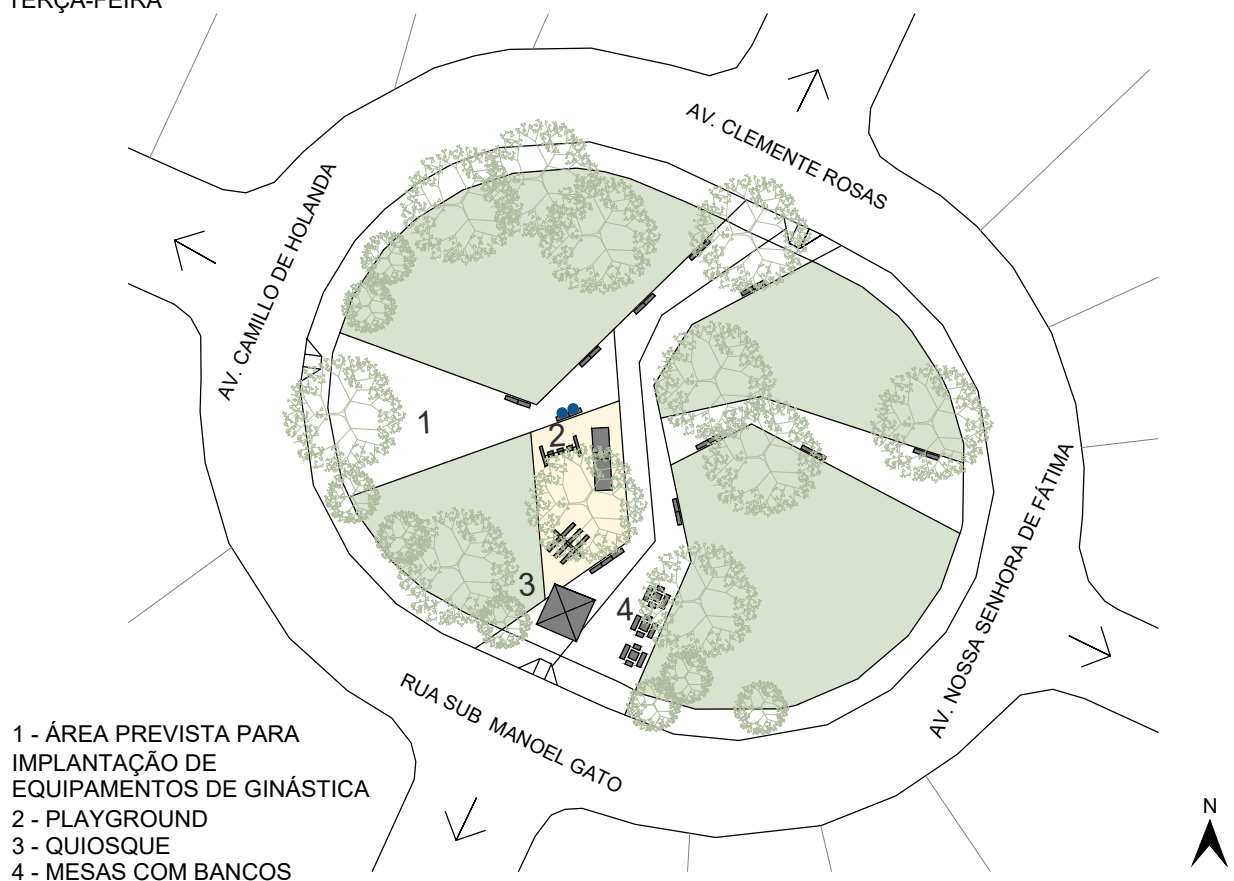
MAPA COMPORTAMENTAL 28

09/04/2019 --- 21h

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

TERÇA-FEIRA

● CONTEMPLAÇÃO



MAPA COMPORTAMENTAL 29

03/05/2019 --- 06h 30min

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

SEXTA-FEIRA

● CONTEMPLAÇÃO 150
● CAMINHADA



MAPA COMPORTAMENTAL 30

14/05/2019 --- 20h 30min

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

TERÇA-FEIRA

● CONTEMPLAÇÃO



MAPA COMPORTAMENTAL 31

26/05/2019 --- 19h

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

DOMINGO

● CONTEMPLAÇÃO
● ATIVIDADES ESPORTIVAS E
PLAYGROUND

151



MAPA COMPORTAMENTAL 32

27/05/2019 --- 8h

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

SEGUNDA-FEIRA

● CONTEMPLAÇÃO



MAPA COMPORTAMENTAL 33

26/06/2019 --- 18h 30min

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

QUARTA-FEIRA

- CONTEMPLAÇÃO
- ATIVIDADES ESPORTIVAS E PLAYGROUND
- CAMINHADA

152



MAPA COMPORTAMENTAL 34

01/07/2019 --- 11h 30min

PERMANÊNCIA: 30 MINUTOS

SEGUNDA-FEIRA

- CONTEMPLAÇÃO
- > FLUXO DE PESSOAS

